



EXAME NACIONAL

Quase 130 mil estudantes fazem provas do Enem, hoje, no estado

Neste primeiro dia, inscritos testarão os conhecimentos em Linguagem, Ciências Humanas e Redação. **Página 5**



Foto: João Pedrosa

Proximidade do verão amplia alerta de riscos aos banhistas

Com o aumento da movimentação no Litoral, situações de afogamento podem se intensificar; Bombeiros chamam a atenção para trechos que devem ser evitados. **Página 7**

■ “Ao lado disso tudo, toca-me o amigo da vida inteira, o Vladimir que ainda não dava sinais do que viria a ser, salvo o esquadismo de nascença, tanto por parte do pai quanto pelo seu lado sensível”.

Gonzaga Rodrigues

Página 2

■ “A tópica dos livros, dos sebos, da biblioteca, que sinaliza para a figura do André leitor e bibliófilo, toca-me a sensibilidade. Como poucos, sabe falar dos livros com propriedade, magia e amor”.

Hildeberto Barbosa Filho

Página 11



Foto: Carlos Rodrigo

Versatilidade do bambu surpreende a indústria

Durabilidade e eficiência energética fazem da planta uma alternativa sustentável para diversos segmentos da economia, desde o cultivo até a produção e a comercialização de peças.

Página 20

Cresce mercado de plano de saúde para animais de estimação em JP

Convênios prometem economia de até 70% nas despesas veterinárias. Médicos especialistas recomendam que, na hora da escolha, o tutor observe a rede credenciada e se informe sobre questões como coparticipação e carência.

Página 17

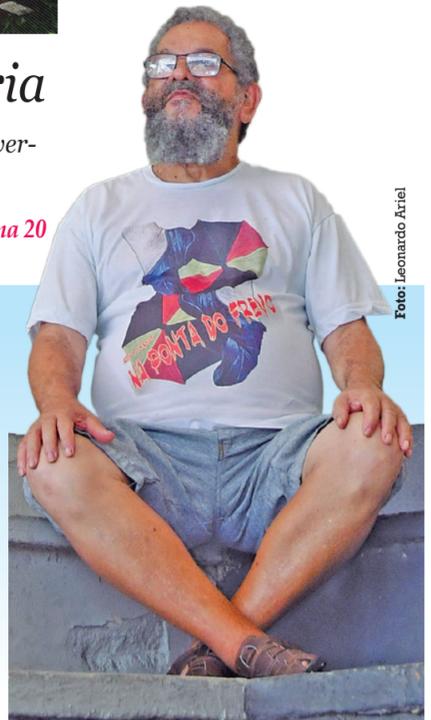


Foto: Leonardo Ariel

Amigos promovem show para ajudar um dos mais importantes músicos da Paraíba

Evento em prol de Pedro Osmar, que sofreu um AVC, será realizado, no próximo dia 9, no Teatro de Arena do Espaço Cultural, às 20h30.

Página 9



150 anos da revolta popular

A partir do movimento iniciado no Agreste paraibano, em 1874, contra o novo sistema de pesos e medidas da época, a reportagem especial destaca as lutas de pessoas que buscam transformar a realidade em que vivem.

Páginas 29 a 36

Editorial

Agroindústria familiar

Saco vazio não fica em pé. O referido adágio popular é utilizado como metáfora relacionada ao fato de que não há como um ser humano viver e, conseqüentemente, executar as mais variadas funções de sua competência diária sem estar devidamente alimentado. Comer, portanto, assim como o respirar, é condição fundamental para a existência.

Apesar do consenso em torno da importância desse ato para a vida, recentemente o Brasil passou por anos bastante complicados em relação ao acesso básico a alimentos. O país, que desde 2014 havia deixado de figurar o mapa mundial da fome, voltou em 2019 e permaneceu até 2022, muito em função da negligência dos poderes públicos e daqueles que ocuparam as instâncias federais nesse período, pouco preocupados com pão de cada dia dos cidadãos e cidadãs brasileiros.

A partir de 2023, no entanto, os números relacionados à insegurança alimentar severa entre os brasileiros voltaram a cair e mais de 14 milhões de pessoas deixaram de passar fome. Quando se está em condição de extrema pobreza e a falta de alimentos é total, qualquer coisa que sirva para saciar e preencher o vazio tem serventia. Porém, quando se fala em segurança alimentar, refere-se a comidas dotadas de valor nutricional.

Diante disso, quem no Brasil oferece a maior parte dessa alimentação nutritiva? A resposta é: agricultura familiar. Essa esfera da economia é responsável por mais da metade da produção agrícola dos gêneros alimentícios consumidos no território nacional. Além do cultivo diversificado de frutas, verduras e grãos, que está diretamente ligado ao processo nutricional, destaca-se o caráter sustentável das práticas de lavoura desenvolvidas, muitas das quais alicerçadas em saberes e valores tradicionais sempre preocupados com a preservação da biodiversidade.

Atentos à importância da agricultura familiar enquanto setor econômico, foi instituído na Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB) o projeto de lei que prevê a criação do programa estadual de agroindústria familiar, com o objetivo de regulamentar ações que agreguem valores às produções desenvolvidas, bem como o fomento cada vez maior ao trabalho agrícola, por meio de concessão de créditos e incentivos fiscais e tributários, incentivo à pesquisa, ao ensino e à assistência técnica para a comercialização e industrialização da produção.

Criar políticas públicas e instituir legislações no intuito de investir na agricultura familiar significa, ao fim e ao cabo, lutar contra a fome no país, de modo geral, e do estado paraibano, em particular. Além disso, representam atos estratégicos de desenvolvimento e civilidade nacional, já que nações civilizadas e desenvolvidas são, necessariamente, feitas por pessoas bem alimentadas.

Artigo

Rui Leitão
rleitao@hotmail.com

O dia da instituição de voto da mulher

O direito ao voto feminino foi conquistado em três de novembro de 1930, por decisão do então presidente do Brasil Washington Luís, depois de longos períodos de reivindicações. Por esse motivo a data de hoje é celebrada como o Dia da Instituição de Voto da Mulher. Foi uma luta que se desenvolveu desde o século XIX, principalmente quando da elaboração da Constituição Republicana de 1891. Uma emenda apresentada por Saldanha Marinho, atribuindo o direito de voto à mulher brasileira, mesmo assinada por 31 constituintes, foi rejeitada, concorrendo para que os movimentos sufragistas fossem intensificados, tendo como principais lideranças Consuelo Ramos Caiaido e Jachintha Luiza do Couto Brandão Peixoto, mãe de Cora Coralina. Várias entidades congregando as militantes feministas foram fundadas. Bertha Lutz criou a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, considerada a primeira sociedade feminista brasileira.

Vários parlamentares manifestaram-se em favor do voto feminino, dentre os quais nosso conterrâneo, o famoso pintor Pedro Américo, que num discurso proferido no dia 27 de janeiro de 1891, assim expressou a respeito: “A maioria do Congresso Constituinte, apesar da brilhante e vigorosa dialética exibida em prol da mulher-votante, não quis a responsabilidade de arrastar para o turbilhão das paixões políticas a parte serena e angélica do gênero humano”. Em que pese o apoio de figuras importantes no cenário político da época, a exemplo de Ruy Barbosa e o Barão do Rio Branco, o Brasil não aproveitou a oportunidade de ter se tornado o primeiro país da América Latina a promulgar o direito de voto feminino.

Em 1928, no Rio Grande do Norte, por proposta do deputado Juvenal Lamartine de Farias, foi sancionada, pelo governador José Augusto Bezerra de Medeiros, a lei que concedia o direito de votar às mulheres norterio-grandenses. As duas primeiras mulheres alistadas como eleitoras no Brasil foram as professoras Júlia Barbosa, de Natal, e Celina Vianna,

de Mossoró, enquanto que Alzira Teixeira Soriano, foi eleita prefeita do município de Lages, pelo Partido Republicano Federal. Essa eleição, todavia, foi anulada pelo Senado Federal.

No ano de 1932, as mulheres brasileiras, enfim, ganhavam o direito de votar e serem votadas pela primeira vez na história do Brasil, através do Código Eleitoral, decretado pelo governo provisório de Getúlio Vargas. Porém, só as mulheres casadas, com aval do marido, ou as viúvas e solteiras com renda própria adquiriam esse direito, restrições só retiradas em 1934, mas, o voto feminino continuava sendo facultativo, passando a ser obrigatório apenas em 1946.

A data de hoje, então, marca o início da participação ativa das mulheres brasileiras na política institucional, ainda que com uma representação que não condiz com o fato de integrar 53% do eleitorado nacional.

“

Vários parlamentares manifestaram-se em favor do voto feminino, dentre os quais nosso conterrâneo, o famoso pintor Pedro Américo

Rui Leitão

Foto Legenda

Leonardo Ariel



Praia e esporte: diversão e prazer

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Vladimir Carvalho: humildade e firmeza

Nem bem termino de ler as *Elegias do poeta maduro*, de Hildeberto Barbosa, expansão em ritmo de repente dos seus 70 anos, bate-me à porta a Regente final surgida das sombras no último fragmento do poema, dessa vez interrompida pelo desgarramento de Vladimir Carvalho de sua obra. Obra que, por mais que eu tente comentar, pouco viria acrescentar a outra elegia, esta em prosa de Silvio Osias, escrita sob o imediato efeito da notícia e, por paradoxal que possa parecer, de final feliz.

Daquela felicidade única para quem se entrega de corpo e alma ao ofício de “nomear o vazio” como se confessa Hildeberto a cada instante: “O poeta ainda insiste / no ato de nomear o vazio”.

Haverá instante mais feliz? Nomear o vazio ou preenchê-lo, seja num achado do poeta ou numa ressurreição da que levou Michelangelo ao “Fala, Moisés!”

Sobre essa felicidade que não se restringe ao poético, mas a tudo que nos parece sair perfeito, veio-nos a prosa de Silvio em contexto de notícia, no jornal em que escreve, o JP.

Ao lado disso tudo toca-me o amigo da vida inteira, o Vladimir que ainda não dava sinais do que viria a ser, salvo o esquerdismo de nascença, tanto por parte do pai quanto pelo seu lado sensível às carências do meio em que nasceu e se criou. E menos de sua casa do que do mundo em redor. Teve um pai a quem sempre ouviu, sobretudo, depois que o perdeu, e para toda a vida.

Na última quarta-feira, recordando entrevista feita há quinze anos com o setuagenário Vladimir, remontando à sua antiga paixão pelo gibi, Audaci Júnior começa afirmando que “Nesses meus 20 anos dedicados ao jornalismo poucas pessoas são tão humildes, simpáticas, atenciosas e dedicadas como Vladimir Carvalho”.

Some-se a essas qualidades a força oculta de sua teimosia. Teimosia de convicções e de fidelidade ao que a ele se impunha justo ou verdadeiro.

Quando concluiu o documentário dedicado à construção de Brasília, o protago-

“

Ao lado disso tudo toca-me o amigo da vida inteira, o Vladimir que ainda não dava sinais do que viria a ser

Gonzaga Rodrigues

nismo recaindo na dureza de vida do cangango, o grande Niemeyer, da veneração ideológica de Vladimir, aparece como cúmplice numa tragédia de muitas vítimas. O épico da obra de Juscelino daria para passar por cima dessas baixas, desse estrago no currículo do grande arquiteto e militante ideológico. Ponderei com meu amigo sobre isso numa de suas vindas aqui. Ele me ouviu com a humildade realçada por Audaci e fechou a produção com a verdade nunca negada aos seus olhos. Olhos que se fecharam para a vida corrente, mas que me encaram refletindo a energia criadora de toda sua obra. Endurecer, sim, mas, sem jamais perder a ternura.

Com o filme a José Américo, que passou a admirar ao saber do discurso de protesto da “cadeira vazia” quando da cassação de Prestes, Vladimir não abriu mão de ouvir o seu contrário, o coronel Cunha Lima, apeado trôpego de sua montaria no documentário “O homem de Areia”. Não deu ouvidos ao meu receio de desagradar a família do autor de A Bagaceira, rendendo-se ao dever de ouvir o outro lado.

Humilde, sim, quando abdicou do direito de emparelhar, com Linduarte Noronha, à direção de Aruanda.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

EMERGÊNCIAS CLIMÁTICAS

Boas práticas da Paraíba podem ser compartilhadas

Comitê Científico de Monitoramento do Consórcio Nordeste se reúne amanhã

Marcelo Lima
 marcelolimanatal@yahoo.com.br

Com o lançamento do Comitê Científico de Monitoramento e Enfrentamento das Emergências Climáticas (CC-MEEC), do Consórcio Nordeste, o Governo da Paraíba poderá compartilhar as boas práticas que têm adotado com os estados vizinhos.

O projeto Regulariza PB é um dos que tem esse potencial. Segundo o gerente executivo de Mudança e Adaptação Climática da Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Sustentabilidade (Semas), Jancerlan Rocha, a iniciativa deve regularizar 12 mil posses e propriedades rurais. E, segundo o que ele sondou, os outros estados não possuem projetos dessa espécie. A regularização fundiária é o primeiro passo para que o pro-

prietário de terras cuide delas conforme a legislação ambiental vigente.

A exemplo do comitê científico instaurado pelo Consórcio Nordeste durante a pandemia de Covid-19, o comitê de emergências climáticas prestará assessoria qualificada aos estados, contribuindo, por exemplo, com atos normativos, monitoramento de políticas públicas e ações integradas entre os estados membros.

Depois de reunião inaugural em Brasília em outubro, o segundo ato do comitê deve ocorrer amanhã, quando seus integrantes apresentarão um diagnóstico sobre as questões climáticas. Conforme Rocha, uma nova reunião, dessa vez on-line, está pré-agendada para o sábado (8).

Caráter científico

Cada estado da região



Foto: Divulgação

Na última reunião do comitê, foi debatida a questão do clima

tem direito a dois representantes. Pela Paraíba, um deles é Jancerlan Rocha, doutor em geografia. Conforme Jancerlan, a segunda vaga paraibana deve ser preenchida, em breve, por uma meteorologista da Agência Executiva de Gestão de Águas (Aesa).

Além do forte currículo no campo da pesquisa científica, os indicados por todos os estados têm passagem pelo Executivo, segundo Rocha. A coordenação do comitê é de responsabilidade da geóloga Olívia Oliveira, indicada pela Bahia.

UN Informe

DA REDAÇÃO

PARCERIA ENTRE POLÍCIA CIVIL E GAECO NA PB É ENALTECIDA POR AUTORIDADE DO GOVERNO FEDERAL

As ações realizadas em parceria entre a Polícia Civil da Paraíba e o Gaeco do Ministério Público foram elogiadas pelo diretor de Operações Integradas e de Inteligência da Secretaria Nacional de Segurança Pública (Senasp), Rodney da Silva, durante reunião com diretores da Delegacia-Geral da PCPB. “Passados 22 anos em que acompanho o crescimento do trabalho das instituições na Paraíba, posso dizer que o Estado é um dos exemplos no que diz respeito à integração e à colaboração institucional das Forças de Segurança. Apesar das dificuldades próprias da atividade, Polícia Civil, Ministério Público e outros parceiros na luta contra o crime organizado têm obtido grandes resultados no que diz respeito a prisões, apreensões e descapitalização desses grupos criminosos”, destacou Rodney. As duas instituições vêm realizando diversas operações policiais de grande impacto na Paraíba, para impedir que facções criminosas oriundas de outros estados estabeleçam vínculos em território paraibano. Um exemplo foi a Operação Renita, em junho deste ano, que cumpriu 88 mandados judiciais, entre prisões e buscas, na grande João Pessoa.

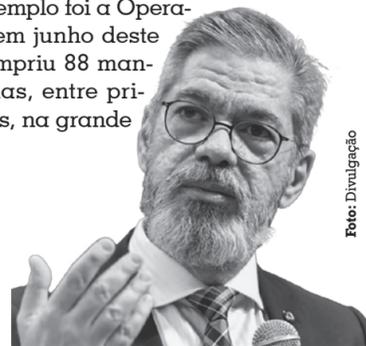


Foto: Divulgação

Ações desenvolvidas pelo Governo do Estado

A emergência climática também requer ações de governo para adaptação às mudanças e redução dos impactos das atividades humanas sobre o meio ambiente. Essa preocupação toma corpo nos diversos programas e projetos no Plano Plurianual 2024-2027 do Governo Estadual.

O projeto Viveiros Parahyba do Futuro, por exemplo, prevê a estruturação de rede de viveiros florestais. Na frente que impacta os rios, o Projeto Corredor das Águas prevê a “recuperação ou restauração ambiental de matas ciliares de rios e nascentes através de sistemas agroflorestais”, informou Rocha. Junto com o Regulariza PB, todos esses projetos formam o programa Paraíba Mais Verde.

Além de investimento por recursos próprios, o estado também foi selecionado pelo edital do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (Fida) para investimento de R\$ 150 milhões distribuídos para 145 municípios paraibanos, beneficiando 38 mil famílias.

O “Projeto Sertão Vivo: semeando resiliência em comunidades rurais do Nordeste” vai implantar sistemas produtivos resilientes ao clima, com a construção de infraestrutura que apoie a pequena produção agrícola e a qualificação, principalmente de mulheres e jovens, para atuar na economia solidária.

Trabalho conjunto

As ações nesse sentido não se restringem à Semas, uma vez que o desenvolvimento sustentável alcança todos os aspectos da vida humana e consequentemente da atuação de um governo. Isso fica evidente no processo de criação da unidade de conservação da Serra de Santa Catarina. Acatada pela população local no ano



Foto: Evandro Pereira

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba é parceiro do Programa Prear

passado, o processo envolve também a Secretaria de Planejamento e a Empresa Paraibana de Pesquisa, Extensão Rural e Regularização Fundiária (Empaer).

“Uma grande área que vai poder ser o nosso banco de reserva para poder fazer o sequestro de dióxido de carbono”, disse Jancerlan Rocha. Isso porque as plantas “inspiram” esse gás causador do efeito estufa. Em contrapartida, elas liberam oxigênio. Dessa forma, aliviam o principal processo que tem aumentado a temperatura do planeta.

Conforme o gerente, a zona de exclusão para licenciamento ambiental e zona de não perturbação do radiotelescópio Bingo (Baryon Acoustic Oscillations from Integrated Neutral Gas Observations) recentemente criada é uma demonstração de como ações coordenadas e integradas são uma via de, no mínimo, mão dupla. Neste caso, para o desenvolvimento da ciência e para o meio ambiente, pois é um passo inicial que vai redundar na criação da unidade de conservação na região.

“A [unidade de conservação da] Serra de Santa Catarina é o marco que precisa ser implantado, porque é nela que vai ter toda a res-

trição. Quando se cria uma unidade de conservação, tudo que está no entorno dela e dentro dela fica restrito”, defendeu.

Arranjos institucionais

Também há ações com parceiros fora do Executivo Estadual, como o Programa Prear, capitaneado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB). A parceria resultou na ampliação do programa para fazer um diagnóstico sobre questões ambientais costeiras de nove municípios paraibanos e facilitar a gestão dessas áreas. Além do instituto e do Governo do Estado, o Ministério Público Federal também é um dos parceiros.



Foto: Divulgação / Semas-PB

Uma grande área que vai poder ser o nosso banco de reserva para poder fazer o sequestro de dióxido de carbono

Jancerlan Rocha

Saiba Mais

Mais ações governamentais:

■ Calendário oficial de operações de fiscalização ambiental do governo da Paraíba para o combate ao desmatamento ilegal na Paraíba e elaboração dos eixos estratégicos do Programa Estadual de Monitoramento ao Desmatamento Ilegal.

■ Aquisição de 12 equipamentos de combate a incêndios florestais (Soprador Costal 2T) para o Corpo de Bombeiros Militar da Paraíba, visando reduzir os focos de fogo ou calor em vegetação nativa.

■ Desenvolvimento de portal ou plataforma GIS (Geographic Information System) com sistema de compartilhamento de dados e análises geoespaciais, com visualizador de mapas (em Web Mapping) e painéis de visualização de dados.

TURISMO E DESENVOLVIMENTO (1)

Durante o Encontro de Gestores 2025, que reuniu prefeitos de cidades paraibanas e de Pernambuco, na última sexta-feira (1º), em João Pessoa, o prefeito Cícero Lucena apresentou as práticas de governança da Gestão Municipal e recebeu elogio do ministro do Tribunal de Contas da União (TCU), Augusto Nardes, pelo destaque da cidade nas áreas do Turismo e de Desenvolvimento.

TURISMO E DESENVOLVIMENTO (2)

O prefeito Cícero Lucena atribuiu os avanços nessas áreas à melhoria de sua infraestrutura, cuidado com a orla e projetos em parceria com o Governo do Estado. “João Pessoa está vivendo esse momento especial, onde o Brasil todo, os órgãos, os fiscalizadores e a população de um modo geral têm reconhecido todo o esforço e todo o trabalho da Prefeitura em parceria com o Governo do Estado”, afirmou.

DE VOLTA

O suplente de senador Diego Tavares está de volta à Secretaria de Gestão Governamental. A nomeação foi publicada na edição do Diário Oficial do Município de quinta-feira, dia 31. Tavares havia deixado a pasta para se dedicar integralmente à campanha de reeleição do prefeito Cícero Lucena, assim como fizeram outros membros da equipe da gestão municipal.

WEBINÁRIO NO TJPB

A Escola Superior da Magistratura (Esma) realizou, na sexta-feira (1º), um webinar sobre o tema “Pessoas idosas e suas interseccionalidades no Poder Judiciário da Paraíba”. O evento foi transmitido pelo Zoom e pela plataforma do YouTube, alcançando magistrados e servidores do Poder Judiciário estadual e o público em geral. A abertura foi feita pela professora Milena Barbosa de Melo, editora-chefe da Revista Cognitio da Esma.

EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Mais cinco instituições de três estados abriram chamadas para o Curso de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva voltado a professores que estão em sala de aula da Educação Básica. Entre elas estão a Universidade Federal da Paraíba e a Universidade Estadual de Campina Grande, onde as inscrições estão abertas até o dia 29 de novembro, no endereço <https://suap.uepb.edu.br/eventos/inscricao/103/>.

SEMANA DE CONCILIAÇÃO É ABERTA COM HOMENAGEM A RAIMUNDO ASFORA

Com uma palestra em homenagem ao poeta e advogado Raimundo Asfora, morto em 1987 e reconhecido por ser um grande adepto da conciliação, proferida pelo juiz Antônio Reginaldo Nunes, a Comarca de Campina Grande abriu a 19ª Semana Nacional da Conciliação (SNC) na última sexta-feira (1º). As audiências conciliatórias vão acontecer no período de 4 a 8 de novembro, com a realização de 115 sessões.

Jailson Galvão

Presidente da PBGás

“Temos sido um aliado na atração de empreendimentos”



Foto: Leonardo Ariei

Gestor destaca expansão da infraestrutura da companhia paraibana e investimentos na área de transição energética

Lilian Viana
lilian.vianacaneva@gmail.com

No dia 25 de outubro deste ano, a Companhia Paraibana de Gás (PBGás) celebrou 30 anos de atuação no mercado paraibano. Um marco que simboliza não apenas a resiliência e o crescimento da empresa, mas também sua contribuição vital para o desenvolvimento sustentável do estado. A companhia passou por significativas transformações e, hoje, opera sob a gestão do Governo da Paraíba e da Mitsui Gás, mantendo o compromisso com a inovação e a sustentabilidade. Em entrevista ao Jornal A União, o presidente da empresa, Jailson Galvão, destacou a expansão da infraestrutura de gasodutos, a importância do gás natural na transição energética e as iniciativas da empresa em promover práticas sustentáveis e em investir em energias renováveis, como o biogás.

A entrevista

■ Como você resume a história da PBGás aqui no estado?

Uma história de realizações, de contribuição para o desenvolvimento do estado, num crescimento constante, desde o início, quando se recebeu os ativos que, até então, eram da Petrobras, que era acionista juntamente com a Mitsui Gás e a Energia do Brasil. Atualmente, a empresa tem apenas dois acionistas: o Governo do Estado, com 76% das ações, e a Mitsui Gás, com 24%. A Petrobras, hoje, não faz parte do quadro de acionistas da empresa, mas já fez parte e teve uma atuação importante, porque é conhecedora dessa atividade de petróleo e gás, por excelência, e deixou seu legado aqui na companhia. E a companhia segue adiante, contribuindo com o grande momento que o estado da Paraíba se encontra. Temos dado a nossa cota de contribuição para isso, apoiando os grandes empreendimentos, expandindo a nossa rede de gasodutos, tanto aqui em João Pessoa e na Região Metropolitana quanto na cidade de Campina Grande. Nós contribuímos com a oferta de infraestrutura que possibilita o uso desse energético, ou seja, com todos os nossos investimentos, com a contribuição de tributos decorrentes das nossas atividades, temos sido um aliado na atração de empreendimentos para o estado, porque as empresas mais atualizadas procuram um energético aliado à questão ambiental, à questão da transição energética.

■ Nesses 30 anos de atuação da PBGás, o que mudou no mercado do gás natural no estado?

Diferente de 30 anos atrás, hoje, o mercado já entende os benefícios do gás canalizado. Nesse tempo, realizamos um trabalho junto aos industriais, para que eles pudessem converter seus equipamentos, que usavam óleo combustível, para o gás natural. O óleo combustível tem um impacto ambiental muito forte e negativo. Então, o gás natural chegou com essa pegada ambiental e, ainda, como uma vantagem econômica, já que é 20% mais barato energeticamente em relação ao óleo combustível. Nesse tempo, o mercado de gás natural também avançou nos outros

segmentos, como no veicular e no varejo. Há 30 anos, nós não tínhamos nenhum cliente residencial ou comercial, que é o varejo. Hoje, já atendemos a todos esses segmentos com gás natural canalizado.

■ Atualmente, quantos clientes são atendidos pela empresa?

Na indústria, atendemos as 39 maiores da Paraíba, aqui em João Pessoa e em Campina Grande. Nessas duas localidades, são cerca de 450 clientes comerciais e mais de 32 mil clientes residenciais, consumidores do gás canalizado em suas residências, por meio dos condomínios verticalizados e horizontais, que já têm a oportunidade de ter o gás natural canalizado com seus atributos: não precisa armazenar, consome de acordo com a sua demanda e paga só após o consumo. É importante ressaltar que o gás natural é mais seguro, porque é mais leve que o ar e, em qualquer vazamento, é rapidamente dissipado, e economicamente também é vantajoso.

■ Qual a economia gerada pelo uso de gás natural automotivo? Essa economia também é sentida nas residências, com o gás encanado?

O gás natural veicular sempre foi mais vantajoso, do ponto de vista energético, que os combustíveis líquidos. Agora, para fazer o usuário se sensibilizar com isso, nós precisamos estar em um patamar de 30% da economia. E isso, nós fazemos. É uma economia bastante importante para taxistas, para motoristas de aplicativo, para pessoas que têm sua pequena frota, que rodam muito, para as pessoas que trabalham com seus veículos, como representantes comerciais. Também estamos competitivos nos outros segmentos. No caso do varejo, além da economia, há o atributo de não precisar armazenar. Você tem um estabelecimento comercial, um restaurante, uma lanchonete, que, em vez de cilindro, tem apenas uma válvula e um medidor de entrada, que ocupa bem menos espaço. E, como eu disse anteriormente, você paga o que você consumiu, você não compra antecipadamente. Do ponto de vista de segurança, ele se dissipa rápido, se houver algum

vazamento. Então, são atributos importantes e que fazem o gás natural ser o energético principal ou prioritário para consumo doméstico em países desenvolvidos.

■ A empresa tem concentrado esforços na expansão do serviço para outros municípios, como Cabedelo, por exemplo, com a construção do gasoduto que ligará a cidade até João Pessoa. Qual a previsão para o término da obra e quais os benefícios para a região?

Dentro da expansão da PBGás, tem a ligação do Moinho Dias Branco. Esse é um grande símbolo para nós. Estamos com a obra em andamento, avançando. Seguimos pelo Bessa, por Intermars, por todo aquele mercado ali de Cabedelo, até chegar ao cliente âncora, como nós chamamos, que é o Moinho Dias Branco. Depois de longos anos de convencimento para que eles utilizassem o gás natural canalizado, nós estamos com a obra em andamento com a previsão de, no primeiro trimestre de 2025, chegarmos com o gás finalmente na extremidade do Porto de Cabedelo. Essa construção faz parte do gasoduto João Pessoa-Cabedelo, que estamos expandindo cerca de 14 km. Mas, ao longo desse traçado, nós vamos atender os demais clientes: postos de combustíveis, comércio e residências daquela região bastante promissora e desenvolvida e, também, ao longo da nossa orla, até a chegada do porto, propriamente dito. Nós podemos estimar cerca de R\$ 8 milhões, especificamente, nessa obra. É uma infraestrutura que estará disponível para outros consumos. No porto mesmo, algumas empresas precisam fazer, por exemplo, o aquecimento para a conserva e o armazenamento do combustível. Além disso, qualquer outra indústria que venha a se instalar naquela localidade já contará com uma estrutura adequada para a utilização do gás natural. Como nós seguimos nesse traçado litorâneo, há essa vocação comercial, em bares, restaurantes e hotéis que já estão instalados e que vão se instalar pelo potencial econômico que tem a região. E nós estaremos com a nossa infraestrutura disponível para esses novos consumidores.

■ O gás natural tem se tornado um componente estratégico da transição energética no Brasil e aqui na Paraíba, ao lado da energia solar e da energia eólica. Por que o gás natural é uma boa alternativa?

Por sua queima integral, por disseminar menos resíduos e menos gases do efeito estufa do que os outros combustíveis fósseis, o gás natural tem uma vida útil, vamos dizer assim, bem maior do que o petróleo. Por isso, é o chamado combustível da transição energética, que vai estar aí com as energias alternativas dentro de uma linha do tempo. O gás natural ainda será bastante utilizado, ainda estará bastante aliado ao desenvolvimento sustentável e à menor emissão

de gases do efeito estufa.

■ Além de incentivar a energia mais limpa do gás natural, a empresa também vem desenvolvendo práticas mais sustentáveis em suas obras?

As nossas obras estão alinhadas à questão da sustentabilidade, na questão do cuidado com o meio ambiente, na questão social, na geração de emprego e, lógico, na questão da atividade econômica. Nós aplicamos, nas nossas obras, por exemplo, o furo direcional, que é um método em que, para instalar o gasoduto, não se faz escavações, mas utiliza-se uma máquina que faz um furo direcional. Então, é menos impacto nos locais onde há implantação do gasoduto e, consequentemente, na mobilidade e na circulação de veículos e de pessoas. Nós buscamos diminuir os transtornos para a população das áreas onde os gasodutos são construídos e a rede é expandida. Além de sustentável, é uma tecnologia que favorece uma maior agilidade.

■ A PBGás também tem investido na fabricação do biogás. Como anda essa iniciativa?

Está no nosso radar ter fontes alternativas ou fontes renováveis de oferta do biometano, que é um biogás, um energético de origem orgânica. Essa é uma tendência inevitável. Nós temos tratativas com a empresa que administra o aterro sanitário de João Pessoa e estamos desenvolvendo esforços para diminuir os custos que ainda são altos, em termos tecnológicos. Mas devemos, brevemente, convergir e ter uma oferta aqui na Paraíba de biometano, muito provavelmente. Faz parte dessa visão de médio e longo prazo, ou até de uma tendência inevitável, que é ter o biometano como uma alternativa de suprimento para a companhia distribuidora de gás do estado.

■ A PBGás também está à frente do projeto de rede de gás canalizado no Polo Cabo Branco. Quais os benefícios do projeto para os empreendimentos do polo?

Da mesma forma que estamos alinhados com outros projetos estratégicos do estado, a exemplo do Porto de Cabedelo e cruzando a Ponte do Futuro, nós temos a visão de chegar com o gás, até o fim de 2025, ao Polo Turístico do Cabo Branco. Esse grande polo, que vai transformar a realidade hoteleira de João Pessoa e da Paraíba como um todo. O gás natural canalizado vai estar lá, ofertando para os resorts as vantagens do gás. Será um ano de grandes marcos para a PBGás.

■ Qual a prioridade de investimentos da PBGás, atualmente?

Eu diria que é um compromisso da PBGás estar atenta aos segmentos que, hoje, nós atendemos: industrial, veicular e o varejo — que é composto pelo comercial e

“

Está no nosso radar ter fontes alternativas ou fontes renováveis de oferta do biometano

o residencial. Mas, hoje, nós temos um plano de aceleração do nosso segmento comercial, porque, na verdade, a nossa realidade mostra essa vocação do nosso mercado. A cidade tem crescido, tem sido atrativa, tem prédios em construção, tem um polo gastronômico importante, tem hotéis que estão sendo construídos. Então, esse foco do segmento de varejo é uma estratégia nossa. As indústrias estão consolidadas, mas num crescimento proporcional. Nós enxergamos que o mercado de varejo é a vocação nesse momento.

■ O fortalecimento da cultura e do esporte também estão entre as prioridades?

Perfeitamente. Nós temos apoiado eventos culturais e esportivos do estado, como o Festival de Música da Paraíba; o FestAruanda, que já está na tradição do nosso calendário; e o Projeto Seis & Meia, por exemplo. E, ainda, investimos em ações de entidades sociais de esporte, como o Festival Paralímpico, além da Associação Paraibana dos Atletas Paralímpicos. Isso mostra o aspecto de uma empresa genuinamente paraibana inserida nesse contexto cultural, nesse contexto esportivo, nesse contexto de interação e de responsabilidade social.

■ Por fim, como você enxerga a PBGás daqui a cinco anos?

Nós estamos, inclusive, renovando o nosso ciclo de planejamento estratégico. Então, nós enxergamos a PBGás bem financeiramente, estável financeiramente, podendo realizar seus investimentos. Temos alguns desafios de competição com outros energéticos e, por isso, precisamos ter uma política nacional que estabeleça a prioridade dos combustíveis, alinhada com a transição energética, com o gás natural. Dessa maneira, enxergamos a PBGás chegando ao horizonte da sua concessão, que vai até 2044, atendendo com bastante eficiência, sendo uma referência para o setor, principalmente no Nordeste, em termos de usuários, em termos de qualidade de serviço, de atendimento eficiente aos consumidores. Esse é o caminho que a PBGás trilhará, eu tenho certeza.

1º DIA DE PROVAS

Enem reúne 130 mil estudantes hoje

Além da ansiedade para saber o que cairá no exame, jovens lidam com a difícil decisão sobre qual carreira seguir

Lilian Viana
lilian.vianacaneana@gmail.com

Hoje é o primeiro dia do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e mais de 4,3 milhões de pessoas se inscreveram para as provas, que serão realizadas em 10 mil locais de aplicação. Só aqui na Paraíba, quase 130 mil estudantes farão as provas, que, hoje, incluem Língua Portuguesa e Inglês ou Espanhol, Ciências Humanas e Redação. No próximo domingo (10), serão aplicadas questões de Matemática e de Ciências da Natureza.

Após alguns anos de preparação e um ano inteiro dedicado ao conteúdo do Enem, os estudantes se sentem ansiosos não só com as provas, mas, principalmente, em relação ao curso que escolherão para seguir na vida. Entre eles, Letícia Vitória Barbosa, de 18 anos, expressa suas dúvidas. “Ainda não sei o que quero fazer. Fisioterapia me interessa, mas não tenho certeza se realmente gostarei da profissão ou se ela será rentável”, revela a estudante, refletindo uma preocupação que é comum entre os jovens que estão prestes a decidir suas carreiras.

É o caso também de Leandra Emily Martins, de 17 anos. Embora se identifique e goste muito de Matemática, ela não sabe se seguirá pelo caminho da Engenharia ou da Licenciatura. “São ideias que eu gosto, mas ainda não decidi, porque não conheço, de perto, a atuação dos profissionais”, diz.

Segundo a professora de História Carolyne do Monte, Letícia e Leandra não estão sozinhas nessa insegurança em relação ao futuro. Com cerca de 10 anos de sala de aula, ela tem percebido que a falta de clareza nas escolhas dos alunos é muito mais comum do que se imagina. “Muitos che-



Ciclo de estudos e preparação para o Exame Nacional do Ensino Médio se aproxima do fim; segundo dia de provas é no próximo domingo



Adolescentes devem explorar habilidades e interesses antes de escolher um curso superior

Escolha da profissão exige pesquisa de mercado e planejamento prévio

Antes de escolher uma profissão, é preciso levar em conta vários elementos, como aptidão, identificação com o conteúdo e com a linha de estudo daquele curso, como sugere o estrategista de carreira Rodrigo Apolinário. Ele destaca, ainda, a necessidade de conversar com profissionais da área em que o adolescente mais se identifica, para compreender a rotina e o caminho percorrido pelo profissional. “Esse adolescente também precisa fazer uma previsão orçamentária para entender como é esse profissional no mercado de trabalho. Isso, claro, não é uma prioridade na escolha, mas deve ser levado em consideração também”, aconselha.

Outro ponto importante, segundo o profissional, é avaliar as condições, as ofertas e as expectativas de trabalho. “Por exemplo, eu tenho um grande amigo que se formou em Engenharia de Minas, pela Universidade Federal de Campina Grande, mas ele sabia que não tinha muitas ofertas profissionais na região. Hoje, ele mora em Vitória da Conquista, no interior da Bahia, porque lá é onde estão as grandes oportunidades profissionais para o curso no qual ele se formou. Então, essa consciência também é importante prever”, complementa Rodrigo.

Rodrigo destaca, ainda, que esse planejamento deve ser construído ao longo dos anos e não apenas no momento do Enem. Por isso, segundo ele, a escola pode desempenhar um papel

fundamental nesse processo de maturidade da escolha dos adolescentes. “Dentro dos conteúdos técnicos, os alunos vão percebendo quais são as disciplinas com maior aptidão. Existem alunos que têm notas maiores em disciplinas da área de Exatas, ou de Humanas, ou de Saúde. Então, é natural que, sim, você tenha uma base profissional que já começa na escola”, ressalta.

Além desses aspectos técnicos, as competências emocionais e sociais têm sido levadas em consideração não só na faculdade, mas, especialmente, no mercado de trabalho. Algumas escolas, inclusive, estão atentas a essa realidade moderna, trabalhando aspectos que possibilitem o amadurecimento e a análise crítica dos estudantes. Uma delas, a Prime’s Cool, no bairro Pedro Gondim, em João Pessoa, tornou-se referência pela sua metodologia considerada disruptiva, que leva consideração a aprendizagem ativa, incentivando os estudantes a explorarem seus interesses e a desenvolverem habilidades que vão além do conteúdo tradicional. Assim, busca preparar os alunos não apenas para os desafios do Enem, mas também para a vida.

“Em vez dos métodos tradicionais, o Prime’s Cool incentiva a aprendizagem prática e a inovação, promovendo um ambiente onde os estudantes podem explorar suas habilidades e interesses de maneira significativa. Por meio de projetos reais, mentorias e atividades que simu-

lam situações profissionais, a escola ajuda os jovens a se conectarem com diferentes áreas, proporcionando experiências imersivas que revelam suas aptidões e paixões. Esse formato permite que os alunos tomem decisões assertivas sobre o futuro, com maior autoconhecimento e segurança para trilhar seus caminhos profissionais”, argumenta a coordenadora pedagógica da escola, Lorena Guimarães.

Para Elizabeth Costa, esse tipo de metodologia pode fazer diferença na vida dos adolescentes, já que trabalham aspectos importantes para o crescimento pessoal e profissional, possibilitando uma segurança maior na tomada de decisões pelos adolescentes. “Assim, eles mesmos se sentem protagonistas das suas histórias e bem mais conscientes das suas decisões. Quando os alunos veem a relevância do que estão estudando, em suas vidas futuras, eles se dedicam mais e alcançam resultados melhores”, resume.

Apoio familiar é essencial à jornada de autoconhecimento do adolescente

Além da ajuda escolar na maturação dos estudantes para a escolha da carreira que desejam seguir, Elizabeth Costa ressalta, ainda, que a participação dos pais também é crucial nesse momento. Mas ela alerta: “O apoio é no sentido de orientação, jamais de imposição”.

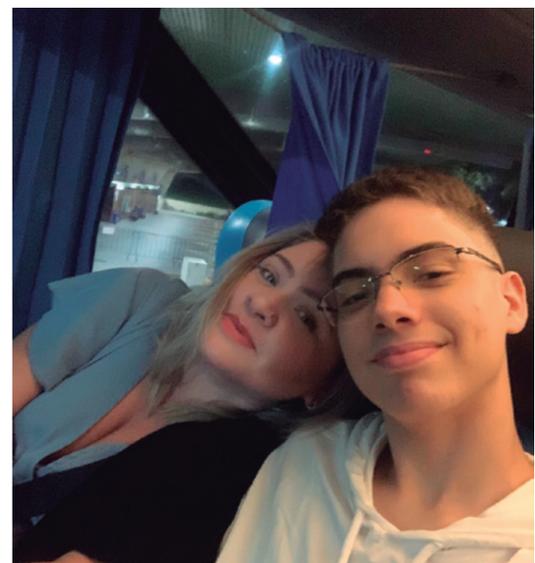
É, justamente, como a assessora de gestão Liliane Soares costuma agir com seu filho Evandro Augusto Nicolau, que vai fazer a prova do Enem hoje. O jovem de 18 anos ainda tem dúvidas sobre o curso e, para isso, tem contado com o apoio direto da mãe. “Eu sei os cursos que eu não quero, que são na área de Saúde, Direito e Arquitetura. Estou pendendo para a área de Tecnologia, que é a que tenho mais afeição, mas ainda não é certeza”, confessa Evandro.

Com muita conversa e muita compreensão, Liliane acredita que Evandro deve seguir na área que lhe traga mais satisfação, independentemente de ser uma profissão conhecida ou não. “Hoje, eu prezo muito pela saúde mental dele e esse sempre será o meu discurso. Ele deve priorizar algo

que lhe traga maior satisfação. Um tempo atrás ele era muito envolvido com música. Ele afirmou que tinha interesse na área de produção musical, que era algo muito expansivo, e eu o aconselhei a verificar cursos na área, instrumentos que possam auxiliar em seu desenvolvimento”, relata.

Para Liliane, as dúvidas dele fazem parte da idade e

os passos dos pais, outros estão determinados desde cedo, mas também há aqueles que não fazem ideia do que cursar. “Esta é a principal transição na vida do jovem. Ele está deixando a adolescência e precisa tomar a primeira decisão na fase adulta, a escolha do que cursar para trabalhar naquilo a vida toda. Muitos deles não pensam em voltar atrás e cursar uma nova faculdade se errarem. Para eles, é aquilo para sempre e ponto, o que pode acarretar futuras frustrações”, comenta a psicóloga.



Liliane Soares orienta o filho, Evandro, mas sem pressioná-lo

Saiba Mais

Atenção a alguns detalhes sobre o Enem:

- Abertura dos portões: 12h;
- Fechamento dos portões: 13h;
- Início das provas: 13h30;
- Encerramento: 19h;
- Os estudantes que ficarem até os últimos 30 minutos poderão sair com o caderno de questões.

O que precisa levar:

- Documento de identificação pessoal com foto (RG, CNH, etc.);
- Comprovante de inscrição (recomendado);
- Caneta esferográfica de tinta preta e com estrutura transparente.

Cuidados especiais:

- Celulares: podem ser

levados para a prova, mas devem ser desligados, antes de entrar à sala, e guardados em uma embalagem, que será fornecida pelo fiscal de prova;

- Acessórios: proibido levar óculos escuros, boné, chapéu, tiaras, gorros e demais acessórios próprios para uso na

cabeça;

- Materiais escolares: lápis, lapiseira, borracha, caneta com material não transparente, livros, anotações e impressos gerais também são proibidos;
- Lanches: são permitidos, desde que possam ser vistoriados pelos fiscais.

TRANSIÇÃO

Menopausa causa mudanças físicas e psicológicas

Período que marca o encerramento dos ciclos menstruais é acompanhado por uma série de desafios e de tabus

Samantha Pimentel
samanthahuniao@gmail.com

Período que marca o fim da fase reprodutiva feminina, a menopausa é definida pela ausência de menstruação durante 12 meses consecutivos. Esse período acontece, geralmente, entre os 46 e os 52 anos de idade, variando de acordo com cada organismo. Mas, antes disso, mudanças hormonais já podem ser sentidas — à fase anterior à menopausa, dá-se o nome de climatério. Embora esses sejam períodos naturais na vida de toda mulher, falar sobre esses temas ainda pode ser um tabu para muitas pessoas. Com a menopausa, mudanças no organismo, no ritmo de vida e até mesmo no humor podem ser sentidas e, nem sempre, as mulheres lidam com esses aspectos de forma tranquila.

Os óvulos que uma mulher liberará ao longo da vida já estão presentes no corpo feminino desde o nascimento, e é essa reserva que será usada desde a primeira menstruação (menarca) até a última (menopausa). As mulheres não formam novos folículos ao longo da vida e, quando todos eles morrem, os ovários chegam ao fim da sua vida útil. Nessa etapa, as concentrações dos hormônios



A menopausa pode aumentar o estresse, a dificuldade de perder peso e provocar ressecamento vaginal

Camila Nóbrega

femininos — estrogênio e progesterona — caem de forma permanente, o que pode provocar sintomas e desconfortos, como calor excessivo, irritabilidade, insônia, perda de massa muscular, concentração de gordura na região abdominal, entre outros.

Segundo a ginecologista e obstetra Camila Nóbrega, este

é um período marcado por diversas mudanças, tanto físicas quanto psicológicas, decorrentes do declínio hormonal, e que costumam ter início no climatério. “São períodos semelhantes, mas, no climatério, ainda há uma chance de a mulher engravidar, então, trata-se de uma transição. A mulher já está tendo sintomas, mas ainda não está há um ano sem menstruar, que é quando a gente afirma que chegou à menopausa, e que é uma fase que não volta mais e que será vivida por toda mulher”, destaca a médica.

A ginecologista fala ainda que o climatério costuma começar por volta dos 45 anos e que, em alguns casos, pode ocorrer a chamada menopausa precoce, em que a falência ovariana dá-se antes do previsto. “Quando se dá antes dos 40 anos, a gente chama de insuficiência ovariana prematura. É um caso em que essa mulher tem alguma questão genética ou patológica, porque ela entrou na menopausa muito cedo. Nesses casos, é essencial uma reposição hormonal”, explica.

Camila Nóbrega também diz que, quanto mais cedo uma menina menstrua, mais cedo ela deverá entrar na menopausa. O contrário também acontece: quanto mais tarde

ocorrer a primeira menstruação, mais tarde deverá ser a menopausa.

Rotina afetada

A especialista aponta que cerca de 70% das mulheres sentem os chamados fogachos, que são episódios de calor súbito, sobretudo na região do pescoço, e que podem causar vermelhidão na face.

“Isso acontece pela regulação do centro termorregulador do hipotálamo, causado pelo declínio hormonal. Isso costuma marcar o início

da menopausa, pelo incômodo que traz às mulheres; à noite, ele interfere no sono, e a mulher acorda mais cansada. Além disso, pode aumentar o estresse, a ansiedade, a dificuldade de perder peso, a tendência de acumular gordura abdominal e, com o passar dos anos, pode provocar ressecamento vaginal, o que causa desconforto nas relações sexuais”, explica.

Em longo prazo, a me-

nopausa ainda pode favorecer o aparecimento de problemas de saúde, como osteoporose e problemas cardiovasculares. “A perda de massa óssea favorece a osteoporose. Essa fase também favorece a incontinência urinária e o risco de doenças cardiovasculares aumenta, porque o estradiol protege a circulação, então, quando ele declina, aumenta-se o risco de infarto, de acidente vascular cerebral (AVC) e de diabetes”, alerta Camila Nóbrega.

Cuidar da saúde mental é essencial e ajuda a lidar com os sintomas

Reposição hormonal e dieta adequada amenizam efeitos do fim da fertilidade

Carla Silva (nome fictício), de 53 anos, está vivendo o período da menopausa, e relata que vem sentindo as mudanças em seu corpo. Ela conta que seus ciclos menstruais sempre lhe causaram incômodos. Cólicas, surgimento de miomas e diagnóstico tardio de endometriose foram alguns dos problemas enfrentados por Carla. Aos 49 anos, ela precisou fazer uma cirurgia para retirar o útero.

“Eu retirei o útero, mas não os ovários. Achei que, por isso, demoraria mais para entrar na menopausa, mas, um ano depois, já comecei a sentir vários sintomas iniciais. Calores, suor, mais ansiedade. Dos 51 para os 52, eu realmente entrei na menopausa”, recorda. Carla conta que essa fase vem sendo desafiadora. “Assim como tive um conjunto de sintomas a vida toda, no período menstrual, também sofro uma série de incômodos na menopausa”, diz.

Entre os sintomas, ela cita como mais desagradáveis as alterações de humor, a insônia e a indisposição. “Às vezes, acordo pela manhã e não tenho disposição de levantar, de trabalhar. É uma falta de ânimo, uma questão física, como se o meu corpo estivesse, realmente, muito cansado. É uma espécie de excesso de cansaço”, desabafa.



No climatério, é importante consumir alimentos que ajudam a modular a liberação hormonal

Kettelin Arbos

Reposição hormonal

Para lidar com essa fase, além de fazer exames de rotina e acompanhamento médico, Carla também iniciou a psicoterapia e, mais recentemente, a reposição hormonal. “Procurei uma especialista e, há três meses, estou fazendo reposição de estradiol. Com isso, já notei que diminuíram os calorões e me sinto um pouco melhor”, relata.

Segundo a médica integrativa e nutróloga Kettelin Arbos, a reposição hormonal duran-

te a menopausa é uma opção para grande parte das mulheres. A especialista avalia que a terapia traz muito mais benefícios do que prejuízos à saúde e ao bem-estar da mulher, mas existem situações em que ela é contraindicada, como nos casos em que a paciente possui doença hepática descontrolada ou está em tratamento contra o câncer. “O médico avaliará exames de imagem, exames laboratoriais e histórico clínico da paciente, para, então, definir se indica ou não a terapia de reposição hormonal”.

Alimentação balanceada

Outra dica citada pela profissional é a alimentação, que pode contribuir nessa fase. “Muitas vezes, no climatério, a mulher desenvolve um acúmulo de gordura abdominal, então é importante consumir alimentos que ajudam a modular a liberação hormonal. Uma boa opção é o inhame, além de alimentos ricos em triptofano — como aveia e banana —, que controlam as mudanças de humor, e alimentos antioxidantes — como frutas cítricas —, que auxiliam o aumento dos radicais livres”, indica.

Ainda conforme Kettelin Arbos, também é importante controlar a ingestão de carboidratos — como pães, bolos, bolachas —, uma vez que o metabolismo tende a se tornar mais lento nessa fase da vida.

A psicóloga Adriana de Melo, que também atua nas áreas de psicanálise e de sexualidade, destaca que a menopausa pode ser, de fato, uma fase muito delicada para a mulher e que o assunto precisa ser mais debatido socialmente. A profissional comenta que as mudanças físicas também trazem alterações psicológicas e que cada mulher lida de um jeito diferente com o período. Algumas conseguem administrar bem os sintomas, ao passo que outras consideram a fase mais desafiadora.

“Quando o efeito da menopausa é um pouco mais intenso, a parte psicológica é diretamente afetada, principalmente porque há alteração do sono. Altera-se, também, a vida sexual da mulher, o humor, a estabilidade emocional, a disposição. Isso gera ansiedade, então, tudo que vai acontecendo no corpo tem efeito direto no lado emocional”, explica.

Carla relata que percebeu essas mudanças emocionais. “Tem hora que estou bem, alegre. Depois, entro num pico meio depressivo. É preciso estar atenta a esses momentos”, conta ela.

Apoio multidisciplinar

A psicóloga destaca a importância de as mulheres, assim como fez Carla, buscarem ajuda e acompanha-



As mulheres nunca foram preparadas para se entenderem de verdade, para entenderem o próprio corpo

Adriana de Melo

mento nessa fase da vida, não apenas de médicos como ginecologistas e endocrinologistas, mas também de profissionais de saúde mental.

“O acompanhamento psicológico, muitas vezes, direciona a mulher, e ela vai se apropriando dessa fase, vai entendendo, buscando atividades físicas, encontrando possibilidades na alimentação, porque o problema está na conscientização também. As mulheres nunca foram preparadas para se entenderem de

■ Humor, estabilidade emocional, disposição e vida sexual são afetadas pela chegada do climatério e da menopausa

verdade, para entenderem o próprio corpo”, afirma Adriana de Melo.

No caso de Carla, a falta de conhecimento foi sentida na pele. Ela conta que, mesmo acompanhando as experiências das irmãs mais velhas, só teve dimensão do que é viver a menopausa quando chegou a sua vez. Para ela, o maior desafio, nessa fase da vida, é encontrar um caminho de autovalorização para manter a autoestima, o cuidado e a saúde mental.

“Acho que a sociedade ainda tem preconceito, como se a vida da mulher tivesse acabado. Até entre as mulheres, acho que falta uma compreensão maior, falta acolhimento. No ambiente de trabalho, eu tenho, por exemplo, a abertura de fazer essa discussão com um colega ou outro, mas, se você deixa isso muito explícito, pode gerar um preconceito ético”, critica.



RISCOS NAS PRAIAS

Banhistas devem manter cuidado

Com o aumento da movimentação no litoral, durante o verão, situações de afogamento podem se intensificar

Emerson da Cunha
 emersonsousa@gmail.com

Quem já passou por uma situação de afogamento ou chegou perto disso não esquece a aflição do momento. Não sentir os pés no chão, ter a sensação de ser tragado e de que suas forças não dão conta da pressão das águas são algumas das reações comuns a episódios desse tipo, que tendem a aumentar no período da primavera e, especialmente, do verão — quando praias, rios e piscinas tornam-se um alento sob o calor da estação. Assim aconteceu com Cleiton Costa, há cerca de seis anos, quando ele tomava banho junto com sua então namorada, atual esposa, em Baía da Traição, no Litoral Norte da Paraíba.

“Foi em uma região que tem uma coisa chamada ‘ondas de retorno’. É quando uma parte da água em que a onda chega



Foto: Divulgação/CBMPB

Os guarda-vidas atuam em pontos fixos da costa, mas podem se deslocar conforme demandas

na praia fica voltando, por baixo. Então, você não tem muito controle. É um risco para qualquer pessoa, mas, para quem

não sabe nadar, como eu, pior ainda. Eu sempre fico ali, na água perto da praia, só brincando, mas não vou nadando.

Aí, nesse trechinho, nessa parte, a água foi me puxando para um pouco mais longe da praia. De repente, eu me senti assim,

com os pés fora do chão. Tudo se desestabilizou e foi daí para pior”, recorda Cleiton. A esposa dele ainda tentou ajudá-lo, mas não conseguiu e precisou chamar a atenção de quem estava na praia, até que um dos banhistas pudesse socorrê-lo. Depois, um guarda-vidas chegou ao local e tomou o controle da situação.

Conforme Cleiton as descreve, as “ondas de retorno”, também conhecidas como correntes de retorno, ocorrem quando a água empurrada para a praia, pelas ondas, retorna rapidamente para o mar, criando um forte fluxo em direção ao oceano. Entre as principais características visíveis desse fenômeno estão: águas mais escuras e sem ondas, como um “corredor”; espuma ou resíduos sendo levados pelo mar; e diferença na cor da água em uma área específica. Nadar contra uma corrente de retorno

pode ser exaustivo e perigoso e a recomendação para escapar desse fluxo, de acordo com o Corpo de Bombeiros Militar da Paraíba (CBMPB), é mover-se paralelamente à costa.

Mas e quanto às boias? Elas não garantiriam a segurança necessária aos banhistas? Apesar de serem úteis em águas calmas, esses acessórios trazem, na avaliação das autoridades, uma falsa sensação de proteção, sendo mais indicados para piscinas, onde não há correnteza. Mesmo nesse caso, contudo, deve-se optar por boias que sejam homologadas pela Marinha do Brasil e que protejam o tronco e os braços do usuário, impedindo que este seja emborcado e fique sob a água durante o banho. Já, no mar, as boias infláveis podem representar, inclusive, um risco a quem a utiliza, uma vez que são passíveis de serem arrastadas por correntes.

Áreas próximas a rios e pedras também exigem atenção

No litoral paraibano, há alguns trechos que podem ser evitados pelos banhistas, a fim de mitigar possíveis riscos de afogamento. Além dos locais marcados pela ocorrência de correntes de retorno, é preciso ter atenção a áreas com forte presença de ondas maiores e de rochas, além de mudanças abruptas de profundidade e desembocaduras de rios.

De acordo com o Corpo de Bombeiros, a população deve manter-se atenta, por exemplo, a correntes de retorno na Praia de Coqueirinho, no município de Conde, especialmente

em zonas próximas a pedras, dando preferência à baía da região — que oferece uma praia de águas rasas, sem muitas ondas. Também é preciso ter cuidado com as áreas rochosas no maceió de Jacumã, outro local popular da orla de Conde. Já, na cidade de Pitimbu, o foco de atenção redobrada está em Praia Bela: as autoridades recomendam aos banhistas se concentrarem no maceió, longe da desembocadura do rio local, que não apresenta correntes de retorno, e manterem-se igualmente distantes do mar aberto.

No estado, a sinalização

das praias é organizada por meio de placas e de bandeiras, utilizadas para indicar os níveis de segurança das diferentes regiões, assim como seus riscos específicos. As bandeiras vermelhas, por exemplo, indicam perigo extremo à população e recomendação de não entrar na água. Além disso, os guarda-vidas são distribuídos de acordo com o movimento das praias e com os períodos de maior fluxo de banhistas, como fins de semana e feriados, sendo que há reforço em pontos mais movimentados e perigosos durante os meses de alta temporada —

incluindo o verão e as férias escolares.

Atualmente, durante os fins de semana, funcionam pontos fixos de guarda-vidas em praias como Cabo Branco, em João Pessoa; Coqueirinho e Tambaíba, em Conde; e Praia Bela, em Pitimbu. No entanto, as equipes de segurança podem se deslocar, conforme as condições das praias e as demandas do dia. Em seu cotidiano, esses profissionais dispõem de embarcações, jet-skis, botes infláveis, quadriciclos, UTVs e automóveis com tração 4x4, para maximizar sua área de atuação.



Foto: Divulgação/CBMPB

Profissionais dispõem de diferentes meios de transporte

Normas de segurança regulam tráfego de embarcações

Além dos perigos oferecidos pela maré, muitos banhistas acabam por se assustar ou se sentir inseguros quando algum tipo de veículo aquático passa por perto de onde estão — em especial, os motorizados, como lanchas e jet-skis, conhecidos por suas velocidade e mobilidade.

De acordo com legislação estabelecida pela Marinha do Brasil, embarcações movidas a motor precisam trafegar a uma distância de 200 m da costa, justamente por gerarem risco maior aos banhistas — devido, inclusive, às suas próprias hélices. A única exceção ocorre quando o veículo estiver retor-

nando à costa, devendo, para isso, dirigir-se em velocidade reduzida e em linha reta, perpendicular à faixa costeira, com atenção aos banhistas. Por sua vez, embarcações sem tração a motor, seja a vela ou tração humana (como é o caso dos caiaques e da prática de kitesurf) devem ficar, segundo a Marinha, a 100 m da costa.

Caso essas regras não sejam cumpridas, o CBMPB pode intervir com advertência ao infrator e até encaminhar o caso para a Marinha, a fim de que o dono da embarcação se apresente à Capitania dos Portos. Se os bombeiros identificarem al-

guma situação de insegurança em relação a banhistas ou ao próprio condutor, ainda podem atuar como polícia, dando voz de prisão ou apreendendo o veículo envolvido.

■ **Uso de veículos aquáticos é fiscalizado pelo CBMPB, que pode atuar como polícia ante infrações**



Foto: Evandro Pereira

Bombeiros também monitoram o cumprimento das leis estabelecidas pela Marinha para condutores marítimos



Foto: Divulgação/CBMPB

Evitar bebida e mergulhar acompanhado são dicas importantes

Entre as principais orientações de segurança para quem quer apreciar um bom banho de mar com tranquilidade, o Corpo de Bombeiros destaca o respeito à sinalização, ou seja, a atenção a placas e bandeiras instaladas pelo órgão que indiquem possíveis áreas de perigo na praia. Além disso, não se deve entrar na água após consumir bebida alcoólica — este é, afinal, o principal fator de risco de afogamentos, já que o álcool reduz os reflexos do corpo e

o banhista pode, dessa forma, não conseguir identificar uma situação de ameaça iminente a que esteja se submetendo.

Outra dica é que as pessoas evitem nadar sozinhas. De acordo com o CBMPB, estar acompanhado pode ser crucial durante emergências, como quando alguém passa mal, em meio às ondas, e necessita de companhia para ajudá-lo ou para pedir socorro.

Também é fundamental manter atenção às crianças.

Elas compõem um dos grupos de risco de afogamentos, assim como jovens de 18 a 24 anos e pessoas com comorbidades — os três perfis mais frequentemente envolvidos em ocorrências desse tipo. Os menores de idade devem estar sempre próximos a um adulto (no máximo, à distância de um braço), mesmo em águas rasas.

Há, ainda, dicas específicas para aqueles que se dedicam ao nado em alto mar, como utilizar toucas reluzentes, para sinalizar

sua presença a condutores de embarcações que transitarem por áreas próximas. Outra recomendação é usar uma boia *rescue* inflável ou de borracha, para assegurar flutuação caso o nadador passe mal, tenha uma câibra ou esteja, por algum motivo, temporariamente impossibilitado de deixar o local.

Para qualquer situação de emergência identificada, deve-se acionar imediatamente o Corpo de Bombeiros pelo 192.

Saiba Mais

Confira algumas dicas de cuidados para banhos em outros locais:

■ **Piscinas:** assegure-se de que a piscina tenha sinalização da profundidade e grade de proteção para crianças. Mesmo que a criança saiba nadar, é necessário o acompanhamento de um adulto. Também se deve ter cuidado com a sucção dos ralos do local;

■ **Lagos:** embora não haja correntes como no mar, lagos podem apresentar águas turvas, quedas abruptas em profundidade e vegetação submersa, que pode prender pernas e braços;

■ **Evite saltos e movimentos bruscos,** principalmente em águas desconhecidas, onde pode haver risco de lesões.

CAMINHOS DO FOLCLORE

História e arte popular sobre trilhos

Novo roteiro convida turistas a um passeio pelo legado ferroviário e pelas manifestações folclóricas de Guarabira

Teresa Duarte
teresaduarte2@gmail.com

O turismo religioso sempre foi destaque no município de Guarabira, por conta do Santuário Memorial Frei Damião. Trata-se de um projeto arquitetônico composto de um museu e uma estátua, em homenagem ao frade capuchinho Frei Damião de Bozzano, famoso missionário do Nordeste brasileiro. Com aproximadamente 34 m de altura, o monumento atrai visitantes de diversos lugares, sendo considerado a terceira maior estátua católica do país, atrás do Cristo Redentor (com 38 m), no Rio de Janeiro, e do Alto de Santa Rita de Cássia (com 56 m), no Rio Grande do Norte — esta, inclusive, é tida como a maior estátua do mundo nessa categoria.

Mas, além desse importante ponto turístico, a cidade do Brejo paraibano passa a contar, agora, com mais um grande atrativo, que chega não apenas para beneficiar a população local, mas para incrementar o turismo cultural na região. É o roteiro Caminhos do Folclore: Viva a Essência do Nosso Povo, que convida os visitantes a embarcarem em uma instigante jorna-

da cultural por Guarabira, onde cada parada constitui uma verdadeira celebração do folclore nordestino e das tradições regionais.

A revitalizada Estação Ferroviária de Guarabira é o ponto de partida para esse passeio imersivo pela história e pelas manifestações artísticas da terra, reunindo exposições que enaltecem o rico legado da ferrovia e as cores vibrantes da arte *naïf*. A música e a poesia também se entrelaçam nas apresentações de artistas locais, proporcionando momentos de pura magia aos turistas.

Formatado pela consultora do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas na Paraíba (Sebrae-PB), Alessandra Lontra, o Caminhos do Folclore oferece, de fato, uma programação intensa para vivenciar a essência da cultura do Nordeste. “São várias as atividades nesse roteiro, iniciando por uma visita ao Museu da Estação e, em seguida, ao Museu de Arte Naïf, além de uma oficina com o virtuoso Mestre Clóvis, da arte do babau”, destaca Alessandra, contextualizando a iniciativa em meio a outros projetos similares desenvolvidos pelo Sebrae-PB. “Dentro desse



Elaborada pelo Sebrae-PB, iniciativa concentra atividades culturais para visitantes na Estação Ferroviária Conde D'Eu e no Parque Dona Lô, localizado em seu entorno



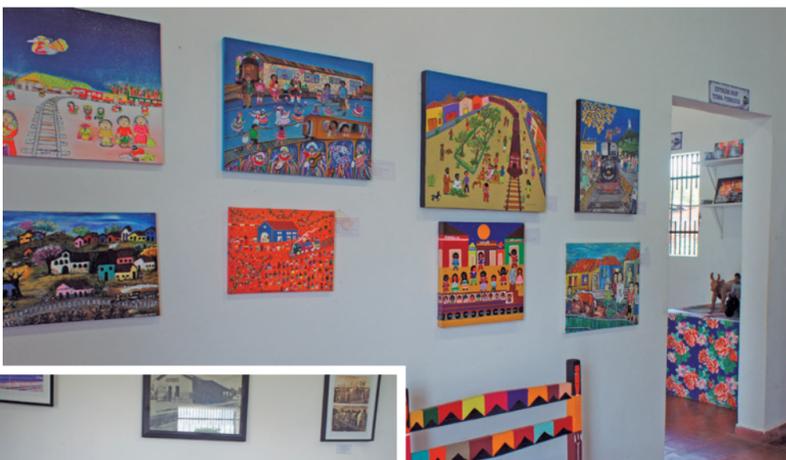
programa de roteiros turísticos, o nosso objetivo é fortalecer a governança, com os poderes público e privado trabalhando”, acrescenta

ta a consultora da entidade. De acordo com Tarcísio Pereira, secretário de Cultura e Turismo de Guarabira, ao fomentar o turis-

mo cultural, o Caminhos do Folclore contribui para retomar a força da economia do município, conforme registrado nos tempos

em que os trens se encontravam em plena atividade, além de fornecer novos espaços de lazer para a população guarabirense.

Exposições enaltecem cultura local e riquezas do passado



Reunindo artefatos históricos e obras de artistas renomados, o Museu da Estação e o Museu de Arte Naïf revelam o impacto das ferrovias na cidade

Chegando à histórica Estação Ferroviária da cidade, o turista é logo recebido, com muita alegria, por Eugênio Marques Melo, que interpreta o maquinista local, utilizando trajés próprios a função e convocando, de maneira bem-humorada, todos os presentes: “Sejam todos bem-vindos à Estação Ferroviária Conde D'Eu! O trem já vai partir”. “Vamos iniciar nosso passeio cultural. Embarquem nessa proposta”, conclui.

É assim que o visitante começa o novo roteiro turístico guarabirense, conforme o relato de Alessandra Lontra: partindo em uma viagem pelo tempo e pelas tradições

culturais locais — incluindo tanto a Estação Conde D'Eu como o Parque Dona Lô, no entorno da área. No Museu da Estação, pode-se apreciar um belo acervo de peças originais, que recontam a história do desenvolvimento ferroviário da região. Cada artefato cuidadosamente exposto no local abre uma janela para o passado, permitindo ao visitante compreender a importância desse patrimônio para Guarabira.

No mesmo lugar, onde também funciona a Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, o turista é convidado a mergulhar no universo único do Museu de Arte Naïf, composto por obras de

artistas renomados, que capturam a relevância histórica e cultural dos trens e das ferrovias para a cidade. Assim, as exposições lá oferecidas não apenas destacam a beleza desse estilo de arte, mas também criam uma conexão fascinante entre o legado ferroviário e a expressão artística local. Como parte do passeio, o turista ainda pode participar de uma oficina de pintura de arte *naïf*, ministrada pelo artista plástico Adriano Dias.

Além disso, a visita é uma oportunidade para se deleitar com a arquitetura histórica da estação, que serve como pano de fundo perfeito para fotografias memoráveis.

Vagão especial é palco de oficinas e apresentações artísticas

Outro atrativo de destaque do Caminhos do Folclore são as atividades programadas para o vagão de trem restaurado e preservado na Estação Ferroviária Conde D'Eu. Entre elas, está a oficina do Mestre Clóvis, um virtuoso da arte do babau (como também é chamado o teatro de bonecos). Em sua apresentação, o artista fascina os participantes do roteiro, compartilhando os segredos e a magia por trás de seu ofício e, assim, propiciando uma experiência lúdica inesquecível.

O Mestre Clóvis confessa que não sabe informar de onde o seu talento para o babau surgiu, mas, logo em seu primeiro contato com essa arte, conseguiu, com perfeição, dar conta dela. “Eu acho que foi uma magia, porque eu nunca tinha manipulado bonecos antes e, quando os peguei pela primeira vez, fiquei encantado. Então, con-

feccionei a minha marionete, que se chama Jeremias, e nunca mais parei com a arte”, revela.

Em seu esforço de promover tradições artísticas populares, o roteiro ainda abre espaço para enaltecer a arte da magia. Trabalhando nessa área há 11 anos, o mágico Rafael Sousa é o protagonista de outra performance no vagão especial. Em sua apresentação, ele incorpora o personagem Ra, O Mago, portando vestimentas do século 19, como se estivesse no palco de um grande teatro daquela época.

Rafael afirma ter ficado surpreso com o convite para integrar o roteiro turístico e lamenta que a magia tenha perdido parte de seu apelo junto ao público. “Infelizmente, a magia não é mais valorizada no século 21, as pessoas não têm mais interesse. Acredito que seja por conta do avanço da internet, onde há uma quebra do misté-

rio e se perde a essência da magia”, diz o mágico.

Na programação do Caminhos do Folclore, o turista também pode conferir o trabalho de um icônico artista ambulante da cidade. Severino Gabriel de Oliveira, conhecido como Seu Biu Folheteiro, é mais uma personalidade da terra a apresentar sua obra na estação, por meio de uma leitura vibrante de seus folhetos. Ao declamar versos de cordel, ele traz à vida a beleza atemporal dessa importante manifestação popular, que resiste bravamente ao passar das décadas.

O roteiro é encerrado com o vasto e envolvente repertório de uma apresentação do músico Adriano do Sax.

Hospedagem

Guarabira tem uma localização privilegiada no Brejo paraibano e, por isso, tornou-se

um ponto ideal para os visitantes do município e de outras cidades da região. Entre os estabelecimentos de destaque no setor local de hospedaria, está o Hotel Porto Village, que fica muito bem situado — a uma distância equivalente a apenas 10 minu-

tos, a pé, do Centro de Guarabira. Suas unidades são equipadas com rede de internet *wi-fi*, controle de temperatura e mini frigobar. O hotel conta, ainda, com bar e lanchonete.

Já o France Hotel, que fica localizado por trás do Shopping

Cidade Luz, oferece uma vista maravilhosa para o açude e para as serras da região. O estabelecimento dispõe de 67 quartos, 150 leitos, restaurante com café da manhã, piscina, quadra de *beach tennis* e de vôlei e área de eventos.



Em sua performance, o Mestre Clóvis evidencia a magia por trás do teatro de bonecos

Pedro Osmar em julho, no Teatro de Arena, onde acontecerá o show do próximo sábado

Foto: Leonardo Ariel

MÚSICA

Por amor a Pedro Osmar

No próximo sábado, amigos e admiradores reúnem-se em um show para arrecadar fundos em prol de um dos músicos mais importantes da Paraíba, que se recupera de um AVC

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

Em julho, o Jornal **A União** conversou com o artista pessoense Pedro Osmar sobre os seus 70 anos de vida e suas cinco décadas de carreira. Quando lhe informamos sobre o alto valor de venda do disco *Jaguaribe Carne Instrumental*, registro ao vivo de seu mítico conjunto musical, ele nos disse, humildemente: “Eu não valho tudo isso”. Contrariando a impressão sobre si mesmo, amigos e familiares prepararam um show beneficente com o objetivo de arrecadar recursos para o tratamento de saúde do instrumentista, que se recupera de um AVC, mostrando o quão precioso ele é para a cultura paraibana. *Eu canto música de amor - A Parahyba em Pedro Osmar* acontece no dia 9 (sábado), no Teatro de Arena do Espaço Cultural, às 20h30, com entrada franca.

O show foi idealizado por colegas e conhecidos de Pedro, cientes de seu problema de saúde, com o apoio da Fundação Espaço Cultural da Paraíba (Funes). Segundo informou seu irmão e parceiro Paulo Ró, ele estava nos preparativos para a turnê *Ponte Sonora*, projeto que reuniria músicos experientes das cenas paraibana e potiguar. “Ele se sentiu mal no Espaço Cultural, onde trabalha, e de lá foi levado para o hospital. Hoje ele está sendo auxiliado pelos filhos, Bebeu e Macunaíma”, revelou Paulo.

Com uma série de cuidados especiais a serem aplicados — incluindo duas sessões semanais de fisioterapia —, *Eu Canto Música de Amor* pretende mobilizar o público não por meio de vendas de ingressos, mas pela doação espontânea de dinheiro, para a chave Pix do artista — 468.867.537-20, em nome de Pedro Osmar Gomes Coutinho; o leitor confere o elenco reunido para esta apresentação no quadro abaixo. Também durante o show, os organizadores promoverão uma feira literária, que contará com livros da Editora A União, doados pela Empresa Paraibana de Comunicação (EPC).

Sandra Belê, uma das atrações do próximo sábado, lamenta não ser íntima de Pedro, mas assevera que o conhecer profissionalmente forneceu-lhe as ferramentas necessárias para admirá-lo. “Considero as composições dele grandes painéis de verdades, coragem e beleza. Dentre elas, tenho duas músicas de maior apreço: “Nó cego” (gravada por Elba Ramalho) e “Baile de máscaras”, pontua. A cantora ainda afirma que brasileiros de todas as gerações deveriam conhecer melhor o seu trabalho. “Gostaria de agradecê-lo pelas can-

ções, pelas lutas travadas para que chegássemos em um terreno mais fértil para música paraibana”, declarou Sandra, dirigindo-se ao colega.

Liquidificador no palco

Fuba, que também participa do tributo, conheceu Pedro Osmar ainda adolescente, pouco antes de se mudar para o Rio de Janeiro. Na volta à Paraíba, já como artista e produtor, esteve na equipe da Primeira Coletiva da Música Paraibana, promovida nos anos 1970, e pôde ter contato com a poesia experimental e concretista do colega. “Lembro que ele levou ao palco alguns baldes, uma bacia, um liquidificador e até uma cama de campanha, de onde tirava sons, misturando-os com os barulhos produzidos pela boca, em plena improvisação. Para alguns pareceu loucura, mas eu me encantei com essa experiência”, rememora.

A parceria com Pedro e com outros «bambas» da música popular paraibana rendeu-lhe o show *E Se*

Alguém Encostasse o Brasil na Parede e Pedisse para Ver os Documentos?, sucesso no Rio de Janeiro, mas alvo de patrulha no Regime Militar, em vigor na época. Das obras compostas em colaboração com ele, Fuba elenca “Brasil desfigurado”, “Serrote” e “Última sessão de amor” — canções que falam de sentimentos sem esquecer os contextos políticos. “Tanto ele como seu irmão, Paulo, trouxeram uma nova visão para a música paraibana e nordestina. Conceituá-lo como vanguardista ainda é pouco para definir o mestre. Espero que Pedro se recupere prontamente e possa contribuir ainda mais com a nossa cultura”, almeja.

Escurininho também convive com ele desde os primórdios do Jaguaribe Carne e do Musiclube, movimentos locais importantes para a formação dos artistas paraibanos nas últimas décadas do século 20 e referências perpétuas para os cantores e compositores do estado. A primeira vez que ele ouviu falar de Pedro Osmar foi justamente no Jornal **A União**. “Era uma reportagem de 1978, de quando o Jaguaribe esteve num festival de música em Pernambuco. Eles subiram ao palco

EU CANTO MÚSICA DE AMOR

■ Sábado, às 20h30

■ No Teatro de Arena (Espaço Cultural, R. Abdias Gomes de Almeida, 800, Tambauzinho, João Pessoa)

■ Ingresso colaborativo sem valor definido na chave Pix 468.867.537-20 (CPF), Banco Itaú

com uma carroça de lixo e foram detidos pela Polícia Federal. Dois anos depois, quando mudei para João Pessoa, o encontrei pessoalmente, por meio de Chico César”, relembra.

Das canções de autoria do amigo, Escurininho enumera “Eu canto música de amor”, que dá nome ao tributo, “Beijo morte beijo”, incluído no repertório de Amelinha, e “Robin Hood pós, pois”, gravada por ele junto com Jaguaribe Carne, em 2003, que ele ensaia para o show beneficente. Dentre tantos atributos que poderiam sublinhar o trabalho de Pedro, ele frisa sua construção de pensamento dentro e fora dos versos. “Ele sabe que a música precisa ter um viés social e que ela é responsável por muitas mudanças na sociedade. Quem convive com Pedro sabe que a arte não é apenas para o nosso prazer, mas um instrumento de luta, de guerrilha”, alega Escurininho.



PARTICIPANTES DO SHOW

- Adeildo Vieira
- Chico Limeira
- Dida Vieira
- Escurininho
- Fábio Cavalcanti
- Fuba
- Gláucia Lima

- Grupo Voz Ativa
- Jorge Negão
- Juliana Ribeiro

- Kennedy Costa
- Milton Dornellas
- Naldinho Freire
- Paulo Ró

- Rodrigo Amaral
- Regina Limeira
- Sandra Belê
- Titá Moura
- Totonho
- Uirá Garcia

Adeildo Vieira, Sandra Belê e Escurininho estão entre os convidados do show solidário

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

Rousseau, Pedro Osmar e a melodia

Toco guitarra há mais de 20 anos. Não sou virtuose, longe disso. Meus solos, porém, já foram rápidos, grandes, agressivos e, sinto dizer, “sem graça”. Antigamente eu estava interessado em amontoar o máximo de notas por segundos — explorando o braço do instrumento — da maneira mais veloz possível.

O resultado? Solos melodicamente pobres, sem alma! Não quero dizer que velocidade e melodia são necessariamente incompatíveis. Seria tolice. Alguns músicos combinaram ambas com perfeição. O problema reside mesmo na negligência em relação à melodia. No pecado do excesso.

Não é à toa que Jean-Jacques Rousseau via na melodia a fonte de toda força musical. É ela que faz da música uma arte imitativa capaz de traduzir os estados emocionais que governam o nosso mundo interior e, ainda assim, manter ligações estreitas com a cultura. O que é exemplificado pelas construções melódicas estarem sujeitas às singularidades de cada idioma, especialmente no que se refere à prosódia.

Segundo Rousseau, a melodia vocal é, por excelência, uma música natural que gozaria de superioridade estética se comparada a melodias instrumentais. Ele dizia algo que pode parecer contraintuitivo para alguns: a melodia não deriva da harmonia. Em grande medida, seus pensamentos sobre música estão associados a suas ideias filosóficas mais gerais. A valorização que seu sistema atribui à natureza daria vida a uma estética que vai de encontro aos traços mais primitivos do humano.

O pensamento de Rousseau levamos, então, a uma encruzilhada: somos seres que se comunicam e interpretam o mundo por meio de símbolos; sem eles não haveria cultura e tudo o que esse fato implica. O “belo”, porém, está além da linguagem simbólica. É instintivo, indomável, selvagem.

Desse modo, as músicas que estão presas a sistemas pré-fabricados, a flutuações da moda e a fórmulas repetitivas são o espelho de um “eu” domesticado. A arte musical mais elevada que encerraria o maior poder expressivo é aquela que se aproxima dos estados

“pré-culturais”. Uma das consequências desse raciocínio é que o rebuscamento técnico e a ornamentação exagerada são indesejáveis. Até mesmo um empecilho.

Não vejo absolutamente ninguém, na música paraibana, que encarne com mais perfeição as ideias de Rousseau que Pedro Osmar. Ele é, num só golpe, paradigma e paradoxo insuperáveis. Sua linguagem musical é a antilinguagem musical. Sua estética é a antiestética. Seu tempo é o antitempo. Seu signo é o antissigno.

O crítico francês André Salmon, parafrazeando Paul Verlaine, referia-se ao artista plástico pernambucano, Cícero Dias, um dos precursores do modernismo brasileiro, como um “selvagem esplendidamente civilizado”. Sou levado a crer que se Verlaine tivesse tido a honra de conhecer Pedro Osmar, sem dúvida o chamaria, rousseaunamente, de “o civilizado mais esplendidamente selvagem”.

* Texto publicado originalmente em 3 de março de 2022

Estética e Existência

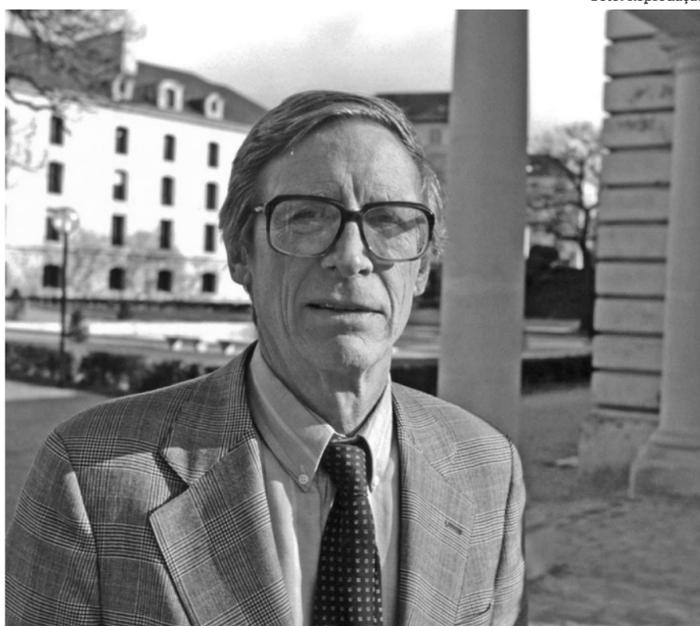
Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

Desigualdade e equidade

A desigualdade manifesta-se nas desumanas relações de sistemas econômicos que estruturam a vida em sociedade e são sustentadas tanto por mecanismos materiais quanto por ideias e valores culturais para intensificar o acúmulo de mais privilégios para algumas pessoas. Consequentemente, a perversa distribuição de recursos e as faltas de oportunidades de desenvolvimento pessoal geram a violência entre todos.

A desigualdade cria violência, ódio e miséria humana para a sociedade. Ela gera sentimentos de injustiça e de revolta entre aqueles que são marginalizados ou impedidos de ter uma vida digna. Em termos de coesão social, a falta de dignidade e de prosperidade na sociedade aumenta a divisão social e dificulta a construção de sociedades justas e pacíficas. Do ponto de vista individual, ela destrói o bem-estar físico e mental dos cidadãos e limita o potencial de desenvolvimento humano de todos.

As desigualdades humanas podem ser divididas em econômica, social, cultural, educacional, política entre tantas outras. A econômica caracteriza-se pela distribuição desigual de recursos financeiros e materiais. Por exemplo, a concentração de riqueza nas mãos de uma minoria contrasta com a pobreza e a miserabilidade vividas pela maioria. Esta disparidade afeta o acesso a bens essenciais, como moradia, alimentação e educação, que gera a pobreza e impede a dignidade social de muitos indivíduos. O contraste social diz respeito ao acesso desigual a redes de apoio e a serviços essenciais, como saúde, segurança, moradia e educação, pois envolve também o modo como a sociedade estrutura seus valores e preconceitos, muitas vezes, criando obstáculos para grupos marginalizados. O desequilíbrio cultural e educacional afeta o desenvolvimento intelectual e as oportunidades de trabalho. O processo educacional é um dos principais meios para evitar a desigualdade, mas o acesso à educação de qualidade é muitas vezes limitado e seletivo. Além disso, as desigualdades culturais — que trata de raça, gênero, religião, entre outras — perpetuam discriminações que reforçam a exclusão e limitam o reconhecimento e a valorização de certos grupos. A tensão do ódio na política ocorre quando uma parte da população possui mais poder de influência nas decisões coletivas do que outra. Essa concentração de poder muitas vezes reflete os interesses dos mais ricos. Isso deixa as necessidades dos desfavorecidos



O filósofo estadunidense John Borden Rawls publicou “Teoria da Justiça” em 1971

marginalizada. Assim, as políticas públicas nem sempre refletem o interesse da maioria, mas sim o de uma minoria com capacidade de manipular o sistema em favor próprio.

Algumas teorias sociológicas e econômicas argumentam que a desigualdade é uma característica inevitável em qualquer sistema social. Por exemplo, em seu livro *O Capital*, publicado no ano de 1867, Karl Marx (1818-1883) — filósofo, economista, historiador, sociólogo, teórico político, jornalista e socialista alemão — analisa como a estrutura de classes é uma base para a desigualdade, na qual as relações de produção determinam as posições sociais. Maxilian Karl Emil Weber (1864-1920) — jurista e economista alemão — em seu livro *Economia e Sociedade*, publicado em 1921, afirma que o poder e o prestígio também têm papéis fundamentais na hierarquia social, de forma a mostrar que a desigualdade é reforçada não apenas pela economia, mas por valores e símbolos culturais que hierarquizam os indivíduos.

John Borden Rawls (1921-2002), filósofo norte-americano, em sua *Teoria da Justiça*, publicada em 1971, afirma que a sociedade deve promover a distribuição igual da riqueza, mas que desigualdades podem ser justificadas se gerarem maior benefício para os menos favorecidos. Para isso, Rawls apresenta a tese da “justiça como equidade” sendo a prioridade das instituições sociais. Ele defende a distribuição de recursos em duas

partes: a distribuição igual de direitos e deveres básicos e a compensação das desigualdades injustas, que deve garantir a todos iguais oportunidades. Ele argumenta a ideia de que a liberdade e a igualdade devem ser compatibilizadas, de forma a minimizar as disparidades entre elas. As contribuições do pensamento de Rawls impulsionam políticas públicas em vários países. Entretanto, a realidade é que a maioria das desigualdades não se baseia em meritocracia ou em benefícios mútuos, mas em barreiras sociais e estruturais que impedem que todos tenham as mesmas oportunidades. A superação da desigualdade exige a ampliação de oportunidades educacionais e a promoção de uma cultura de igualdade de direitos e respeito à diversidade, que é essencial para uma vida digna e justa para todos.

Sinta-se convidado à audição do 493º Domingo Sinfônico, que ocorrerá neste dia 3, das 22h à 0h. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é na FM 105.5, ou você pode acessar pelo aplicativo em www.radiotabajara.pb.gov.br ou por meio do link <https://radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm>. Durante a transmissão, comentarei sobre a vida e as interpretações do virtuoso violoncelista e regente catalão Pau Casals i Defilló (1876-1973). Ele usou sua visibilidade e influência na música para combater o totalitarismo e a injustiça. Casals é um exemplo para a construção da igualdade entre todos e da paz mundial.

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Xícara de café

Nem todos tomam — os médicos dizem que faz mal. Ora, bolas! Nem todos nós, por exemplo, nesse vapor barato que enfrentamos diariamente, disparadas notícias de fantasmas no poder e nem adianta o velho jargão — alguns com tanto e outros sem “água” ou quase nada, quase nada.

Por que, em todos os tempos, em todas as culturas e em todos os lugares, nomeiam-se fantasmas? Por que determinada pessoa é nomeada e não faz nada, por nada saber?

Na verdade, porque o nome determina tanto a criatura, como sabem vós, os nomeados são fantasmagóricos.

Nomeia-se para que se possa chamar ao feito: “Fulano! Olha isso! Venha aqui! Cuidado! Não faz assim!” Mas é só onda. Quem ganha com isso?

Somos chamados para homenagearmos os fulanos. “Eu te amo, meu fulano adorador. Some daqui, seu fulano imbecil!” Nomeia-se para que haja reputação e memória: “Lembra do que fulano fez?”

Miremo-nos no exemplo de Sicrano, o pai dele era um gênio, a mãe de Atenas — geniosa. Beltrano será nosso símbolo por gerações intermináveis. Mas precisa ser nomeado para isso?

Nomeia-se para ninar: “Dorme, meu fulaninho querido”. Nomeia-se para a vingança: você pensa que eu vou esquecer, algum dia, o que você fez para fulano? Sim, Fulano esqueceu o favor que se fez a ele, talvez o maior, ou como costumamos dizer — você salvou a lavoura. Isso á arcaico, Sr. Kl!

Nomeia-se para que exista o tempo e a memória. Não, mas acima de tudo, nomeia-se para que cada um seja o escravo de alguém. Ai, é foda.

A vida, disse o atendente estertorando, é uma xícara de café. “Não, a vida é uma xícara de chá, não, a vida é uma xícara de café, a vida é uma xícara de chá!”, repetem todos os habitantes do lugar.

De boca em boca, a vida é ostra, é oca, até chegar sua vez de sair da cadeira, do velho chá de cadeira, sua caveira.

Um gira-mundo, como eu, menos avisado sobre a “santidade” do poder da igreja que matava e morria, morreu, perguntou de novo: “Por que a vida é uma xícara de café?” e todos, no sentido contrário repetem a pergunta: “Mas por que a vida é uma xícara de café? Mas por que a vida é uma xícara de chá?”. Por que todos pedem um cafezinho e lá vem a moça que foi nomeada para servir o café.

Até que a pergunta finalmente chegou ao doutor agonizante, feita por um imbecil cauteloso, que a segredou temerário: “Senhor, por que a vida é uma xícara de chá?”. “Não, a vida não é uma xícara de café!” e morreu.

Melhor pensar o carnaval, a dança pagã da carne, desprovida de culpa: que os nomeados à luz da boate e sozinhos, sintam uma comichão a acossá-los, como que vindo de dentro e detrás, arrostando-se para a frente.

O rei, com as calças do pijama arreadas, dirige-se com fremeira sua ignorância de fato, digo, do vaso, onde, pasmo diante da velhice de seu pintinho, o balance repetidas vezes para adiante pegar o segundo jato. E não se fala mais nisso. Então, vamos tomar um café?

Kapetadas

1 - Bandos, bandas dos anos passados. Palhaços das perdidas gerações

2 - Tudo que nasce deve morrer. Exceto os boletos.

Foto: Reprodução/Freepik



“A vida, disse o atendente estertorando, é uma xícara de café”

Colunista colaborador

Coisas de Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | Colaborador

Cultura popular também no cinema

Lendo um artigo do historiador José Octávio de Arruda Mello, publicado recentemente no jornal *A União*, sobre a militância cultural em João Pessoa dos meados de 1980 em diante, vi que ele se disse “surpreendido” com um grupo de estudiosos e praticantes do folclore paraibano, na época representado pelos professores José Nilton da Silva e Osvaldo Meira Trigueiro, e confesso, senti-me igualmente lisonjeado.

Mesmo que o professor Zé Octávio não tenha me citado nominalmente como integrante do tal grupo, fui buscar nas minhas memórias alguns trabalhos que realizei para o Núcleo de Pesquisa e Documentação da Cultura Popular (Nuppo). Foram documentários e audiovisuais com a parceria do professor Zé Nilton da Silva, durante sua gestão à frente do núcleo, que funcionava em um prédio na Praça Rio Branco, com acesso também em frente ao cinema Municipal, ainda no reitorado do professor Lynaldo Cavalcanti na UFPB.

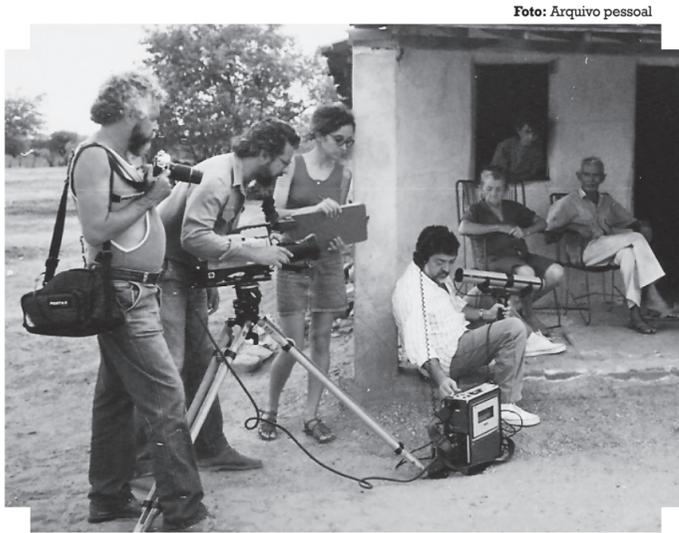
Outros nomes importantes ligados à universidade, como o da professora Dalvanira Gadelha, por longos anos à frente do Grupo de Xaxado da Paraíba, da executiva Iracema Lucena, da pesquisadora Débora Borba e do historiador José Augusto Morais, foram também citados no artigo do historiador Zé Octávio. Ele inclusive, desse período, fez referência ao bom trabalho sobre a cultura popular que recebia “orientação do vice-reitor Iveraldo Lucena, no reitorado de Lynaldo Cavalcanti”.

Pois bem, mesmo sem querer tocar na questão que polemizou na época, de ser ou não pertinente o termo “folcloró-

logo” (neologismo então criado para aludir àquele que milita na cultura popular), acredito que o artigo de Zé Octávio foi bastante condizente com a importância dos nomes citados e com o nosso folclore. Experiência marcante, inclusive para o meu trabalho, quando realizei, só nessa época, alguns documentários, que lembro: *Africanos*, sobre um bloco carnavalesco do bairro da Torre; *Lucena Paradisiaca*, retratando o turismo e a pesca artesanal no litoral e nas praias de Lucena, entre outros. E o mais simbólico, que foi *O Romanço do Dinossauro*, gravado na cidade de Sousa, no Alto Sertão paraibano, numa parceria com o cineasta Pedro Jorge de Castro, da UnB. Obra que foi selecionada para o Festival de Cinema das Ilhas Canárias, na Espanha. E todos esses tra-

balhos que realizei tiveram a participação do professor José Nilton da Silva. Incluindo um mais recente, *A Ninhada*, que se passa no Brejo paraibano, de um conto do professor já falecido Nivalson Miranda.

E é em razão da importância do trabalho de Zé Nilton (também no nosso cinema), sua trajetória na cultura popular descrita por Zé Octávio, que deixo com o historiador de *História da Paraíba em Fascículos*, dentre outras obras marcantes, as impressões finais neste artigo de hoje “Prestei, então, mais atenção à personalidade de José Nilton da Silva com quem passei a conviver na Livraria do Luiz, na universidade, e no Cejus de José Fernandes, além de outras instâncias de nossa cultura.” – Para mais Coisas de Cinema, acesse o blog: www.alexasantos.com.br.



Filmagem de “O Romanço do Dinossauro”: gravado na cidade de Sousa

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

Para o bem do leitor

Prezarei o seu primeiro livro de poemas, *A Flor em Construção* (1992), uma vez que o autor retirou de sua bibliografia duas coletâneas anteriores, *Desabafo da Razão* (1989) e *Espelho do Corpo* (1990), num gesto de autocrítica provavelmente acertado.

Com *Alvenaria* (1997), ganhou merecidamente o Prêmio Novos Autores Paraibanos, chancelado pela UFPB, e com *A Idade das Chuvas* (2012), consolida, de vez, a qualidade singular de sua dicção poética.

Falo do itabaianense, André Ricardo Aguiar, nome qualificado de uma geração literária a que pertencem, entre outros, um Linaldo Guedes, um Antônio Mariano, um Paulo Sérgio Vieira e um Edônio Alves Nascimento.

André Ricardo Aguiar ainda cultiva a chamada literatura infantil, a exemplo do também premiado *O Rato que Roeu o Rei* (2000), sem falar num gênero heterodoxo, íntimo e digressivo, que lhe deu um livrinho dos mais preciosos, sobretudo para aqueles que, como eu, amam os bastidores da vida intelectual e afetiva. Refiro-me à *Bagagem Lirica* (2000), que li e releio com prazer.

Agora me vejo diante do cronista, que estreia com *Faz de Conta que É Crônica* (João Pessoa: Dromedário, 2024), decerto a ampliar os itinerários de seu talento criativo e a trilhar, em outras veredas, as possibilidades da expressão artística.

Gosto do título, principalmente pela margem de ambiguidade que sugere. Pela flexibilidade semântica e, em outra chave, pela humildade subjetiva e experimental que

deixa entrever. Em seis partes dividido (“bichos quase imaginários”, “palavras na lupa ou no telescópio”, “o relâmpago em câmera lenta”, “notas do almoxarifado”, “a infância e seus assombros” e “olhai os lírios do campo”), o conjunto de textos nos convida a pensar e a sentir.

Observe-se que cada subtítulo como que abre a perspectiva para um mostruário autônomo de crônicas ou minicrônicas, que poderia, por si só, se desenvolvido, constituir

um volume à parte. Quero dizer que cada subtítulo contém, ou poderia conter, um título original.

Entre muitos, dois escritos me chamam a atenção: o que nomeia a própria coletânea e “Um poema”.

Do primeiro, destaco duas frases que dizem da qualidade das palavras, quer na medula do pensamento, quer na sugestiva potência do conceito. Tentando definir a crônica, escreve o autor: “(...) É texto em que uma nuvem se meteu no meio, num céu pesado de palavras”. E, sobre o cronista, assinala: “(...) parece escritor que está só de passagem”.

No segundo, sublinho alguns momentos, para escolher o que me soa mais pertinente e ao mesmo tempo mais desconcertante. Vejamos: “(...) Um poema é um Labirinto lógico e seu modo de atravessar é garantir que a beleza dará voltas sem achar uma saída”.

A tópica dos livros, dos sebos, da biblioteca, que sinaliza para a figura do André leitor e bibliófilo, toca-me profundamente a sensibilidade. Como poucos, sabe falar dos livros com propriedade, magia e amor.

No lance, quase ensaístico, de textos tão curtos e que desafiam a gramática das classificações, parece se misturar, ao poeta e ao narrador já experimentado, o aprendiz de cronista. Um cronista cheio de humor, ironia, lirismo, conhecimento e sabedoria.

Sua crônica, não importam as escolhas temáticas nem o método peculiar de escrevê-las, seriam mesmo crônicas? Ou simplesmente um faz de conta? Ou a crônica é o faz de conta da escrita literária?

Isto ou aquilo, crônica, aforismos, reflexões, provocações, poemas em prosa, exercícios verbais, prosa poética, armadilhas lúdicas ou metalúdicas, tudo se mescla no ato criador de André Ricardo Aguiar para o bem do leitor. É ler e conferir!



APC: Nota de falecimento

A cinematografia paraibana está de luto pelo falecimento de Vladimir Carvalho, que ocupava a Cadeira 02 da Academia Paraibana de Cinema, cujo Patrono é o saudoso cineasta Walfredo Rodriguez. Nascido em Itabaiana, na Paraíba, Vladimir militou no cineclubismo e na crítica em João Pessoa, após breve participação em *Aruanda*, filme de Linduarte Noronha. Ele realizou alguns documentários, dentre eles *A Pedra da Riqueza* e *O País de São Saruê*. Vladimir morreu recentemente em Brasília, onde residia havia anos, pelo que a APC se solidariza com seus familiares.

CINEMA

Sol Alegria e Corisco & Dadá hoje no Banguê

Renato Félix
renatofelix.correio@gmail.com

Das três estreias de hoje no Cine Banguê, uma já estava em cartaz desde quinta-feira (31) no Cinépolis Manáira: *Continente* (2024), caso raro de um filme que está ao mesmo tempo no circuito e na sala do Espaço Cultural. E os outros dois merecem especial atenção. Às 17h será exibido o longa paraibano *Sol Alegria* (2020), de Tavinho Teixeira. E às 19h será a vez de *Corisco & Dadá* (1996), um clássico brasileiro dos anos 1990, que volta às telas em cópia restaurada.

Apesar de já ter sido exibido há alguns anos em festivais e plataformas digitais, *Sol Alegria* entra em cartaz pela primeira vez na Paraíba com cobrança de ingresso. O filme de Tavinho Teixeira fantasia um país que acabou de cair em um golpe militar e foca em uma família excêntrica que viaja pelo interior encontrando e criando situações transgressoras.

Com o próprio diretor e sua filha Mariah Teixeira nos papéis principais, o filme ainda conta com diversos atores da Paraíba no elenco, como Everaldo Pontes e Suzy Lopes (os dois em papéis de freiras bem pouco ortodoxas) e ainda tem a par-

ticipação luxuosa de Ney Matogrosso.

Corisco & Dadá é um exemplar da Retomada, aquele período do cinema brasileiro de retorno de produções, após ter sido sabotado pelo Governo Collor, que reduziu a produção nacional quase a zero. O cearense Rosemberg Cariry conta a história do casal de cangaceiros, tendo nos atores principais um grande trunfo: Chico Diaz e Dira Paes.

Dira, em particular, está aqui em um de seus primeiros papéis principais. Este seu início pode ser revisito agora numa cópia em 4k e som 5.1, restaurados com o apoio da Cinemateca do MAM, do Rio, e do Arquivo Nacional, com supervisão técnica de Petrus Cariry, filho do diretor e também cineasta; produção executiva de Bárbara Cariry; e mixagem de som de Érico Paiva.

FILMES DE HOJE NO CINE BANGUÊ

■ 15h: *Continente*, de Davi Pretto

■ 17h: *Sol Alegria*, de Tavinho Teixeira

■ 19h: *Corisco & Dadá*, de Rosemberg Cariry

■ No Cine Banguê (Espaço Cultural, R. Ábdias Gomes de Almeida, 800, Tambauzinho).



Clássico dos anos 1990 e longa paraibano transgressor entram em cartaz no cinema do Espaço Cultural

LITERATURA

Ignez Mariz, à frente de seu tempo

Autora de “A Barragem”, clássico do ciclo regionalista, será lembrada pela próxima edição da Flirede

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

A quinta edição da Feira Literária da Rede Estadual de Ensino (Flirede), a ser realizada em 2025, trará uma homenagem inédita e especial. A autora paraibana Maria Ignez Marques Mariz, ou apenas Ignez Mariz, será a primeira mulher escritora a ser homenageada pelo evento, que até então só celebrou a produção literária de autores homens, tais como José Lins do Rego, Augusto dos Anjos e, este ano, Pedro Américo.

Maria Ignez trilhou o caminho das letras desde cedo. Aos 18 anos de idade já colaborava com jornais e revistas do Sertão do estado, tendo iniciado a “Campanha Pró-Bibliotecas Municipais” na década de 1930. De acordo com o coordenador da Flirede e escritor Tiago Germano, a escolha pela escritora é uma tentativa de resgatar figuras femininas que, ao longo do tempo, tiveram suas trajetórias literárias esquecidas. “Muitas mulheres publicaram e foram vítimas de um apaga-

mento histórico. Ignez Mariz foi uma delas”, afirma.

A autora e a barragem

Nascida em Sousa (PB), no dia 26 de dezembro de 1905, a história de Ignez Mariz com as letras foi marcada pelo pioneirismo, especialmente no contexto da literatura regionalista, movimento de sua época representado por nomes como José Américo de Almeida (*A Bagaceira*) e Rachel de Queiroz (*O Quinze*).

Apesar de escrever sobre temas semelhantes, Ignez Mariz não recebeu o mesmo reconhecimento de seus pares masculinos. A escritora chegou a ser acusada, segundo Germano, de seguir uma moda literária, em razão de seu romance, *A Barragem*, por abordar aspectos da vida no Sertão paraibano, tema amplamente explorado pela literatura de seu tempo. “Acredito, de fato, que foi por questão do machismo vigente, até porque ela foi uma

escritora muito à frente de seu tempo, falando de temas como educação sexual nas escolas, que até hoje é um tema tabu”.

A Barragem, publicado pela Editora José Olympio, apresenta a história de um trabalhador local que encontra, na construção da barragem de São Gonçalo, uma oportunidade de ascensão social, apesar das condições de trabalho análogas à escravidão. A narrativa traça um panorama da exploração vivida por esses traba-

lhadores, muitos dos quais eram obrigados a gastar seus salários em mercadorias vendidas no próprio acampamento a preços superfaturados, prática que era recorrente e garantia o lucro dos empregadores. Germano destaca que Ignez Mariz criou um protagonista que, mesmo em um ambiente de opressão, consegue resistir e ascender, tratando de aspectos que ele considera inovadores para a época, dignos de uma prosadora experiente.

Ignez Mariz faleceu em 1952, “bem antes do que a gente entende por autoficção ou escrita de si, que a Carolina de Jesus e a Conceição Evaristo fazem”, aponta Germano. No entanto, Ignez já estava tentando trabalhar com esse gênero em um livro sobre as condições de saúde dos hospitais públicos. “Ela se internou alegando um problema de amígdala — amígdala a gente extrai, não tem problema nenhum —, mas quando foram extrair a amígdala dela faltou oxigênio no leito. Ela morreu com essa ironia macabra de tentar escrever sobre a precariedade do sistema de saúde, sendo vítima do próprio sistema”, explica Tiago.

A homenagem na Flirede visa também à construção de um imaginário sobre Ignez Mariz junto aos estudantes e professores da rede estadual da Paraíba, especialmente os do Sertão, onde a autora viveu. “Esse resgate é necessário para evitar que a memória de Ignez continue perdida ao longo do tempo”, conclui.



Anúncio da próxima homenagem da Flirede foi feito no Teatro Minerva, na última terça-feira (29), em Areia

Foto: Leonardo Pellizzoni/SEE

Em Cartaz



Cinema

Programação de 31 de outubro a 6 de novembro, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande, Patos e Guarabira.

ESTREIAS

CONTINENTE. Argentina/Brasil/França, 2024. Dir.: Davi Pretto. Elenco: Olivia Torres, Ana Flávia Cavalcanti. Terror. Mulher reencontra, em fazenda, o pai à beira da morte e em conflito com trabalhadores. 1h55. 18 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ. dom. 3/11: 15h. Próximas semanas: sáb. 9/11: 19h; seg. 11/11: 20h30; dom. 17/11: 15h; ter. 19/11: 20h30; sáb. 23/11: 19h; ter. 26/11: 18h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 15h40, 18h20.

O DIA DA POSSE. Brasil, 2024. Dir.: Allan Ribeiro. Documentário. A rotina de um jovem e seus sonhos durante o isolamento da pandemia. 1h10. 12 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ. qua. 6/11: 20h. Próximas semanas: dom. 10/11: 17h; seg. 11/11: 18h30; sáb. 16/11: 15h; dom. 24/11: 15h; ter. 26/11: 20h30; sáb. 30/11: 15h.

MEGALÓPOLIS (Megalopolis). EUA, 2024. Dir.: Francis Ford Coppola. Elenco: Adam Driver, Giancarlo Esposito, Nathalie Emmanuel, Aubrey Plaza, Shia LaBeouf, Jon Voight, Laurence Fishburne, Talia Shire, Jason Schwartzman. Ficção científica/drama. Artista utópico e prefeito ganancioso duelam sobre o futuro de uma cidade. 2h18. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: leg.: 16h30. CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): leg.: 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 16h, 19h, 22h.

NÃO SOLTE (Never Let Go). EUA/Canadá/França, 2024. Dir.: Alexandre Aja. Elenco: Halle Berry, Percy Daggs IV. Terror. Mãe e dois filhos vivem ligados por cordões dentro de casa para se protegerem de um mal sobrenatural, mas um dos filhos questiona a verdade disso. 1h41. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: leg.: 21h45.

RECEBA! Brasil, 2024. Dir.: Rodrigo Luna, Pedro Perazzo. Elenco: Edivana Carvalho, Daniel Farias. Policial. Casal endividado entra numa caça por uma bolsa com conteúdo valioso. 1h22. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ. Próximas semanas: dom. 10/11: 15h; ter. 19/11: 18h30; qui. 21/11: 18h30; sáb. 23/11: 15h; seg. 25/11: 18h30; sáb. 30/11: 17h.

SOL ALEGRIA. Brasil, 2020. Dir.: Tavinho Teixeira. Elenco: Tavinho Teixeira, Mariah Teixeira, Ney Matogrosso, Everaldo Pontes, Suzy Lopes. Comédia. Família transgressora cruza país após golpe militar. 1h30. 18 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ. dom. 3/11: 17h; ter. 5/11: 20h30. Próximas semanas: dom. 10/11: 19h; ter. 12/11: 19h; seg. 25/11: 20h30; sáb. 30/11: 19h.

SOM DA ESPERANÇA – A HISTÓRIA DE POSSUM TROT (Sound of Hope – The Story of Possum Trot). EUA, 2024. Dir.: Joshua Weigel. Elenco: Nika King, Demetrius Grosse. Dra-

ma/religioso. Mulher e reverendo convencem famílias de sua comunidade a adotarem 77 crianças. 2h10. 14 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: 13h, 19h15; leg.: 16h, 21h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 19h, 21h45. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: 15h15, 17h45, 20h15. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 15h15, 17h45, 20h15. Patos: MULTICINE PATOS 1: qua.: dub.: 17h55. MULTICINE PATOS 4: dub.: dom.: 20h; seg. e ter.: 19h50.

TERRIFIER 3 (Terrifier 3). EUA, 2024. Dir.: Damien Leone. Elenco: Lauen LaVerá, David Howard Thornton. Terror. Palhaço psicopata persegue vítimas na noite de Natal. 2h05. 18 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: dub.: 18h30; leg.: 21h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: sex. a ter.: 15h50; qua.: 15h50, 21h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 14h, 16h45, 19h30; leg.: 22h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 15h45, 18h45, 21h. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 15h20. CINESERCLA TAMBIA 5: dub.: 15h50, 18h15, 20h40. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 18h15, 20h40. Patos: CINE GUEDES 2: dub.: 16h30, 18h50, 21h15. MULTICINE PATOS 1: dub.: dom.: 17h55, 20h40; seg. e ter.: 17h, 20h40; qua.: 15h15, 20h40. Guarabira: CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: 16h, 18h25, 20h45.

TODO TEMPO QUE TEMOS (We Live in Time). França/Reino Unido, 2024. Dir.: John Crowley. Elenco: Andrew Garfield, Florence Pugh. Drama/romance. Um encontro surpresa muda a vida de um casal, mas um segredo do passado vai abalar a vida em comum. 1h48. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: 14h; leg.: 19h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: 14h50, 19h40; leg.: 17h10, 22h10. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 17h, 19h30. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: dom.: 14h15, 16h20, 18h25; seg. a qua.: 16h20, 18h25. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: dom.: 14h15, 16h20, 18h25; seg. a qua.: 16h20, 18h25. Patos: CINE GUEDES 1: dub.: 16h50, 21h20. Guarabira: CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: dom.: 14h20, 16h25, 18h30; seg. a qua.: 16h25, 18h30.

A VILÁ DAS NOVE. Brasil, 2024. Dir.: Teodoro Poppovic. Elenco: Karine Teles, Camila Márdila, Alice Wegman, Antônio Pitanga. Comédia. Mulher descobre que sua história está sendo usada na trama da vilá de uma novela. 1h43. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: qui. a ter.: 21h. CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): 14h30.

PRE-ESTREIA

OPERAÇÃO NATAL (Red One). EUA, 2024. Dir.: Jake Kasdan. Elenco: Dwayne Johnson, Chris Evans, Lucy Liu, J.K. Simmons, Bonnie Hunt. Aventura. Quando Papai Noel é sequestrado, segurança do Polo Norte se une a caçador de recompensas para salvar o Natal. 2h03. Classificação não informada.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: qua.: dub.: 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: qua.: dub.: 20h. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): qua.: leg.: 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: qua.: dub.: 20h. Patos: MULTICINE PATOS 4: qua.: dub.: 20h.

PÁSSARO BRANCO – UMA HISTÓRIA DE EXTRAORDINÁRIO (White Bird). EUA, 2023. Dir.: Marc Foster. Elenco: Bryce Gheisar, Priya Ghotane, Helen Mirren. Drama. Valentão recebe visita da avó, que conta como sobreviveu ao nazismo. 2h01. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: 15h15. CINESERCLA TAMBIA 1: dom.: dub.: 18h10. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 4: dom.: dub.: 16h.

RELANÇAMENTO

CORISCO & DADÁ. Brasil, 1996. Dir.: Rosemberg Cariry. Elenco: Chico Diaz, Dira Paes, Chico Alves, Virginia Cavendish. Drama. Casal de Cangaceiros enfrenta a polícia no sertão nordestino. 1h52. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ. dom. 3/11: 19h; ter. 5/11: 18h30. Próximas semanas: sáb. 9/11: 15h; qua. 13/11: 20h30; seg. 18/11: 20h30; qui. 21/11: 20h30; dom. 24/11: 17h.

CONTINUAÇÃO

CAINDO NA REAL. Brasil, 2024. Dir.: André Pellenz. Elenco: Evelyn Castro, Belo, Maria Clara Gueiros, Caito Mainier. Comédia. Quando a monarquia volta ao Brasil, uma chapeira de lanchonete é revelada como herdeira do trono. 1h30. 10 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 13h40. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: 14h15, 16h45.

O DIA QUE TE CONHECI. Brasil, 2024. Dir.: André Novais Oliveira. Elenco: Renato Novares, Grace Passó. Drama. Prestes a ser demitido, bibliotecário de escola cria vínculo com colega de trabalho durante carona para casa. 1h11. 12 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ. seg. 4/11: 18h30. Próximas semana: qui. 7/11: 20h30.

FERNANDA YOUNG – FOGUE-ME AO CONTROLE. Brasil, 2024. Dir.: Susanna Lira e Clara Eyer. Documentário. Visão poética sobre vida e obra da escritora Fernanda Young. 1h27. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ. seg. 4/11: 20h30. Próximas semanas: qui. 7/11: 18h30.

AFORJA (The Forge). EUA, 2024. Dir.: Alex Kendrick. Elenco: Aspen Kennedy, Cameron Arnett. Drama/religioso. Rapaz de 19 anos é forçado a tomar um rumo na vida. 2h04. Livre.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: qui. a ter.: 13h10, 18h30; qua.: 13h10. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: 20h30. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 20h30. Patos: CINE GUEDES 1: dub.: 19h. Guarabira: CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: 20h30.

O QUARTO AO LADO (The Room Next Door). Espanha/EUA, 2024. Dir.: Pedro Almodóvar. Elenco: Julianne Moore, Tilda Swinton, John Turturro. Drama. Antigas amigas se reencontram quando uma descobre uma doença terminal. Leão de Ouro no Festival de Veneza. 1h47. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: dom.: leg.: 19h. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 13h30.

ROBÔ SELVAGEM (The Wild Robot). EUA, 2024. Dir.: Chris Sanders. Dublagem brasileira: Elina de Souza, Rodrigo Lombar-

di, Gabriel Leone. Aventura/animação. Robô tenta sobreviver em ilha desabitada e adota filhote de ganso. 1h41. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: dub.: 14h, 16h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: 13h45, 15h50. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 14h30. CINESERCLA TAMBIA 1: dub.: dom.: 14h30, 16h30; seg. a qua.: 14h30, 16h30, 18h30. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 4: dom.: 14h; seg. a qua.: 16h. Patos: CINE GUEDES 2: dub.: 14h30. MULTICINE PATOS 3: dub.: dom.: 2D: 14h25; 3D: 16h35; seg. a qua.: 2D: 15h30. Guarabira: CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dom.: dub.: 3D: 14h.

SORRIA 2 (Smile 2). EUA, 2024. Dir.: Parker Finn. Elenco: Naomi Scott, Kyle Gallner, Drew Barrymore. Suspense. Estrela pop é aterrorizada por um sorriso sombrio que vê em todo lugar. 2h07. 18 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: 21h10. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 22h. CINESERCLA TAMBIA 1: dub.: 20h30. Patos: CINE GUEDES 1: dom.: dub.: 14h25.

A SUBSTÂNCIA (The Substance). Reino Unido, 2024. Dir.: Coralie Fargeat. Elenco: Demi Moore, Margaret Qualley, Dennis Quaid. Suspense. Celebridade em decadência resolve usar droga clandestina que cria uma versão mais jovem de si mesma. 2h20. 18 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: leg.: 18h. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: leg.: 18h, 21h. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 5: leg.: 20h10.

TUDO POR UM POP STAR 2. Brasil, 2024. Dir.: Marco Antonio de Carvalho. Elenco: Gabriella Saraivah, Bela Fernandes, Giovanna Lancelotti. Comédia/romance. Três jovens amigas viajam para ir ao show de um ídolo que estudou na mesma escola, mas imprevistos acontecem. 1h14. Classificação não informada.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 2: 13h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: 12h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: 13h. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: 13h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: 13h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: 13h15.

VENOM – A ÚLTIMA RODADA (Venom – The Last Dance). EUA/Reino Unido/México, 2024. Dir.: Kelly Marcel. Elenco: Tom Hardy, Juno Temple, Chiwetel Ejiofor. Aventura. Alienígenas do planeta do simbioante Venom vêm à Terra para capturá-lo. 1h49. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): dub.: 16h45; leg.: 19h10. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: dub.: 14h40, 17h, 19h30, 22h. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: dub.: 3D: 15h20, 17h50, 20h20. CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro XE): 3D: dub.: 14h15, 16h40, 19h15; leg.: 21h40. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: qui. a ter.: 15h, 17h45, 20h30; qua.: 15h, 17h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 3D: 13h30, 16h, 18h30, 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: qui. a ter.: 15h, 17h30, 20h; qua.: 15h, 17h30. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 17h40, 19h50. CINESERCLA TAMBIA 6: dub.: 14h20, 16h30, 18h40, 20h50. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: 14h20, 16h30, 18h40, 20h50. CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 15h40, 18h. Patos: CINE GUEDES 3: dub.: 3D: 14h45, 19h10; 2D: 17h, 21h20. MULTICINE PATOS 3: dub.: dom.: 2D:

18h55; 3D: 21h10; seg. a qua.: 2D: 18h45; 3D: 21h. MULTICINE PATOS 4: dub.: 3D: dom.: 15h, 17h25; seg. e ter.: 16h; qua.: 15h55. Guarabira: CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: dom.: 2D: 14h20, 18h40; 3D: 16h30, 20h50; seg. a qua.: 3D: 16h30, 20h50; 2D: 18h40.

Teatro

HOJE

CIRCO AMERICANO. Espetáculo circense com várias atrações.

João Pessoa: CARREFOUR (BR-230, Aeroclube, Cabedelo). Segunda, terça, quinta e sexta, 20h30; sábado e domingo, 16h, 18h e 20h30. Ingressos: de R\$ 25 (setor popular) a R\$ 80 (camarote), na bilheteria ou antecipados na plataforma Guichê Web.

CINDE É LÁ. Da Trupe de Humor da Paraíba. Direção: Edilson Alves.

Campina Grande: TEATRO MUNICIPAL SEVERINO CABRAL (Av. Mal. Floriano Peixoto, s/nº, Centro). Domingo, 20h. Ingressos: R\$ 50 (inteira), R\$ 40 + 1 kg de alimento não perecível (social) e R\$ 25 (meia), antecipados na plataforma Outgo.

O MENOR CIRCO DO MUNDO. Da Arretado Produções Artísticas. Direção: Edilson Alves.

Campina Grande: TEATRO MUNICIPAL SEVERINO CABRAL (Av. Mal. Floriano Peixoto, s/nº, Centro). Domingo, 17h. Ingressos: R\$ 40 (inteira) e R\$ 20 (meia), antecipados na plataforma Outgo.

Música

HOJE

SOFIA FREIRE. Cantora pernambucana apresenta o show *Ponta da Língua*.

João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, 8, Varadouro). Domingo, 19h. Ingressos: R\$ 30 (inteira) e R\$ 15 (meia), antecipados na plataforma Shotgun.

Exposições

ÚLTIMOS DIAS

MÊS DAS CRIANÇAS. Projeções imersivas *Reino dos Dinossauros, Oceano Vivo e Mundo da Imaginação*. Duração: 2h. Classificação: Livre.

João Pessoa: LUZZCO (Rua Severino Garcia Galvão, 161, Altipiano). Sessões de quarta a domingo, às 14h, 16h, 18h, 19h. Ingressos: de R\$ 35 (meia) a R\$ 105 (combo para 4 pessoas), antecipados na plataforma Outgo. Iniciação até 3 de novembro.

SUCESSÃO NA CÂMARA FEDERAL

Motta ganha apoios e se fortalece

Deputado federal paraibano tem a confiança do atual presidente da Casa, Arthur Lira, para presidir a Mesa

Paulo Correia
paulocorreia.epc@gmail.com

A Paraíba ganhou os holofotes da política nacional, desde a indicação do deputado federal Hugo Motta (Republicanos) para a presidência da Câmara dos Deputados. O parlamentar paraibano entrou na disputa pela Mesa Diretora da Câmara após a desistência do presidente de seu partido, Marcos Pereira, no dia 3 de setembro.

O cargo da presidência tem destaque no Parlamento, principalmente, por pautar a agenda da Casa. De acordo com a Resolução nº 17, de 1989, do Regimento Interno da Câmara, dentre as atribuições da presidência, estão: presidir as sessões do Plenário, manter a ordem, suspender a sessão quando necessário e nomear comissão especial.

Ascensão

Hugo Motta é natural de João Pessoa e começou sua trajetória política no, então, PMDB, sendo que em 2010, aos 21 anos, foi eleito o deputado federal mais jovem, obtendo 86.150 votos. Em 2014, foi reeleito pelo PMDB, com 123.686 votos. Nas eleições de 2018, foi novamente eleito, agora pelo PRB, numa ampla coligação formada entre PSB, PTB, PRB, PT, DEM, PDT, PC do B e Po-

O cargo da presidência tem destaque por pautar a agenda da Casa

demos, o qual alcançou 92.468 votos. Em 2022, pelo Republicanos, é reeleito com 158.171, considerado o candidato mais votado da Paraíba.

O deputado construiu uma trajetória de proximidade com importantes lideranças do “centrão” e da Câmara dos Deputados, como Eduardo Cunha (PMDB), Rodrigo Maia (PSDB) e Arthur Lira (PP). A partir de 2014, Cunha alavancou sua carreira ao posicioná-lo como presidente da Comissão de Fiscalização Financeira e Controle e, no ano seguinte, como presidente da CPI da Petrobras, que tratava sobre denúncias, principalmente contra o PT, durante a Operação Lava Jato. Foi também relator de projetos como a PEC dos Precatórios e a PEC Emergencial, e participou da aprovação da Reforma Trabalhista e do Teto de Gastos durante o governo de Michel Temer (MDB). No governo de Jair Bolsonaro (PL), atuou na privatização da Eletrobras e dos Correios.

Embora tenha sido um alia-



Foto: Roberto Guedes

Hugo Motta é natural de João Pessoa, começou a trajetória política no, então, PMDB e é tido com um bom negociador

do próximo de Cunha, Motta acabou distanciando-se dele após o impeachment da presidente Dilma Rousseff (PT), não comparecendo à sessão que cassou o mandato do ex-padrinho político. Com a queda de Cunha, ele manteve sua relevância, ganhando

apoio de Rodrigo Maia e, mais recentemente, de Arthur Lira. Maia confiou a ele a relatoria de projetos importantes, como a PEC do Orçamento de Guerra, e sob Lira, Motta liderou a renegociação das dívidas do FIES. Sua habilidade de transitar entre diferentes corren-

tes políticas também se reflete na aliança com líderes como Ciro Nogueira (PP), mantendo-se próximo a grupos tanto do governo quanto da oposição.

Sua influência estende-se além do âmbito legislativo. Em 2023, foi eleito vice-presidente nacional do Republicanos e

mantém alianças com importantes bancadas, como a evangélica e a ruralista. Atualmente com 35 anos, foi indicado pelo presidente da Câmara, Arthur Lira (PP), apontado como favorito para a sucessão da Mesa Diretora da Câmara, realizada em fevereiro de 2025.

Natural de João Pessoa, mas com influência política em Patos

Apesar de ter nascido na capital, sua influência política encontra-se no município de Patos, quarta maior cidade da Paraíba, com 103.165 habitantes, segundo o último censo, publicado em 2022.

A trajetória política da família de Hugo Motta é marcada por forte presença no cenário estadual. Essa tradição familiar foi importante para estabelecer uma base política sólida na região, facilitando o caminho para novas gerações, como do próprio Hugo Motta.

O avô paterno de Hugo Motta, Edivaldo Fernandes Motta, contribuiu para consolidar a influência política do clã Motta na região do sertão paraibano, desde os anos de 1950, assumindo os cargos de deputado estadual e federal, assim como prefeito de Patos. Além disso, foi deputado constituinte, juntamente com Lula. Em 1992, sua esposa Francisca Motta assumiu a sucessão política da família, após a sua morte.

A avó materna de Motta, Francisca (Chica) Motta, iniciou sua trajetória política em 1992, como vice-prefeita de Patos. Em 1994, foi eleita deputada estadual pela primeira vez, com 16.800 votos, e reeleita, sucessivamente, como deputada estadual até ser eleita prefeita de Patos, em 2012, obtendo 53,81% dos votos válidos, sendo a segunda mulher à frente do executivo municipal. Em 2022, eleger-se pela sexta vez para o cargo de deputada estadual pelo Republicanos, com 40.230 votos.



Foto: Ináia Marques/Agência Brasil

Arthur Lira já anunciou sua preferência por Hugo Motta

Seu pai, Nabor Wanderley, tem uma longa carreira política, especialmente em Patos, onde já foi eleito prefeito por cinco mandatos, nos anos de 2004, 2008, 2016, 2020 e reeleito em 2024. Ele também atuou como deputado

estadual pela Paraíba, entre 2010 e 2016, consolidando-se como uma figura relevante na região.

Famílias na política

Para o professor e analista político, Lúcio Flávio Vas-

concelos, a família Wanderley-Motta é um grupo com tradição na política estadual, desde os anos de 1950 e 1960. Segundo o analista, o grupo tem uma característica conservadora e segue uma tradição política percebida no nordeste do país, com a “hegemonia dessa política no processo político do nosso estado”.

De acordo com o professor, a Paraíba tem três famílias predominantes na política estadual, a Wanderley-Motta, a Cunha Lima e a Ribeiro. “Você tem atualmente três famílias, que têm uma projeção estadual importante. Tem uma família que está, em termos políticos, em declínio, que é a família Cunha Lima. (...) Tem um outro grupo familiar muito forte que é a família Ribeiro. (...) E tem a família de Hugo Motta, que tem uma projeção estadual muito forte, muito intensa, aqui [e que], consequentemente, vai ocupar o cenário nacional, caso venha a ser presidente da Câmara”, destaca o professor.

Para Vasconcelos, esse cenário apresenta-se como uma tradição, muito percebida na região nordeste do país, com grupos familiares que se perpetuam no poder, através de sucessivas eleições. Ele destaca, ainda, que tais grupos têm um perfil de centro-direita. “Você não tem extremismos nesses três núcleos familiares que eu apresentei, são grupos tradicionais, grupos vinculados à questão da posse de terra, à questão política com muito

força, mas que não têm um perfil de extrema direita”, pontuou.

Controvérsias

Hugo Motta e sua família têm sido alvo de investigações relacionadas ao uso de emendas parlamentares e contratos públicos. Uma das investigações mais recentes, conduzida pela Polícia Federal (PF) e pela Controladoria-Geral da União (CGU), envolveu a suspeita de desvio de recursos para obras no município de Patos, cujo prefeito é Nabor Wanderley, pai de Motta. As investigações apontaram para superfaturamento, conluio entre empresas e manipulação de licitações na execução de obras de infraestrutura financiadas com recursos do “orçamento secreto”, já considerado inconstitucional pelo Supremo Tribunal Federal (STF).

Embora Hugo Motta tenha negado envolvimento direto e não seja oficialmente investigado, há indícios de seu suposto envolvimento na liberação das emendas para essas obras. Somente em emendas individuais, nos últimos cinco anos, o deputado já direcionou cerca de R\$10 milhões para a gestão de seu pai, em Patos. As investigações incluíram buscas e apreensões, além do bloqueio de bens aliados em R\$269 mil, referentes a superfaturamento encontrado nos contratos. Além disso, a empresa Engelplan, contratada para a execução das obras, é suspeita de envolvimento em

práticas irregulares e superfaturamento.

Em 2016, sua avó, Francisca Motta, foi afastada da Prefeitura de Patos, acusada de participação no desvio de R\$11 milhões da prefeitura com contratos de aluguel de carros. Em 2021, Francisca foi absolvida. A mãe de Hugo Motta, Ilanna Motta, ocupava o cargo de chefe de gabinete da prefeitura na época e também foi presa na mesma operação, mas depois absolvida.

Seu pai, Nabor Wanderley, é investigado e responde a processos no Judiciário e no Tribunal de Contas da Paraíba (TCE-PB), acusado de desvio de dinheiro da prefeitura. No TCE-PB, Nabor está sendo acusado de conceder irregularmente R\$1,4 milhão em gratificações a funcionários da prefeitura. O Ministério Público de Contas estadual solicita a devolução dos valores aos cofres públicos. A defesa de Nabor nega as acusações e ainda não apresentou sua defesa no processo.

Até o fechamento desta edição, o deputado alcançou um amplo apoio à sua candidatura, reunindo, até mesmo os dois maiores partidos da Casa, PL e PT. Além deles, MDB, Progressistas, Republicanos, Podemos, PC do B e PV também declararam apoio ao paraibano. Com essa composição, Motta totaliza, em tese, 324 votos em torno de sua candidatura. A votação será realizada em fevereiro de 2025, sendo o voto secreto.

ELEIÇÃO DE 1974

“Início do fim da Ditadura” completa 50 anos neste mês

Oposição aos militares conquistou 16 das 22 vagas de senador em pleito histórico

Da Redação
Com Agência Senado

As eleições de 1974, que escolheram, pelo voto direto, um senador por estado, além de deputados federais e estaduais, completam 50 anos na semana que vem. O pleito, realizado em 15 de novembro, é considerado um marco do período da Ditadura Militar — iniciada 10 anos antes, com o Golpe de 1964, e encerrada 10 anos mais tarde, com a eleição indireta de Tancredo Neves para a Presidência da República.

Mais do que a realização de eleições em meio a um período ditatorial, o resultado daquela disputa tem grande relevância para a história do país. Na ocasião, havia apenas dois partidos: a Arena, governista, e o MDB, de oposição. Os emedebistas elegeram 16 senadores entre as 22 vagas em jogo. Um dos eleitos pelo MDB foi o paraibano Rui Carneiro. O partido elegeu, ainda, 335 dos 787 deputados estaduais e 160 dos 364 deputados federais, aumentando, significativamente, suas bancadas nas assembleias, na Câmara e no Senado Federal.



Lema da campanha do MDB tinha denúncia subliminar

“Eu não tenho dúvida alguma de que a eleição para o Senado, em 1974, deu novo fôlego e oxigênio à resistência democrática no país. As pessoas começaram a perceber que havia possibilidades reais de um retorno ao Estado Democrático de Direito. Aquela eleição abalou as estruturas da Ditadura Militar”, afirma o senador Paulo Paim (PT-RS), que, na época, trabalhava como metalúrgico e dava os primeiros passos na política sindical, que, mais tarde, foi um dos focos de mobilização contra o regime.

Paradoxo

Para alcançar o que isso significou naquele momento

e suas repercussões para o futuro, é preciso explicar o contexto daquelas eleições. Afinal, como é possível haver voto direto em meio a uma Ditadura que limitava direitos individuais, proibia partidos de funcionar, fechava o Congresso, cassava políticos e, enfim, editava medidas que desrespeitavam o que dizia a própria Constituição vigente?

Esse paradoxo tem origem no próprio Golpe de 1964. Apoiado pela classe média urbana e até por políticos, o Regime, que se instalou após a deposição do presidente João Goulart, prometia não “radicalizar o processo revolucionário”, “manter a Constitui-

ção de 1946” e devolver o país à normalidade democrática, confirmando a realização das eleições diretas marcadas para novembro de 1965.

Porém, à medida que o tempo passava, os militares foram ampliando sua interferência no mundo político, chegando, por meio do Ato Institucional nº 2, a cancelar as eleições e a dissolver os partidos políticos, muitos deles em atuação desde o fim da ditadura do Estado Novo, em 1945. No lugar, o Regime criou um bipartidarismo, com a Aliança Renovadora Nacional (Arena) como partido de apoio ao governo e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB) como agremiação para reunir a oposição ao Regime.

A organização artificial da vida partidária desarticulou principalmente a oposição, assombrada pela cassação de políticos e pelos anos de maior perseguição a quem discordasse do Regime Militar. Naqueles anos, parte da resistência à Ditadura se expressava por meio de grupos guerrilheiros, que se recusavam a aceitar a institucionalização de um governo sem legitimidade democrática.

Vitória da Arena precedeu êxito da resistência

O primeiro teste do sistema com dois partidos foram as eleições de 1970, que eram um aceno à suposta retomada das regras democráticas, ainda que de fachada. Segundo o cientista político Wanderley Guilherme dos Santos, aquelas eleições transcorreram “em clima de intimidação generalizada, quando o braço repressivo do sistema estava criando fortes raízes na maquinaria governamental, face à luta que então desenvolvia contra ousados grupos de guerrilheiros urbanos”, cujo ápice deu-se entre 1969 e 1972.

Esse período foi inaugurado pela edição do Ato Institucional nº 5, em dezembro de 1968, considerado um marco da radicalização da Ditadura, fechando o Congresso por quase um ano. Pior que as medidas institucionais, o ato autorizava o governo a usar os meios necessários para assegurar o Golpe de Estado. A repressão perseguiu os opositores indistintamente.

As eleições de 1970 se realizaram nesse clima, com a oposição à Ditadura dividida entre a participação e o boicote às urnas, seja pela abstenção, seja pelo voto nulo. “A atividade política estava degradada. A apatia política disseminou-se entre as populações urbanas e entre o eleitorado da oposição”, avaliou o historiador André Teixeira Jacobina, em sua pesquisa de mestrado.

Com a oposição esvaziada, a Arena teve uma vitória esmagadora em 15 de novembro de 1970, elegendo 39 senadores contra apenas cinco do MDB. Na Câmara, 223 deputados federais eleitos eram do partido governista e apenas 87, da oposição. Ao mesmo

tempo, o pleito teve os mais altos números de votos brancos e nulos da história, que, somados à abstenção, chegaram a cerca de 50% do eleitorado.

Cautela e nova estratégia

Para 1974, o MDB se preparou e fez convenções para as eleições para o Senado e para a Câmara dos Deputados. No entanto, em muitos estados, as maiores lideranças do partido preferiram assegurar uma eleição para deputado federal, escolhendo para a disputa ao Senado nomes com menos tradição política.

“Há casos como o do Rio Grande do Norte, em que o MDB indicou Agenor Maria, um agricultor e ex-marinheiro que participou na Segunda Guerra Mundial, com pouca experiência política, para concorrer com Djalma Maranhão, deputado federal desde a década de 1950, presidente da Comissão de Constituição e Justiça. A surpresa foi geral quando Agenor Maria foi eleito”, relata Arlindo Fernandes, consultor legislativo do Senado.

Outros nomes como Orestes Quércia, em São Paulo; Itamar Franco, em Minas Gerais; e Marcos Freire, em Pernambuco, menos conhecidos, acabariam representando o MDB nas urnas e, depois de eleitos, firmaram-se como personalidades importantes em seus estados e nacionalmente.

As escolhas feitas nas convenções do MDB são uma amostra de como as expectativas não apenas do governo e da Arena, mas também dos próprios emedebistas, não detectaram o potencial da oposição nas urnas. Mesmo sem uma avaliação precisa

do prestígio que teria, o MDB demonstrou, nas eleições de 1974, que estava disposto a ocupar o espaço de oposição — e de resistência democrática — ao Regime Militar, ainda que sem eleições diretas para presidente e para governador.

Consequência

Surpresa ou não, fato é que as bancadas do MDB haviam aumentado, a ponto de conquistar direitos assegurados às minorias. Essa situação incomodou os militares e atrapalhou os planos do então presidente, Ernesto Geisel. “A eleição de 1974 mostra o crescimento da insatisfação popular com a Ditadura. O Regime acreditava que teria uma vitória esmagadora e que não precisaria fazer força para apoiar a Arena”, avaliou André Jacobina.

Os reflexos do resultado eleitoral acenderam alertas no Regime Militar. Nos anos seguintes, Geisel deixou claro que não permitiria que a abertura democrática, da forma idealizada por ele, saísse do controle. Com efeito, o governo logo adotou medidas direcionadas para evitar uma nova vitória da oposição.

Em julho de 1976, pou-

co antes das eleições municipais de novembro, Geisel sancionou a Lei Falcão. O texto alterava o Código Eleitoral, reduzindo a propaganda eleitoral gratuita no rádio e na TV ao mínimo possível. Nada de debates e entrevistas. Como propaganda, os candidatos poderiam apenas oferecer um retrato com poucas linhas para se apresentar. O resultado foi que, na abertura das urnas, a Arena obteve mais de 53% do total de votos, mantendo a maioria da maioria dos municípios.

Contudo, a maior reação do Governo Geisel à ascensão do MDB viria no ano seguinte, em 1977. Diante da resistência do Congresso em aprovar a reforma do Judiciário, Geisel fechou o Legislativo por duas semanas. O presidente também decretou um conjunto de medidas que ficou conhecido como “Pacote de Abril”, que incluía mudanças nos procedimentos do Senado e da Câmara, para facilitar a aprovação de medidas de interesse do governo, criando ainda a figura do “senador biônico”: um dos três senadores das bancadas estaduais seria eleito pelas assembleias legislativas, a maioria delas controlada pela Arena.

1. CONGRESSO EM RECESSO POR TEMPO INDETERMINADO
2. HABEAS-CORPUS SUSPENSO PARA DELITOS POLÍTICOS
3. PODER PARA CASSAR, DEMITIR, APOSENTAR E REMOVER

ATO-5: OBJETIVO É MANTER REVOLUÇÃO



Ato nº 5 foi o instrumento jurídico da Ditadura mais repressor

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

No dia do meu aniversário

No meu 69º aniversário, ainda me preocupo pela satisfação dos interesses coletivos, mas como estou perigosamente com o prazo de validade vencido, já dobrando o famoso cabo da boa esperança, permito-me apenas recordar o passado, lastimar as dores da velhice e o empobrecimento ilícito a que sou submetido pelo governo, algoz dos aposentados. Nos aniversários, é bom a gente fazer assepsia na alma. Nossa parte imortal, para quem acredita, é como os filtros: com o passar dos anos acumula impurezas.

No verdor dos anos, costumava comemorar no prostíbulo (palavra bela!) de Nevinha Pobre (sim, havia uma Nevinha Rica), com um magote de irreverenciosos amigos, na minha Itabaiana querida. A tal Nevinha foi a viga mestra da prostituição na rua do Carretel. Não era apenas uma comerciante carnal, que só pensava nos lucros do lenocínio, era uma espécie de mãe e conselheira, amiga de suas meninas, a quem chamava de afilhadas. Para nós, uma mestra dos prazeres, merecedora do respeito e deferência dos rapazes. O romancista português Carlos Oliveira define a prostituta como “um bem coletivo”.

Hoje, fazendo uma retrospectiva da vida, vejo que não posso mudar o que passou, mas posso deixar para lá. Plantar uma árvore, ter um filho, escrever um livro. Essa, em tese, seria a realização de um homem na sua passagem pela vida. Estou, nesse caso, de *curriculum* mais do que preenchido, até com um certo exagero. Plantei quase uma floresta em Bananeiras, ao longo do curso de agronomia, no Colégio Vidal de Negreiros. Só não replantei a Mata Atlântica inteira porque fui expulso devido a um entrevero com um capitão do Exército, mas isso é outra história. Tive seis filhotes, vingando cinco, e escrevi oito livretos, sendo que um deles, “História de Itabaiana em Versos”, foi adotado pelas escolas de Itabaiana, o que atesta sua qualidade.

De qualquer forma, conforme a cultura dos números, segundo a qual somente os terminados em zero devem ser comemorados, resolvi não festejar meus 69 anos de vida boa aperreada. No máximo, farei uma festinha simples, no interior de mim mesmo.

Prefero lembrar das coisas divertidas de minha existência, que vou desafiando aqui, na Toca do Leão, para o deleitamento dos meus seis ou sete leitores fiéis. Faço minhas as palavras do General Newton Estillac Leal: “Andei em muitas guerras, delas nem sempre trouxe uma vitória, mas de todas trouxe uma anedota”.

Citando ainda o grande Joaquim Nabuco, que em seu diário escreveu: “Sinto-me em ordem de marcha para o desconhecido. Quando se é jovem, os amigos, prolongamentos de nós mesmos, são jovens como nós e têm a vida diante de si. Na mocidade, olha-se para diante e não para trás, e os camaradas pisam nos caídos sem o sentir. No declínio, está-se entre os feridos abandonados no campo de batalha, ouvindo os gemidos a que não se pode atender e esperando nossa vez de descansar...”.

No ano que vem, pretendo fazer uma grande festa comemorativa dos 70 anos. Uma festança dos comecetos, sarau da máxima idade, onde certamente, espera-me grande decepção. Afinal de contas, em folguedo de “pé na cova” poucos comparecem. Os velhos camaradas que sobraram, há muito desistiram de sair de casa, até mesmo para abraçar um dos raros amigos vivos. Os colegas novatos preferem mandar mensagem nas redes sociais, em que se contém o melhor da dissimulação e insinceridade virtual. Conforme lamenta o companheiro Ulisses Barbosa, nos festivais doces das vacas gordas, a mocidade comparecia em massa para empanturrar-se do açúcar juvenil, olhando para o resto do mundo com um ar de hegemonia e triunfo. Quando chega o quilo de sal da derrocada, poucos comparecem e, os que se preocupam em aparecer, não trazem colher para comer o sal da senilidade. Esse pensamento me veio pela frase de Carlos Drummond de Andrade: “Há duas épocas na vida, infância e velhice, em que a felicidade está numa caixa de bombons”.

Colunista colaborador

NOVA INDÚSTRIA

País anuncia R\$ 1,6 tri para projeto

Recursos serão usados no impulsionamento do desenvolvimento nacional, com foco em elementos sustentáveis

Da Redação
Com Agência Gov

O Governo Federal anunciou investimentos superiores a R\$ 1,6 trilhão em projetos ligados à Missão 3 da Nova Indústria Brasil (NIB). Os recursos devem ser aplicados até 2029.

Lançada em janeiro deste ano, a NIB é uma política industrial que visa impulsionar o desenvolvimento nacional, baseada em elementos como sustentabilidade e inovação. Do total de R\$ 1,6 trilhão a serem investidos, 75% será proveniente da iniciativa privada.

O objetivo da Missão 3 é melhorar a qualidade de vida nas cidades, integrando mobilidade sustentável, moradia, infraestrutura e saneamento básico.

“Esse volume expressivo de investimentos demonstra o acerto do foco da Nova Indústria Brasil que, neste caso, fortalecerá a infraestrutura e a mobilidade no país, trazendo

bem-estar para os cidadãos, ao mesmo tempo que incentiva uma indústria inovadora”, afirmou o vice-presidente da República e ministro do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços, Geraldo Alckmin, em ato realizado, na última quarta-feira (30), no Palácio do Planalto, em Brasília.

Geraldo Alckmin destacou a cooperação entre o Poder Público e a iniciativa privada na política pública. “A parceria entre setor público e privado é essencial para transformar nossas cidades, com projetos que trazem desenvolvimento econômico e qualidade de vida para milhões de brasileiros”, defendeu.

Linhas de crédito

Dos recursos públicos para a Missão 3, R\$ 113,7 bilhões vêm das linhas de crédito e das subvenções do Plano Mais Produção (P+P), sendo R\$ 48,6 bilhões já destinados a projetos afins, desde 2023, e outros R\$ 65,1 bilhões disponi-



Anúncio reuniu autoridades políticas e representantes de empresas privadas, no Palácio do Planalto, em Brasília

veis até 2026.

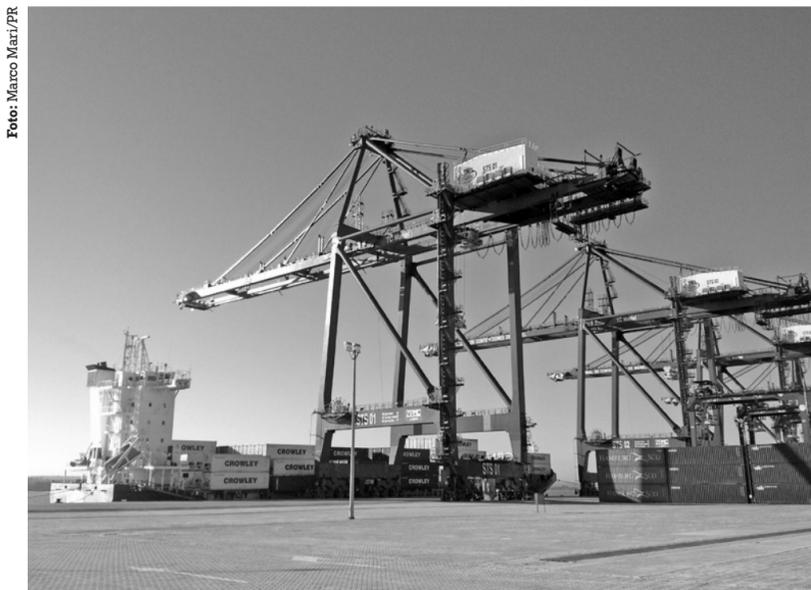
Criado para servir como ferramenta perene de financiamento à NIB, o Plano Mais Produção conta agora com o reforço da Caixa Econômica Federal, que aportou R\$ 63 bilhões. Com isso, subiu para R\$ 405,7 bilhões o total de recursos em projetos que se relacionem às seis missões da NIB.

■ **Objetivo da Missão 3 da NIB é melhorar a qualidade de vida nas cidades brasileiras**

As demais instituições do Plano Mais Produção são o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), a Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), o Banco do Nordeste (BNB), o Banco da Amazônia (Basa) e a Empresa Brasileira de Pesquisa e Inovação Industrial (Embrapii).

Também entram na conta dos recursos públicos, para a Missão 3, outros R\$ 492,4 bilhões da Caixa, do BNB e do BNDES, destinados a obras do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) e do programa Minha Casa, Minha Vida, cujos investimentos alavancam as atividades industriais ligadas a esta missão.

Entidades investem em moradia, infraestrutura e saneamento



Iniciativa prevê a modernização de portos e a produção em larga escala de baterias elétricas

Durante a cerimônia da última quarta-feira, a Associação Brasileira de Infraestrutura e Indústrias de Base (Abdi) anunciou investimentos de R\$ 833 bilhões no país. A Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC) aportará outros R\$ 222,5 bilhões e a Associação Brasileira da Indústria de Materiais de Construção, R\$ 1,6 bilhão, totalizando R\$ 1,05 trilhão nas áreas de moradia, infraestrutura e saneamento até 2029. A maior parte dos recursos será destinada a obras de mobilidade urbana, saneamento, aeroportos, ferrovias, rodovias e portos.

Também entre os anúncios da iniciativa privada, a WEG, empresa brasileira de alta tecnologia, informou que dará início a um ciclo de investimentos para produzir baterias elétricas em larga escala, com aporte inicial de R\$ 1,8 bilhão. Assim, a WEG soma-se a outras empresas que já operam no país com essa perspectiva, como a BorgWarner, que desenvolve baterias para ônibus elétricos em sua unidade de Piracicaba, em São Paulo.

O secretário de Desenvolvimento Industrial, Inovação, Comércio e Serviços, Wallace Moreira, lembrou que o Brasil tem grandes reservas de lítio e de outros minerais usados na fabricação de baterias elétri-

cas, mas a quase totalidade da extração desses minérios é, atualmente, exportada para a produção do componente fora do país. “Nosso objetivo é mudar isso. Até porque baterias fabricadas aqui, com nossas fontes de energia renováveis, serão muito mais sustentáveis do que as produzidas em países que ainda usam o carvão em larga escala como matriz energética”, disse Wallace.

Metas e desafios

O desenvolvimento da cadeia produtiva de baterias está entre as prioridades da Missão 3. A meta, estabelecida pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Industrial (CNDI), é, até 2026, ter ao menos 3% dos veículos eletrificados brasileiros circulando com baterias nacionais, chegando a 33% até 2033.

Outro objetivo é entregar, até 2026, dois milhões de moradias contratadas pelo programa Minha Casa, Minha Vida, das quais 500 mil serão equipadas com painéis solares. E, até 2033, 6,9 milhões de casas, sendo 1,4 milhão com painéis fotovoltaicos. Entre as prioridades e os desafios, estão, ainda, o desenvolvimento das cadeias metroferroviárias, com seus componentes, e dos sistemas de propulsão para veículos automotores.

Inovação

A Finep assinou oito contratos de subvenção e dois de crédito direto para desenvolvimento de novas tecnologias, no valor total de R\$ 157 milhões. Desses, quase R\$ 10 milhões irão para o projeto de um “barco voador”, veículo capaz de voar sobre a lâmina dos rios. A tecnologia vem sendo desenvolvida pela startup amazonense AeroRiver.

Segundo a empresa, o veículo poderá transportar até 10 passageiros, inclusive em períodos de seca, alcançando 150 km/h. Os demais projetos envolvem soluções para aviação sustentável (por exemplo, um turbogerador híbrido movido a etanol), centros de pesquisa e tecnológicos, remanufatura de resíduos e desenvolvimento de caminhão elétrico autônomo para uso industrial, entre outros.

■ **Meta do governo é entregar, até 2033, quase sete milhões de casas, sendo 1,4 mi com painéis fotovoltaicos**

Saiba Mais

A Nova Indústria Brasil define metas para cada uma de suas seis missões. Os investimentos e o conjunto de ações propostas envolvem todos os membros do Conselho Nacional de Desenvolvimento Industrial (CNDI) e o setor produtivo nacional. Para reverter a desindustrialização precoce do país, a iniciativa prevê a articulação de diversos ins-

trumentos de Estado, como linhas de crédito especiais, recursos não-reembolsáveis, ações regulatórias e de propriedade intelectual, além de uma política de obras e de compras públicas, com incentivos ao conteúdo local, para estimular o setor produtivo. A NIB também lança mão de novos instrumentos de captação, como o mercado regulado de carbono

e a taxonomia verde, para responder ao novo cenário mundial, em que a corrida pela transformação ecológica e o domínio tecnológico se impõem. Confira as missões da NIB:

■ **Missão 1:** Cadeias agroindustriais sustentáveis e digitais para a segurança alimentar, nutricional e energética;

■ **Missão 2:** Complexo econômico industrial da saúde resiliente para reduzir as vulnerabilidades do SUS e ampliar o acesso à saúde;

■ **Missão 3:** Infraestrutura, saneamento, moradia e mobilidade sustentáveis para a integração produtiva e o bem-estar nas cidades;

■ **Missão 4:** Transformação digital da indústria para ampliar a produtividade;

■ **Missão 5:** Bioeconomia, descarbonização e transição e segurança energéticas para garantir os recursos para as futuras gerações;

■ **Missão 6:** Tecnologias de interesse para a soberania e a defesa nacionais.



Aponte a câmera para o QR Code acima e tenha acesso a detalhes do plano Nova Indústria Brasil

EDITAIS LANÇADOS

Nova Palmeira e PM abrem vagas

Município no Seridó oferece 133 oportunidades, distribuídas em 35 cargos de níveis fundamental, médio e superior

Marcelo Lima
 macerlolimanatal@yahoo.com

Para quem sonha em ser servidor público municipal ou estadual, a Prefeitura de Nova Palmeira e a Polícia Militar da Paraíba podem concretizar esse desejo. Juntos, os editais oferecem 163 vagas.

O concurso de Nova Palmeira, no Seridó paraibano, dispõe de 133 oportunidades, distribuídas em 35 cargos de níveis fundamental, médio e superior. As remunerações variam de R\$ 1.412 a R\$ 4.294,28, e as inscrições ficam abertas até 27 de novembro, pelo site da empresa organizadora, a Facet Concursos. Segundo o edital, as taxas custam entre R\$ 85 e R\$ 115, a depender do cargo pretendido.

O cargo de auxiliar de serviços gerais é o que oferece mais vagas: 25, no total. Há, ainda, oportunidades para agente administrativo, agente de limpeza urbana, eletricista, enfermeiro, engenheiro, farmacêutico, fonoaudiólogo, médico, motorista, entre outras funções. As jornadas de trabalho variam de 30 a 40 horas semanais.

O concurso permite a inscrição em mais de um cargo, desde que eles sejam de diferentes níveis. As provas objetivas estão marcadas para o dia 29 de dezembro. Pela manhã, serão aplicadas as provas dos cargos com exigência de Ensino Superior e de Ensino Fundamental. À tarde, acontecem as provas para cargos de nível médio.

Oficiais da polícia

Já o concurso do Curso de Formação de Oficiais (CFO) da Polícia Militar da Paraíba oferece 30 vagas. Para concorrer, os candidatos devem ter diploma de Ensino Superior

■ Certames ofertam salários que variam de R\$ 1.412 a R\$ 8.745

em qualquer área de conhecimento, além de fazer o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) deste ano — que funcionará como teste intelectual, de caráter classificatório. Além do Enem, os candidatos também serão submetidos a exames complementares (de saúde, de aptidão física e psicológico), cujo prazo de inscrição começa amanhã e se estende até o dia 20 de novembro.

O edital exige, ainda, requisitos específicos ao sexo dos candidatos. Homens devem ter, no mínimo, com pés descalços e descobertos, 1,60 m de altura; as mulheres, nas mesmas condições, devem ter, no mínimo, 1,55 m. Também há limitação de idade: mínimo de 18 anos e máximo de 32. Para candidatos que já fazem parte da PM, o limite de idade é de 40 anos.

A remuneração obedece a diferentes graus de hierarquia, começando em R\$ 3.003,48 — quando o se-



Candidatos ao Curso de Formação de Oficiais da Polícia Militar devem fazer o Enem e se inscrever em exames complementares

leccionado estiver na condição de cadete — e terminando em R\$ 8.745,75 — quando ele concluir o curso e se tornar 2º tenente da PM. Do total de vagas, 24 são para a ampla concorrência e seis são destinadas a candidatos negros. Não haverá distinção de gênero na distribuição das vagas.

Saiba Mais

Confira etapas e anúncios importantes de concursos nesta semana:

■ CNU

O Concurso Nacional Unificado (CNU) do Governo Federal realiza, até hoje, a etapa de verificação de cor ou raça dos candidatos declarados negros e indígenas. Amanhã, o certame federal divulgará o resultado preliminar da prova de títulos e abrirá prazo para recursos.

■ PB Saúde

O prazo para inscrições do concurso da

Fundação Paraibana de Gestão em Saúde (PB Saúde) acaba na próxima quarta-feira (6). A seleção oferece 3.816 vagas, nas áreas assistencial, médica, jurídica e de gestão em saúde.

■ IFPB

O campus de Monteiro do Instituto Federal da Paraíba (IFPB) está com inscrições abertas para a seleção de professor substituto de viola e violino. As inscrições

acontecem até a próxima terça-feira (5), pelo site concursos.ifpb.edu.br/.

■ Fundac

A Fundação de Desenvolvimento da Criança e do Adolescente (Fundac) formou uma comissão organizadora para um novo concurso público. A equipe será responsável pelo termo de referência ou projeto básico do concurso e pela contratação da empresa organizadora. Ainda não há calendário para o certame.



Pelo QR Code acima, acesse o edital do concurso de Nova Palmeira



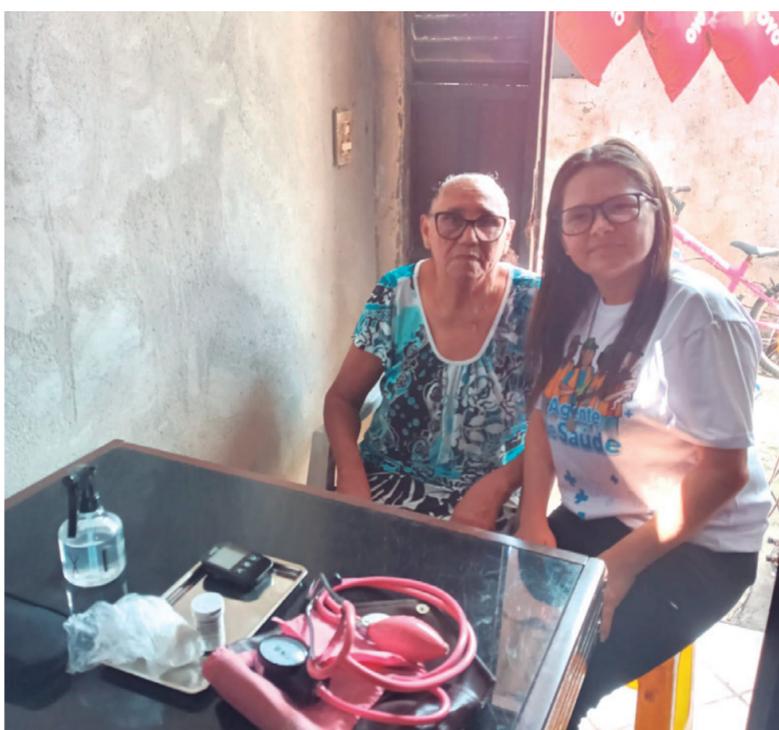
Pelo QR Code acima, acesse o edital do concurso do CFO da Polícia Militar

Agente de saúde: olhar global sobre o bem-estar das famílias

Uma visão ampla sobre os indivíduos, o ambiente familiar e a comunidade. Essa é a principal característica de um agente comunitário de saúde para fazer a diferença na vida das pessoas. O profissional observa as particularidades de cada indivíduo, de cada gênero, nas diferentes fases da vida. Ao mesmo tempo, usa seu potencial mobilizador para enfrentar questões locais de saúde pública ao lado da comunidade.

Ligado à atenção básica da saúde dos municípios, o agente comunitário de saúde é peça chave na execução de muitas políticas públicas de saúde, em razão do contato direto e ativo com a população.

Com 13 anos de profissão, Lúcia Rodrigues Casiano, de 45 anos, conhece bem as agruras e as alegrias desse ofício. “Diziam assim: ‘você vai deixar de ser técnica em Enfermagem para ficar como agente de saúde, trabalhar no



Lúcia Rodrigues presta assistência a moradores de 240 casas na Zona Norte da capital

Sol?’. Existia a desvalorização da categoria, na época”, diz, sobre o momento em que decidiu assumir a

vaga que possibilitaria morar perto de sua família.

Hoje, ela prefere destacar o que a mantém no tra-

balho. “As pessoas chegam e dizem: ‘o seu olhar diferenciado fez com que eu não perdesse um pé, me fez

perceber que sou hipertensa ou diabética, sendo que eu não sabia’. Isso vale a pena. Uma observação assim muda a história de uma família”, conta.

Mesmo responsável por 240 lares no Alto do Céu, bairro localizado na Zona Norte de João Pessoa, Lúcia frisa que esse trabalho é personalizado. Por dia, em média, consegue visitar três casas. O número varia conforme o tempo de visita. “Vai depender do tamanho da família. Tem visita que você passa 1h ou 1h30 e têm outras que, em 10 minutos, você faz”, explica.

As orientações dos agentes comunitários visam ao cuidado integral da saúde. Podem acolher e acompanhar pessoas em sofrimento psíquico, em dependência química ou aquelas que necessitam de adequações na alimentação. E, por falar em comida, essa é um dos indicadores de satisfação da população. Quando o profissio-

nal é querido, muitas pessoas fazem café, oferecem lanches e puxam papos intermináveis, sobretudo os mais idosos.

Lúcia Rodrigues dá um recado para quem sonha com a profissão: “ser agente de saúde é bom, mas entrem com amor. Entrem sabendo que vão lidar com vidas, sabendo que as pessoas levam como verdade cada informação que você passar”.

Vagas na Paraíba

A carreira de agente comunitário de saúde é uma das contempladas no edital da Prefeitura de Nova Palmeira — serão três vagas. A remuneração ofertada é de R\$ 2.824, e a jornada de trabalho é de 40 horas semanais. Os candidatos devem ter Ensino Médio completo e curso de agente comunitário de saúde oferecido por instituição devidamente regulamentada, além de morar na região onde trabalhará.

Selic

Fixado em 18 de setembro de 2024

10,75%

Salário mínimo

R\$ 1.412

Dólar \$ Comercial

+1,53%

R\$ 5,870

Euro € Comercial

+1,14%

R\$ 6,361

Libra £ Esterlina

+1,51%

R\$ 7,583

Inflação

IPCA do IBGE (em %)

Setembro/2024 0,44

Agosto/2024 -0,02

Julho/2024 0,38

Junho/2024 0,21

Maior/2024 0,46

Ibovespa

-1,23%

128.120 pts

MAIS ECONÔMICO

Plano de saúde para animais em alta

Cada vez mais médicos veterinários aceitam convênios, e a diferença no preço dos serviços pode chegar a 70%

Bárbara Wanderley
babiwanderley@gmail.com

A presença de animais de estimação é cada vez mais comum nos lares brasileiros e também paraibanos. Quem tem bichos em casa sabe que as despesas veterinárias representam uma grande parte dos gastos que eles dão e, muitas vezes, podem ser inesperadas. Por isso, o número de planos de saúde para animais de estimação vem crescendo em João Pessoa. A promessa é de economia de até 70% nas despesas veterinárias

De acordo com o médico veterinário Antônio Mota, este ano houve uma guinada no uso desses planos e ele vem recebendo cada vez mais clientes conveniados. A clínica dele, Pet Home, localizada no bairro de Manaíra, em João Pessoa, atende seis planos diferentes, além de seguros de saúde bancários. Para ele, essa é uma tendência que veio para ficar. “É uma tendência de mercado que não volta mais”, opinou.

Um dos mais populares é o Pet Love, que possui planos a partir de R\$ 19,90 ao mês, com alguns serviços básicos, como consultas, exames de sangue e vacinas. O Pet Love foi o plano escolhido por Camila Duarte para o seu cachorro Peralta. Ela optou, porém, pelo plano intermediário, que custa R\$ 49,90, e além dos serviços básicos também dá direito a atendimento ambulatorial, ultrassonografia e raio X.

“Escolhi o intermediário, porque nosso pet é jovem, quando a gente fez ele tinha só três anos. Creio eu, que ele não vai precisar, nem tão

cedo, de cirurgia. Uso mais para vacina anual, check-up anual, alguma consulta. Super atende minha necessidade”, afirmou. Para ter direito à cirurgia, é preciso pagar pela modalidade mais cara do plano, que custa R\$ 99,90.

Como escolher

Camila explicou ainda que o plano escolhido por ela tem coparticipação, ou seja, cada vez que ele é uti-

lizado, o cliente deve pagar uma porcentagem do valor que foi gasto. “Uma consulta, por exemplo, acho que dá uns R\$ 30”, disse.

Existem outros planos, porém, em que não há coparticipação, conforme explicou Antônio Mota. Ele também ressaltou que é importante observar se o plano contratado tem carência de uso. No caso do Pet Love, por exemplo, o plano só pode ser uti-

lizado após um *microchip* de identificação ser implantado no animal, mas o procedimento é gratuito. “Tem gente que até desiste do plano, quando vê a agulha que a gente usa para implantar o *microchip*, que é um pouco grossa. Mas a gente tenta explicar que é um procedimento seguro e é até melhor, porque se o animal fugir, se perder, por exemplo, a gente tem como ler o *chip* e identificar quem é o tutor daquele animal”, esclareceu o veterinário.

Além de coparticipação e carência, o veterinário também recomendou que, na hora de escolher o plano, a pessoa observe a rede credenciada. Veja se tem uma clínica perto da sua casa, porque fica difícil você ter um problema com seu animal em Manaíra e ter que levar ele para os Bancários, por exemplo”, aconselhou.

Nesse sentido, as seguradoras apresentam vantagem. Nessa modalidade, o tutor pode levar seu animal de estimação para fazer qualquer tipo de tratamento, exame ou cirurgia, pagando por isso normalmente, mas é reembolsado pela seguradora com apresentação da nota fiscal. O veterinário contou que Itaú, Bradesco e Banco do Brasil possuem esse tipo de seguro.

“Quem for correntista de algum desses bancos, e até mesmo de outros, deve procurar saber sobre essas opções, porque às vezes a pessoa tem um produto do banco que dá direito a isso e nem

sabe. Já aconteceu de uma cliente conversar comigo e, quando ela foi perguntar no banco, ela já tinha o direito e não sabia. Então ela só levou a nota fiscal e recebeu o reembolso”, destacou Antônio.

Faça as contas

Mesmo com as promessas de economia, o veterinário Antônio Mota lembrou que cada animal tem diferentes necessidades, portanto, recomendou que cada tutor faça as contas de quanto costuma gastar com as despesas médicas do bichinho para ver qual opção de plano de saúde vale mais a pena.

Segundo ele, só o protocolo anual de vacinas de um cachorro, por exemplo, custa quase R\$ 1 mil, considerando que o animal seja jovem e saudável, a despesa seria apenas essa. Um animal idoso, por outro lado, tende a precisar de consultas e de exames com mais frequência.

Além disso, ele ressaltou que os planos ajudam a manter a prevenção. “Podemos fazer um *check-up*, ver se está tudo bem. E também qualquer sintoma diferente que o animal tenha, já vem ao veterinário, então conseguimos descobrir mais cedo os problemas, antes que se agrave muito”, comentou.

Ele destacou ainda que os profissionais de veterinária também precisam calcular se vale a pena atender pelos planos, já que alguns deles recebem valores muito baixos aos veterinários. “A gente tem que ganhar na quantidade de

atendimentos”, comentou.

Ele disse, porém, que acredita que não há como fugir disso e os profissionais que não aceitem planos, acabaram ficando para trás. “Estive num evento em São Paulo e lá todos os colegas me disseram que é um caminho sem volta. Lá, tem para mais de dez planos, é muito comum”, disse.

Regulamentação

Questionado pela reportagem de **A União**, o Conselho Regional de Medicina Veterinária da Paraíba (CRMV-PB) afirmou, por meio de sua assessoria de comunicação, que não existe um levantamento sobre planos de saúde para *pets* e ainda não existe uma regulamentação sobre o tema junto ao sistema de conselhos federal e regionais.

O CRMV-PB informou ainda que na 4ª Câmara Nacional de Presidentes (CNP), realizada em Curitiba, em outubro, foi proposta a criação de uma Agência Nacional de Saúde para a Medicina Veterinária a fim de regular os planos de saúde animal no Brasil.

Assim como acontece na medicina humana, a agência seria responsável pela fiscalização das operadoras de planos de saúde e pela regulação do mercado, tanto em relação à assistência aos aspectos assistenciais quanto à atividade econômica. A sugestão é criar a redação de uma minuta de lei a ser levada aos parlamentares, que preveja a criação de uma legislação específica para os planos de saúde animal.



Veterinário recomenda que, na hora de escolher o plano, os donos de pets observem a rede credenciada e se informem sobre coparticipação e carência

Foto: Evandro Pereira

Fotos: Arquivo pessoal



Planos ajudam na prevenção de doenças com check-ups e alguns até restituem valores pagos em veterinários não conveniados

EM 2024

Produção da indústria cresce 3,1%

Expansão do mercado de trabalho e aumento da massa salarial contribuíram para o dinamismo do setor neste ano

Agência Gov

A produção industrial brasileira avançou 1,1% na passagem de agosto para setembro. O ganho de ritmo acontece após a variação positiva de 0,2% verificada no mês anterior. Em relação a setembro de 2023, a indústria teve crescimento de 3,4% na sua produção. No ano, acumula alta de 3,1% e, em 12 meses, expansão de 2,6%. Os dados são da Pesquisa Industrial Mensal (PIM - Brasil), divulgada na sexta-feira (1º) pelo IBGE.

“O desempenho positivo da indústria em setembro mostra uma intensificação da variação positiva verificada em agosto. A combinação de resultados dos dois últimos meses significou um ganho acumulado de 1,4%, eliminando o recuo de 1,3% observado em julho. Há um ganho de ritmo da produção em 2024, e isso fica claro quando comparamos o patamar da indústria em setembro deste ano com dezembro de 2023, com o setor industrial 2,9% acima, evidenciando a permanência de uma trajetória ascendente”, explica André Macedo, gerente da PIM-Brasil.

Segundo ele, o maior dinamismo da indústria em 2024, quando comparada a 2023, está relacionado a fatores como a incorporação de mais pessoas ao mercado de trabalho, redução da taxa de desocupação, aumento da massa salarial, melhora nas condições de crédito, diminuição da inadimplência e menor taxa de juros.

De agosto para setembro, três das quatro grandes cate-

gorias econômicas e 12 dos 25 ramos industriais pesquisados tiveram alta na produção. As principais influências positivas vieram de coque, produtos derivados do petróleo e biocombustíveis (4,3%), produtos alimentícios (2,3%), veículos automotores, reboques e carrocerias (2,5%), produtos do fumo (36,5%), metalurgia (2,4%) e de máquinas, aparelhos e materiais elétricos (3,3%).

Bens de capital

Em relação às grandes categorias econômicas, na comparação com agosto, o setor de bens de capital cresceu 4,2%, apresentando a taxa positiva mais alta em setembro de 2024, eliminando parte da perda de 4,6% registrada no mês anterior. Bens de capital são máquinas e equipamentos usados pela indústria para produzir os demais bens. Quando a

produção de bens de capital cresce, indica que o setor industrial está investindo, sinalizando crescimento global mais à frente.

No acumulado do ano, os setores que incluem equipamentos e insumos produtivos também evoluíram positivamente: setor de equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos (17,9%), de metalurgia (6,7%), de máquinas, aparelhos e materiais elétricos (14,8%), de produtos de metal (8,7%), de produtos de borracha e de material plástico (6,5%), de móveis (16,2%) e de máquinas e equipamentos (5,1%).

Bens de consumo

Em setembro, os segmentos de bens intermediários (1,2%) e de bens de consumo semi e não duráveis (0,6%) também mostraram crescimento na produção. Os dois obtiveram o segundo resultado positivo consecutivo e, no período, acumularam avanços de 1,6% e 1,1%, respectivamente.

Responsável pelo maior

impacto positivo no resultado deste mês, o setor de coque, produtos derivados do petróleo e biocombustíveis (4,3%) voltou a crescer após recuar em julho e agosto, período no qual acumulou perda de 3,5%. O segmento de produtos alimentícios (2,3%) foi outro que interrompeu uma sequência de dois resultados negativos, quando teve perda somada de 4,2%. “Essas duas atividades vinham de dois meses consecutivos de queda, de modo que tinham uma base de comparação baixa. Em termos de produtos, óleo diesel e gasolina foram os destaques na primeira, enquanto na segunda os derivados da soja, o açúcar e carnes de aves e suínos se sobressaíram”, acrescenta André.

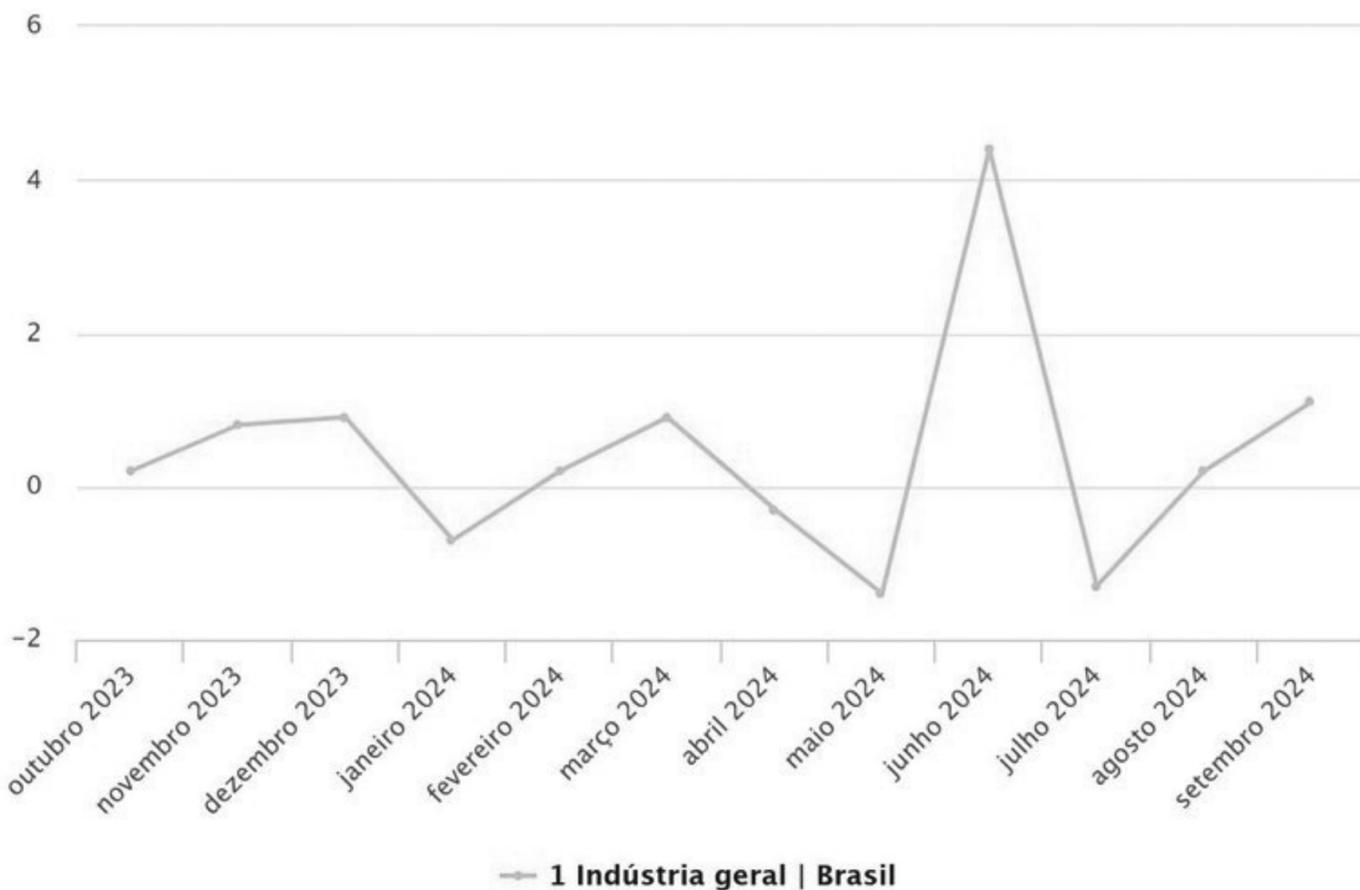
No sentido oposto, entre as 12 atividades que apresentaram queda na produção, indústrias extrativas (-1,3%) e produtos químicos (-2,7%) exerceram os principais impactos negativos. A primeira voltou a recuar após avançar 1,0% no mês anterior, enquanto a segunda interrompeu três meses seguidos

de crescimento na produção, período em que acumulou expansão de 10,5%. Também houve diminuições expressivas nos ramos de outros equipamentos de transporte (-7,8%) e de produtos farmacêuticos e farmacêuticos (-3,7%).

No sentido inverso, o setor de bens de consumo duráveis, ao recuar 2,7%, marcou a única taxa negativa em setembro de 2024, repetindo o nível de perda verificado em agosto. Com os dois resultados negativos seguidos, totaliza um recuo de 5,4%. Nos meses de junho e julho de 2024, porém, essa categoria econômica acumulou expansão de 13,2%.

■ De agosto para setembro, três das quatro grandes categorias econômicas pesquisadas tiveram alta

Produção industrial (mês/mês anterior)



Fonte: IBGE – Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física



No acumulado do ano, máquinas e equipamentos evoluíram positivamente: setor cresceu 5,1%

Atividade sobe 3,4% na comparação anual

Frente a setembro de 2023, a indústria cresceu 3,4%, com resultados positivos em todas as quatro categorias econômicas, 20 dos 25 ramos, 54 dos 80 grupos e 62,2% dos 789 produtos pesquisados. As principais influências positivas vieram de veículos automotores, reboques e carrocerias (19,5%) e coque, produtos derivados do petróleo e biocombustíveis (3,3%). Isso ocorreu, principalmente, pela maior produção dos itens para ônibus, caminhão-trator para reboques e semirreboques, caminhões, automóveis, veículos para o transporte de mercadorias e carrocerias para ônibus e caminhões, na primeira; e álcool etílico e óleo diesel, na segunda.

Os setores de equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos (17,9%), de metalurgia (6,7%), de máquinas, aparelhos e materiais elétricos (14,8%), de produtos de metal (8,7%), de produtos de borracha e de material plástico (6,5%), de móveis (16,2%), de máquinas e equipamentos (5,1%), de produtos de minerais não metálicos (6,9%), de produtos químicos (2,0%), de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados (6,3%) e de produtos de madeira (9,5%) também contribuíram positivamente.

Pelo lado das quedas, a atividade de indústrias extrativas (-2,9%) exerceu a maior influência negativa,

pressionada, sobretudo, pela menor extração de óleos brutos de petróleo. Outros impactos negativos importantes vieram de produtos alimentícios (-0,8%) e impressões e reprodução de gravações (-12,0%).

“O patamar de produção da indústria em 2024 é claramente superior ao do ano passado. No entanto, é preciso lembrar que 2023 terminou com uma variação positiva de 0,1%, ou seja, o crescimento deste ano ocorre sobre uma base ainda baixa”, observa André.

Mais sobre a pesquisa

A PIM-Brasil produz indicadores de curto prazo desde a década de 1970, relativos ao

comportamento do produto real das indústrias extrativa e de transformação. A partir de março de 2023, teve início a divulgação da nova série de índices mensais da produção industrial, após reformulação para atualizar a amostra de atividades, produtos e informantes; elaborar uma nova estrutura de ponderação dos índices com base em estatísticas industriais mais recentes; atualizar o ano base de referência da pesquisa; e incorporar novas unidades da federação na divulgação dos resultados regionais da pesquisa. Essas alterações metodológicas são necessárias e buscam incorporar as mudanças econômicas da sociedade.

COMUNICADO DE FALECIMENTO DE PESSOA NÃO IDENTIFICADA

O Instituto de Polícia Científica do estado da Paraíba comunica que se encontra nas dependências do Núcleo de Medicina e Odontologia Legal, NUMOL, da cidade de João Pessoa PB, um corpo que em vida pertenceu a VÂNIA ARAÚJO DO LIVRAMENTO, sexo Feminino, com idade estimada de 49 anos, cor parda, cabelos crespos, estatura 160 cm, constituição física boa, sem sinais particulares, falecido em 26/06/2024 no Hospital Santa Isabel, nesta capital. Informações adicionais estão disponíveis no NUMOL, sito à Rua Antônio Teotônio, S/N, Bairro Cristo Redentor da cidade de João Pessoa - PB.

Flávio Rodrigo Araújo Fabres
Perito Oficial Médico Legal
Chefe do NUMOL/JP

Adelson Ferreira dos Santos
Coordenador Técnico do Laboratório de Anatomia Unifip

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DEPARTAMENTO DE MORFOLOGIA

COMUNICADO DE FALECIMENTO DE PESSOA NÃO IDENTIFICADA

O Instituto de Polícia Científica do estado da Paraíba comunica que se encontra nas dependências do Núcleo de Medicina e Odontologia Legal, NUMOL, da cidade de João Pessoa PB, um corpo de identidade ignorada; registrado sob o número: 030101092024.32435; NIC 2024-6294, sexo masculino, com idade aproximada de 60 anos, cor parda, cabelos crespos e grisalhos, barba longa e grisalha, estatura 165cm, constituição física boa, sem sinais particulares. Falecido em 16/09/2024, em sua residência na zona rural município de Conde/PB. Informações adicionais estão disponíveis no NUMOL, sito à Rua Antônio Teotônio S/N, Bairro do Cristo Redentor da cidade de João Pessoa PB.

Profª Drª Amira Rose C. Medeiros
Vice-Coordenadora dos Laboratórios de Anatomia
Presidente da Comissão de Captação de Corpos da UFPB
MATRICULA SIAPE 2115515

FONTES FALSAS

Profissionais discutem o combate à desinformação

Encontro sobre o tema reúne pesquisadores em Campina Grande

Ascom Secties

Em redes digitais repletas de informação, muitas vezes, um mesmo fato pode ter várias versões diferentes. Pode vir repleto de fontes falsas, de dados inventados, descontextualizados ou até mesmo pode ser satirizado. O tema é tão complexo que passou a ser estudado academicamente e combatido institucionalmente, buscando uma simetria entre os detentores do poder midiático atual e a sociedade.

Na última semana, o Encontro Paraibano de Combate à Desinformação reuniu representantes de universidades, da mídia, de instituições governamentais, educadores de escolas e outros interessados numa tentativa de compreender melhor a problemática em torno da desinformação para melhorar as estratégias de resistência e combate.

O evento, que aconteceu em Campina Grande — no Centro de Formação de Educadores, no dia 28 de outubro, e no Campus V da UEPB, no dia 29 de outubro —, foi realizado pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e apoiado pela Secretaria de Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties), Fundação de Apoio à Pesquisa (Fapesq), entre outras instituições.

Celia Regina Diniz, reitora



Evento aconteceu no Centro de Formação de Educadores e no campus V da UEPB reunindo vários profissionais

Fotos: Mateus de Medeiros/Secties

da UEPB, destacou que a universidade mantém o grupo de estudos sobre a desinformação, o Comunica UEPB, e firmou parceria com a Secties para desenvolver essa temática.

“A desinformação pode criar problemas gigantes na sociedade, com narrativas imprecisas. Acreditamos que, com esse trabalho na educação, poderemos contribuir para que as pessoas tenham um olhar crítico, vejam o que está por trás de uma informação, quais são as fontes, para não cair em uma informação falsa”, ressalta a reitora Célia Diniz. Ela falou

também sobre o papel das instituições, principalmente as que trabalham com educação: “Elas precisam levar às comunidades o conhecimento para que se combata a desinformação”.

Juliana Marques, coordenadora do evento, assessora de Comunicação da UEPB e responsável por acompanhar o convênio da UEPB com o Supremo Tribunal Federal, no âmbito do programa de Combate à Desinformação, acrescenta que a desinformação é algo que vai seguir na nossa sociedade como um vírus circulando. “A gente tem que atuar no sentido de ter

uma vacina”.

Segundo Juliana, a desinformação é um conceito complexo que abrange diversas facetas. “A *fake news* é uma delas. A gente pode contemplar também as *deepfakes* — que são aquelas adulterações de imagem de áudio de vídeo; tem as teorias da conspiração; a hiperinformação. [...] A desinformação é uma variedade de situações que permeiam o nosso cotidiano e nem sempre está relacionada à simples mentira. Pode-se desinformar falando a verdade ou falando várias versões de um fato para a pessoa não saber em qual acreditar”, afirma.

Alterações de narrativas escondem ideologias

Felipe Brasileiro, professor do departamento de Comunicação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), expressa que, às vezes, a desinformação é promovida pela imprensa ideologizada, ou pelas plataformas, sem a percepção da sociedade. “Compreendendo a ideologia dessa classe mais dominante e hegemônica, as suas intenções, nos ajuda a compreender como a desinformação está circulando no contexto da sociedade. Ela vem para atender fins políticos e econômicos”.

O professor identifica na história brasileira como a imprensa foi utilizada para sedimentar ideologias: “No período da

Ditadura Militar, a desinformação foi utilizada como ferramenta de manipulação da opinião pública, no sentido de divulgar e de promover a instituição do governo e ocultar atos não cívicos e não democráticos”.

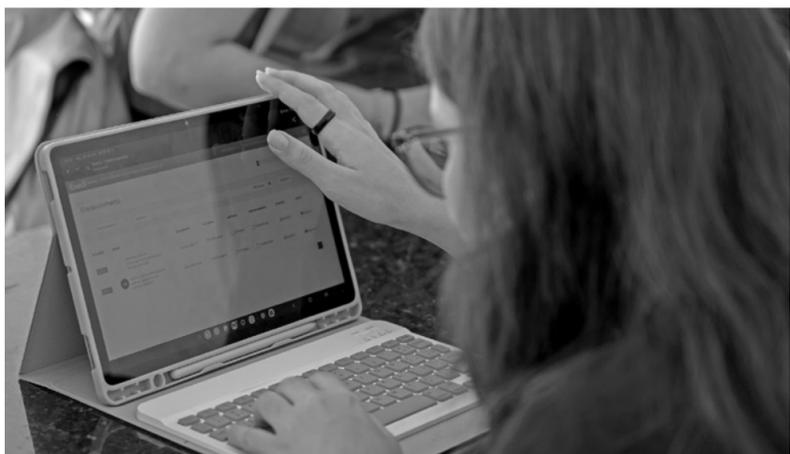
Ainda de acordo com Felipe Brasileiro, as plataformas trouxeram apenas mais uma camada de complexidade, trazendo as questões da lógica de algoritmos de plataformas sociais.

Conforme a palestrante Mabel Dias, jornalista associada ao Intervozes, “o jornalismo vem sendo uma fonte de resistência para essa desinformação com a qual a gente vive atualmente. Mas é importante a gente frisar que a desinformação, a manipulação de conteúdo, a ocultação de conteúdo e outros estratagemas também

estão presentes na mídia tradicional de hoje”.

A jornalista ressalta a ameaça à democracia no Brasil. “Grupos políticos se utilizam da desinformação como estratégia política para criar boatos e disseminar dúvidas sobre seus adversários”.

Entre as instituições mais atingidas, a representante do Superior Tribunal Federal (STF), Gabriella Guerreiro, declarou que “das menções em respostas dos *posts* publicados pelo STF em redes sociais, geralmente 74% são contrários à instituição. Mas, desses, pelo menos 34 ou 35% são de *sites*, por exemplo, de pessoas que você não sabe a procedência. Então, já é uma demonstração de que pode estar vindo de ataques sistematizados”.



Técnicos estudam grupos políticos que se utilizam da desinformação como estratégia política

Ecossistema do Universo

Carlos Alberto P. da Silva
radioastronomia.educacional@gmail.com | Colaborador

Karl Jansky: nasce uma nova ciência

Estamos nos anos 30, uma época de intensa inovação tecnológica, em que muitas invenções começavam a alcançar o público em geral. O rádio dava seus primeiros passos comerciais desde a invenção do telégrafo sem fio, em 1896. O telefone já formava, em alguns países, uma extensa rede de comunicações. Com isso, um dos grandes desafios era viabilizar comunicações intercontinentais. Embora já existissem cabos submarinos transatlânticos, buscavam-se alternativas mais acessíveis e de menor custo (por exemplo, uma ligação transatlântica poderia custar até 75 dólares o minuto, o que seria equivalente a 1.000 dólares hoje).

Para solucionar o desafio, os Laboratórios Bell propuseram o uso de transmissões telefônicas via rádio na faixa de ondas curtas. Porém, todos que já ouviram rádios de ondas curtas sabem como o sinal sofre fortes interferências e oscilações. Foi nesse contexto que o recém-formado Karl Jansky foi contratado,

para investigar a fonte dessas interferências.

Para isso, Jansky constrói um grande suporte móvel de mais de 14 metros sobre o qual instalaria a antena que usaria para investigar as interferências. Como a estrutura girava em torno de um eixo, seu filho o apelidou de *merry-go round*, por lembrar uma grande carrossel. Jansky fez com que a antena desse uma volta em si mesma a cada 20 minutos.

Já haviam sido

identificadas três fontes de interferência principais: as causadas por tempestades de curta distância, as causadas por descargas atmosféricas de longa distância e um terceiro sinal misterioso que Jansky não conseguia correlacionar com nenhum evento.

Depois de muito analisar os sinais recebidos, Jansky percebeu que o sinal misterioso tinha um padrão que se repetia dentro do conhecido dia sideral, que difere ligeiramente do nosso dia comum, possuindo 23 horas, 56 minutos e 4 segundos. Isso fez com ele desconfiasse que aquele sinal poderia ter uma origem de fora da Terra. A partir daí, Jansky resolve mapear em que direção a sua antena apontava no momento em que os sinais foram captados ao longo de um ano. Sempre o sinal se alinhava com a direção da constelação de Sagitário, onde se sabe fica o Centro da Via-Láctea. Nascia, assim, a radioastronomia.

Depois de muitas revisões, finalmente Jansky publica seus resultados, em 1933, no artigo “Radiations from Outside the Solar System” (Radiações de Fora do Sistema Solar). É importante entender que se tratava de uma afirmação bastante audaciosa para a época. O assunto apareceu como coluna de capa do *The New York Times* de 5 de maio de 1933 e não tardou para despertar a curiosidade da população em geral, que passava a imaginar quem seria o autor do misterioso sinal de rádio? Os autores de ficção científica, gênero emergente nos anos 30 através das *pulp fictions* (revistas de papel barato que eram muito difundidas na época), viam, na descoberta, fonte de inspiração para seus contos sobre raças alienígenas.

Infelizmente Jansky não pode levar adiante suas pesquisas, já que os Laboratórios Bell não percebiam nenhum potencial para o assunto. Apenas no final dos anos 30 que o engenheiro Grote Reber retomaria as anotações de Jansky e construiria o primeiro radiotelescópio prático, assunto que abordaremos no mês de dezembro.

Carlos Alberto P. Silva, coord. BERG (Brazilian Educational Radioastronomy Group), atua na pesquisa e divulgação de temas voltados para a radioastronomia educacional.



Fotos: John Everton/Arquivo pessoal

Ba surpreende pela versatilidade

Durabilidade e eficiência energética fazem da planta uma potencial alternativa ecológica para diversos segmentos da economia, desde o seu cultivo, até a industrialização e a comercialização de produtos



Emerson da Cunha
emersonsousa@gmail.com

Algumas vezes, eles podem até passar despercebidos, mas não é difícil achar bambus e bambuzais em João Pessoa. É possível vê-los, por exemplo, no Parque Solon de Lucena ou nos entornos da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). O que muita gente não sabe é que esse material pode servir de matéria-prima para uma série de usos, desde a produção de descartáveis, como copos e garfos, até na construção civil e no design de interiores.

À versatilidade da planta, adicionam-se características como alta durabilidade, processos naturais de beneficiamento e altos níveis de regeneração em comparação com árvores e madeiras.

Geração de renda

Foi de olho nessa versatilidade que a família de John Everton passou a trabalhar com montagem de projetos de arquitetura, com foco no uso do bambu. O negócio funciona como uma fábrica e conta com loja física.

A família se especializou na Grande João Pessoa. O pai de Everton já havia trabalhado com o produto, entre as décadas de 1980 e 1990. Eles também conseguiram atuar com o negócio em uma temporada, no Rio de Janeiro, no início dos anos 2000, e, por volta de 2020, o filho percebeu o mercado em potencial não apenas em João Pessoa, mas também em capitais próximas, como Recife, em Pernambuco e Natal, no Rio Grande do Norte. Foi assim que o negócio chegou às terras paraibanas.

O grande gargalo, no caso, ainda é a oferta das plantas na cidade. Para produzir os projetos que chegam até a loja, é preciso trazer os bambus de outras partes do país, mais ao sul, como de São Paulo e Minas Gerais, o que aumenta o custo da produção. A proposta da família é começar a plantar os pró-

prios bambus na Paraíba.

“A gente tem um custo hoje, de um caminhão de bambu, em torno de 10 mil varas de bambu por 3 m, que gira em torno de R\$ 50 mil. A gente utiliza esses 10 mil bambus a cada três meses. Dando tudo certo, a gente vai plantar o bambu gigante, que a gente vai tentar introduzir no mercado do Nordeste”, conta.

Segundo John, aqui, na região, não há produção de bambus para exploração, existe apenas para fins de pesquisa. “Nossa ideia é entrar no mercado, começando em João Pessoa, com esse produto, para concorrer com o próprio eucalipto, porque substitui o eucalipto, de fato. Então, vai ser no mínimo [uma economia], a cada três meses, de R\$ 50 mil, por exemplo, só no fato de deixarmos de comprar a matéria-prima”, coloca John.

O empresário faz parte de uma parcela do mercado na Paraíba e no Nordeste que tem olhado com mais atenção para o bambu nos últimos anos.



Material é usado em projetos de arquitetura sustentáveis e pode substituir ou concorrer com o eucalipto



UFPB é uma das instituições pioneiras no desenvolvimento de pesquisas sobre a planta

O professor visitante da UFPB Normando Perazzo, pesquisador do bambu por cerca de 20 anos, lembra que, nos anos 1980, o bambu ainda era pouco utilizado no Brasil e ainda usado de maneiras inapropriadas.

“No passado, teve muita pesquisa só de universidade, mas não saía ao campo, pouca gente se interessava”, relata. Ainda segundo o pesquisador, na década de 1990, apenas a Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e a PUC do Rio de Janeiro trabalhavam com pesquisa sobre bambu. “Depois dos anos 2000, muitas outras universidades começaram a pesquisar, fazer estudos. No entanto, para ir ao campo, demorou, e só recentemente é que algumas pessoas, arquitetos e engenheiros que gostam dessa questão ambiental, procuraram fazer construções com o bambu”, complementa Perazzo.

O professor foi coordenador do Comitê de Estudos sobre Estrutura de Bambu da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), que criou normas que visassem regulamentar os usos industriais da planta, publicadas entre 2020 e 2022. A demanda veio justamente de arquitetos e urbanistas interessados nas construções com bambu.



Paraíba tem condições favoráveis para a produção de bambu

“Fizemos várias reuniões e elaboramos três normas técnicas. A norma de projetos dá uma luz para engenheiros obedecerem a certos critérios para projetar uma estrutura de bambu. A norma de ensaios identifica como é que se fazem ensaios para dar subsídios ao projeto. E a terceira norma é sobre as propriedades que os colmos de bambu devem ter para serem vendidos com qualidade. Como se tem norma para aço, para tubo de PVC, tem a norma para o bambu, para os tubos, os colmos de bambu”, coloca Normando.

Oferta

Além da falta de oferta dos próprios bambus na região Nordeste, um segundo gargalo que atravessa a produção com

essa matéria-prima é a baixa acessibilidade a tecnologias na região para o tratamento adequado, de forma que o bambu possa ser utilizado nas mais diversas cadeias.

O professor aposentado Leonaldo Andrade explica que a principal fragilidade do bambu é que, quando cortado, em alguns meses, pode ser atacado por pragas, uma vez que é uma espécie rica em açúcares, o que atrai esses bichos. “Qual é o salto da pesquisa? Buscar tecnologia para tratar o bambu de modo que ele se torne averso a cupim, a polia, que não sirva de alimento para essas pragas, para esses insetos”, comenta.

De acordo com Leonaldo Andrade, no Brasil, são aplicadas diversas técnicas com

produtos químicos conhecidos para tratamento de bambu. “Uma vez tratado, passa a ser extremamente durável. Quando ele está protegido, seja de uma forma ou de outra, praticamente se torna indeterminado o prazo de validade. A questão é tratar para que ele possa permanecer em uso por longos períodos”, salienta.

Fora esses detalhes, ambos os professores consideram que o Nordeste e a Paraíba têm condições extremamente favoráveis para o crescimento do bambu. “Imagine você trazer bambu de São Paulo, do Rio de Janeiro, quando a gente tem aqui um clima até mais favorável, porque se você pensar no litoral, você tem chuva mais que suficiente para isso e temperatura alta no ano inteiro. A gente está importando bambu a um custo muito mais elevado do que poderia ser produzido aqui com muito mais qualidade”, observa Andrade.

Normando, por sua vez, argumenta que há muitos lugares apropriados ao nosso redor: “Por exemplo, Areia, tem zona montanhosa, clima agradável, onde dá muito bem o bambu. Agora, você precisa convencer as pessoas que dispõem de terra de que essa é uma alternativa muito boa para construção de menor impacto ambiental”.

Construção civil aposta nessa matéria-prima

O bambu pode ser utilizado de vários modos no mercado. No caso da construção civil, ele pode ser utilizado tanto como elemento estrutural, substituindo, por exemplo, o ferro, como para fazer estruturas com ele tratado para servir de construções com as mais diferentes utilidades.

“Fora isso, hoje, se está processando bambu para fazer tudo o que você imaginar, inclusive tecidos, colchões, cuecas, escovas de dentes. Hoje, pesquisa-se a substituição de boa parte dos componentes não biodegradáveis, portanto, de plástico, para serem substituídos por componentes de bambu. Por exemplo, canudinhos, copinhos de sorveteria, copo descartável, isso em boa parte do mundo já é realidade”, coloca Leonaldo.

Ele ainda brinca: “Você tem desde a roupa que alguém usa para dormir ao colchão em que se dorme, a escova que se escova os dentes, a casa em que se reside, até o veículo em que se anda. Existem componentes de veículos e mesmo veículos mais simples, como bicicletas, motos, feitas com bambu,

carros de luxo com painéis feitos com material de bambu”, exemplifica.

Imersos na cultura do plástico, em meio a mudanças climáticas e em busca de matérias-primas renováveis, o bambu pode aparecer como uma potencial saída nos mais diversos campos. Para Leonaldo, o advento do petróleo e da indústria dos derivados atrasou inúmeras áreas do conhecimento da humanidade, porque os produtos feitos a partir dele, os plásticos, substituíram massivamente a grande maioria de outros produtos que tinham, na matéria-prima natural, sua base de produção, porque eram baratos e fáceis de comprar.

“A advento do bambu e o crescimento dos produtos estão tomando a vanguarda em função da crise ambiental, dos custos de produção de petróleo, do preço que pagamos por um planeta desequilibrado. É um olhar para algo que já se fazia, buscando aprender para encontrar sucedâneos ou substitutos àquilo que a gente tem hoje maciçamente, mas que não é, certamente, a melhor opção”, finaliza.



A equipe do Sol Nascente conta com a participação de 35 pessoas acima dos 50 anos

Foto: Arquivo pessoal

NOVA MODALIDADE

Câmbio

terá jogos de demonstração na

Arena Beach Games

Adaptado do voleibol, o novo esporte é praticado por pessoas acima de 50 anos

Camilla Barbosa
acamillabarbosa@gmail.com

A história do Câmbio na Paraíba iniciou através do gaúcho Valmor Cruz, que o trouxe para cá em 2018. Hoje, essa modalidade esportiva praticada por pessoas com idade acima de 50 anos tem se consolidado no estado, contando, inclusive, com competições. Na tarde de hoje, a Arena Beach Games, em Tambaú, receberá algumas partidas, a partir das 15h, após as finais do Circuito Brasileiro de Handebol de Praia.

Valmor Cruz é, hoje, Diretor de Esportes do Sol Nascente, que conta com cerca de 35 participantes. Ele explica que a expansão do esporte não é notada apenas na Paraíba, mas pelo Brasil afora, impulsionada pelas pessoas que vêm à João Pessoa, conhecem algum dos muitos clubes aqui existentes e divulgam em suas cidades.

“Esse esporte é muito popular no Rio Grande do Sul. Eu jogo há 25 anos e, chegando aqui, está dando uma boa aceitação. E a partir daqui, nós estamos dando orientação para surgir novos grupos, são pessoas que vêm aqui, conhecem e implantam em suas cidades. Nós temos um casal que veio e conheceu, no ano passado, durante três meses, foi a Brasília e instalou lá, está num grupo bom já. Teve uma outra senhora que veio, conheceu em Manaíra, e levou o câmbio para Belo Horizonte, a gente dá toda a cobertura, e ela já está com três gru-

pos lá. Então, de pouco em pouco tem pessoas que chegam aqui e gostam, porque não existe muita técnica, é só ter alguém interessado e que assuma a responsabilidade”, explicou ele.

O câmbio é um jogo coletivo adaptado do voleibol, criado no Rio Grande do Sul. Entre as principais diferenças em relação ao esporte originador, destaca-se a forma de tocar na bola, segurando-a para, em seguida, arremessá-la para o companheiro da equipe, ou até mesmo jogá-la para o lado adversário.

Ou seja, são evitados saltos, o que resulta em menos impactos das articulações, permitindo a aderência dos idosos. Para competições, há duas categorias: Master, para pessoas entre 50 e 60 anos; e Sênior, para quem tem mais de 60 anos.

O professor e árbitro Júnior Black teve seu primeiro contato com o Câmbio no Centro de Referência Municipal da Pessoa Idosa (CRM-PI) — onde atua — ainda em 2018. “Eu comecei a estudar as regras do câmbio. Apesar de se assemelhar com o voleibol, a regra é adaptada para o idoso, então, eu comecei a estudar as regras que estão em vigência lá no Rio Grande do Sul e comecei a aplicar aqui em João Pessoa. Aí, eu comecei a praticar, a trabalhar fundamentos, como recepção, saque, a movimentação, o que

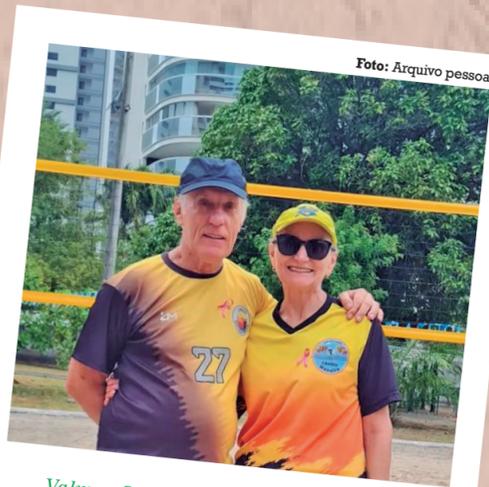


Foto: Arquivo pessoal

Valmor Cruz e a esposa, Clair Cruz, trouxeram o esporte para João Pessoa

se chama câmbio, porque, justamente, o nome é voltado a essa característica, por conta desse rodízio, dessa mudança dos atletas”, lembra ele.

O professor corrobora a fala de Valmor sobre a popularização do esporte na capital pessoense. “Depois de 2018, começou a se espalhar aqui, por João Pessoa. O Valmor começou a atividade lá com uma equipe em Tambaú, e hoje nós temos, em média, de 11 a 12 equipes aqui em João Pessoa e Cabedelo. Nós estamos aí em pleno Campeonato Paraibano, e temos alguns torneios também que são regionais”, comentou.

Os benefícios da prática esportiva são inúmeros e vão desde o fortalecimento da saúde dos praticantes, até a ampliação do convívio social, com a construção de novos laços. Através da demonstração den-

tro do Paraíba Beach Games, o Júnior garante que toda comunidade sai ganhando.

“Quando a gente consegue promover a modalidade, nós promovemos também saúde e qualidade de vida, por-

que a gente está promovendo um envelhecimento ativo e saudável. O câmbio é uma atividade que traz diversos benefícios para o idoso. A gente trabalha a atenção do idoso, a coordenação motora, a resistência, a questão da socialização entre eles, que é importantíssima”, inciou ele.

“A gente tem idosos em quadros de depressão, ansiedade e, quando começa essa prática de fazer novas amizades, eles acabam melhorando e evoluindo bastante. Então, é uma atividade que traz diversos benefícios. E a importância de um evento como esse, que promove a modalidade, é que isso faz com que surjam mais adeptos e, consequentemente, mais pessoas que a gente vai ajudar a transformar a vida delas, através da saúde e qualidade de vida”, finalizou Júnior.

PARALÍMPICOS DE PARIS

Prêmio para técnicos de medalhistas

Pedro Almeida, do atletismo; Jônatas Castro, do goalball; e Fábio Vasconcelos, do futebol de cegos, são contemplados

Camilla Barbosa
acamillabarbosa@gmail.com

Os Jogos Paralímpicos de Paris renderam à delegação brasileira o melhor desempenho desde sua primeira participação na competição, em Heidelberg, 1972, na então Alemanha Ocidental. Em Paris, 2024, foram 89 pódios, sendo 25 ouros, 26 pratas e 38 bronzes para o Brasil. Para além do trabalho realizado pelos atletas, para que essa performance de sucesso fosse alcançada, outros personagens trabalharam nos bastidores, como os técnicos, que serão premiados pelo Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB).

A iniciativa e os valores da bonificação foram divulgados pelo CPB na semana passada, através da Portaria Direx nº 089/2024/CPB, de 22 de outubro de 2024. Os técnicos de atletas que ganharam o ouro, seja em provas individuais ou coletivas, receberão R\$ 30 mil. No caso da prata, o valor será de R\$ 20 mil, e do bronze, R\$ 10 mil.

Se o esportista comandado conquistou mais de um pódio, haverá um acréscimo com base na cor da medalha. Um ouro a mais implica em mais R\$ 10 mil de premiação. Se foi prata, R\$ 5 mil e a cada bronze a mais, R\$ 2.500.

O presidente do CPB, Mizael Conrado, explica que essa é uma ação realizada com o objetivo de valorizar o empenho daqueles que também foram responsáveis pelo sucesso brasileiro em Paris. "Para reconhecer e celebrar o esforço de cada treinador, planejamos essa premiação especial para todos os técnicos que contribuíram para esse sucesso. Os treinadores foram, e têm sido, fundamentais na preparação e na motivação de nossos atletas", disse Conrado, em declaração ao site do CPB.

Em relação à premiação para os atletas, esta já fora divulgada pelo CPB antes mesmo da realização do evento esportivo. Os medalhistas de ouro em provas individuais receberam R\$ 250 mil por medalha, enquanto a prata rendeu R\$ 100 mil cada e o bronze, R\$ 50 mil. Já nas modalidades coletivas, por equipes, revezamentos e em pares (bocha), o campeão recebeu um prêmio de R\$ 125 mil por atleta. A prata, por sua vez, rendeu R\$ 50 mil e o bronze, R\$ 25 mil. Demais integrantes das disputas, atletas-guia, calheiros, pilotos e timoneiros, receberam 20% da maior medalha conquistada por seu atleta e 10% do valor correspondente a cada pódio seguinte.

A força paraibana foi elementar para a quebra de recordes do Brasil em Paris. Petrúcio Ferreira, Joeferson Marinho e Cícero Valdiran, foram ouro, prata e bronze no atletismo, respectivamente; Willians Araújo, conquistou o ouro no judô; Silvana Fernandes, bronze no taekwondo; Emerson Ernesto e Romário Marques (potiguar radicado paraibano) foram medalhistas de bronze no goalball. A seleção brasileira de futebol de cegos, com seus dois goleiros paraibanos, Luan e Matheus, garantiu o bronze.

Pedro Almeida, o Pedrinho, é o técnico do atletis-



Pedro Almeida é o técnico paraibano mais premiado devido às medalhas de Petrúcio Ferreira, Cícero Nobre e Joeferson Marinho, no atletismo, em Paris

mo, modalidade que rendeu o maior número de medalhas à Paraíba. Em relação à premiação, ele pontua que esta é uma justa forma de reconhecimento ao trabalho realizado por aqueles que auxiliam e somam junto aos atletas.

"Pelo que eu sei, é a primeira vez que isso acontece no esporte brasileiro e acho correto, eu acho justo, porque é a valorização do nosso trabalho. São poucos clubes no Brasil que remuneraram o treinador e o Comitê ter decidido estender esse prêmio que foi dado aos atletas, em parte, para os treinadores, eu acho absolutamente correto. Acho que assim tem que ser, porque a carga de responsabilidade que nós temos é muito grande, então, é justo a gente receber também pelo mérito", afirmou Pedrinho.

O treinador ainda aponta que essa é uma ação que segue a tendência mundial de valorização e melhoria técnica do paradesporto.

"Tudo está mudando, e você não pode ficar parado. Então, por exemplo, o nível dessa competição agora [em Paris] foi altíssimo e isso é um reflexo do trabalho que vem acontecendo no mundo inteiro. Todo

mundo está evoluindo e isso é mais uma responsabilidade, é mais uma preocupação correta que eu acho que deve ter em todo mundo. A gente tem que redobrar mais ainda o trabalho, em todos os sentidos, para

que, em 2028, lá em Los Angeles, os atletas possam estar na melhor da performance deles, representando bem o Brasil, é isso que a gente quer".

Com o início de mais um ciclo paralímpico prestes a ini-

ciar, Pedrinho deve reunir-se com os medalhistas paraibanos de atletismo, na próxima semana, para discutir a respeito dos próximos passos. Apesar da página de Paris 2024 já ter sido virada, ele afirma que os aprendizados serão aproveitados para as temporadas vindouras.

"A gente vai vendo as coisas acontecendo e a vai refletindo sobre elas. Acho que o aprendizado que veio é que a gente precisa ser cada vez mais profissional. Não dá para tratar o paradesporto como essa coisa que o povo fala que é 'esporte amador', amador não pode estar dentro desse processo, não. A coisa é muito profissional. E, como profissional, você tem que agir à altura", comentou ele.

Além de Pedrinho, a Paraíba teve outros integrantes em comissões técnicas: Jônatas Castro, técnico do goalball, e Fábio Luiz, que comandou a seleção brasileira de futebol de cegos.



O técnico Fábio Vasconcelos cumprimenta jogador após a conquista da medalha de bronze

TRANSFORMAÇÃO

Gerson dá a volta por cima em 2024

Jogador passou por momentos difíceis no início da temporada e hoje destaca-se no Flamengo e na Seleção

O ano de 2024 transformou Gerson dentro e fora de campo. Acometido por um problema renal que quase o tirou do futebol, o meio-campista reencontrou-se como capitão do Flamengo e parece estar pronto para assumir o protagonismo na Seleção Brasileira que voltará a jogar nas Eliminatórias contra Venezuela e Uruguai, neste mês de novembro, e com ele em campo.

Os acontecimentos recentes foram bastante contundentes nesse sentido. Cinco dias depois de atuar por 90 minutos e destacar-se na goleada do Brasil sobre o Peru, por 4 a 0, ele liderou um valente Flamengo que, com 10 homens em campo pela maior parte do tempo, garantiu contra o Corinthians, fora de casa, a classificação para a final da Copa do Brasil.

Ao final da partida, ele falou como um verdadeiro líder sobre a expulsão de seu companheiro, Bruno Henrique.

“Eu disse que a gente ia buscar a classificação por ele, porque ele merece. É um cara pelo qual tenho um carinho enorme, luta pela gente sempre até o final, e a gente tinha que se classificar por ele”, afirmou, na saída do gramado, o ex-jogador de Olympique de Marselha e Roma.

A maturidade com as palavras reflete-se também em campo: aos 27 anos, Gerson tem vivido sua melhor temporada. Ele é a constante em um ano de altos e baixos para o Flamengo. É como se, inspirado por seu estilo em campo, o Rubro-Negro se lembrasse de manter a cabeça em pé.

Sua influência vai muito além dos quatro gols e oito assistências: contra o Corinthians, com toda a sua classe no controle de bola, foi fundamental para reter a bola e impedir que o segundo tempo virasse um sufoco. Isso depois de recuperar-se de febre horas antes de a bola rolar.

“Gerson dá a vida pelo Flamengo, bota o time acima de tudo. Ele não me dá defeitos, eu não vejo nada nele que me desagrade”, afirmou o hoje técnico Filipe Luís, seu ex-companheiro de vestiário, em entrevista ao CharlaPodcast.

Ano começa com drama

É uma reviravolta, e tanto, para alguém que, em fevereiro, recebeu uma notícia que caiu feito bomba. Com fortes dores abdominais, Gerson foi ao hospital e descobriu uma hidronefrose por infecção nos rins. O quadro exigia intervenção rápida e cirúrgica.

Foram dias hospitalizados, e semanas longe dos gramados, à espera da cicatrização e das retiradas de catéteres da operação. Ao fim de um intervalo de um mês e meio, ele pôde voltar a jogar. A experiência foi transformadora para Gerson, que revelou ter temido o fim de sua carreira.

“Passei por um momento difícil. Como atleta, sabemos que temos risco de lesionar, mas não foi uma lesão no meu trabalho”, afirmou em entrevista coletiva pela Seleção. “Meses atrás eu poderia

ter recebido a notícia de não poder jogar mais futebol por conta da cirurgia, e hoje estou aqui.”

A capitania

Com a saída de Everton Ribeiro, no fim de 2023, a faixa de capitão do Flamengo ficou vaga enquanto Gerson estava ausente. Após o retorno do meia, porém, o então técnico Tite fez sua escolha.

“O comportamento é exemplar, no dia a dia, no vestiário, na conduta”, detalhou o ex-treinador do Fla e da Seleção à FIFA. “O Gerson está de parabéns por essa conduta, essa lealdade e retidão entre o discurso e a prática. Ele mostrou-se comigo uma pessoa do mesmo nível que o atleta é, nesse processo de evolução.”

Um bom exemplo do papel desempenhado por Gerson no elenco foi visto em vitória do Flamengo sobre o Bahia, pelo Brasileirão. Nos acréscimos, o Rubro-Negro tinha um pênalti para cobrar. Com a bola nas mãos, o capitão preferiu dar a chance para Carlos Alcaraz, reforço de meio de ano que ainda não havia feito gol pelo clube.

“Uma grande referência, como Gerson, me deu o pênalti para eu bater. Agradeço muito a ele, que me dá sempre muita confiança em todos os treinos”, disse o argentino após o gol que definiu vitória por 2 a 0.

A Seleção

Convocado pelo Brasil para as duas Datas FIFA, depois da Copa América, Gerson ganhou espaço no time de Dorival Júnior. Ele entrou durante as duas partidas da janela de setembro — contra Equador e Paraguai —, mas foi em outubro que os minutos aumentaram de vez.

Contra o Chile, em Santiago, substituiu Lucas Paquetá, ainda no intervalo, e ajudou o Brasil a virar o jogo por 2 a 1. Antes da partida contra o Peru, em Brasília, o meia exerceu sua liderança para cobrar melhor desempenho da Seleção.

“O impacto tem que ser imediato. A gente tem que trazer o torcedor para o nosso lado desde o aquecimento. A gente tem que mostrar que quer ganhar o jogo logo, assim que o juiz apitar, jogando de maneira mais organizada, no nosso estilo de jogo”, pontuou.

Dito e feito. Ele ganhou a vaga no time titular e foi o único entre meio-campistas e atacantes que jogou todos os 90 minutos na goleada por 4 a 0. A expectativa agora, ainda mais depois da magnífica atuação contra o Corinthians, é que ele volte a se destacar nas partidas contra Venezuela e Uruguai.

“Acho que agora estou juntando tudo: parte física, técnica e mental. É um dos momentos mais importantes da minha carreira”, afirma. “Futebol é difícil, oscila, por mais que a gente queira o alto nível. Estou sempre concentrado pelo melhor, e é seguir assim daqui para frente. O que eu boto na cabeça é: sempre estar preparado para ajudar minha equipe, seja o Flamengo, seja a Seleção.”



O meia transformou-se numa grande referência pelo futebol criativo e maturidade ao conquistar os companheiros de equipe



No Flamengo, faz a sua melhor temporada e tem sido o principal destaque, como no jogo decisivo contra o Corinthians

Foto: Rafael Ribeiro/CRF

Foto: Reprodução/Instagram

Quem leva a melhor na briga do Urubu, que representa o Flamengo, contra o Galo, do Atlético, na grande decisão a partir deste domingo?



COPA DO BRASIL

Começa a decisão de 180 minutos

Flamengo e Atlético Mineiro iniciam, hoje, a partir das 16h, a decisão da Copa do Brasil de 2024

Campanhas

Terceira fase

Atlético-MG 2 x 0 Sport
Sport 1 x 0 Atlético-MG
Flamengo 1 x 0 Amazonas
Amazonas 0 x 1 Flamengo

Oitavas de final

CRB 2 x 2 Atlético-MG
Atlético-MG 3 x 0 CRB
Flamengo 2 x 0 Palmeiras
Palmeiras 1 x 0 Flamengo

Quartas de final

São Paulo 0 x 1 Atlético-MG
Atlético-MG 0 x 0 São Paulo
Bahia 0 x 1 Flamengo
Flamengo 1 x 0 Bahia

Semifinais

Atlético-MG 2 x 1 Vasco
Vasco 1 x 1 Atlético-MG
Flamengo 1 x 0 Corinthians
Corinthians 0 x 0 Flamengo

*As duas equipes só entraram na terceira fase pelo fato de estarem na Libertadores. Flamengo e Atlético-MG já se enfrentaram em três oportunidades pela Copa do Brasil, com a vantagem do lado rubro-negro. A equipe carioca avançou em eliminatórias pelas quartas de final de 2006 e oitavas de 2022. Os mineiros passaram no duelo pelas semifinais em 2014.

Da Redação

Flamengo e Atlético-MG fazem, hoje, às 16h, no Maracanã, o primeiro jogo da grande final da Copa do Brasil 2024. Pelo torneio, as duas equipes já se enfrentaram seis vezes, em três mata-matas. O Rubro-negro levou a melhor nos anos de 2006 e 2022, último encontro, já o Galo passou de fase, em 2014. O campeão receberá da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) R\$ 73,5 milhões, enquanto o vice ganha R\$ 31,5 milhões. O confronto será transmitido pela TV Globo.

O Galo vai para a sua quarta final de Copa do Brasil, sendo esta a primeira que decidirá como mandante. Nas três últimas, decidiu como visitante, quando enfrentou o Cruzeiro, em 2014; o Grêmio em 2016, e o Atlético-PR, em 2021. O clube venceu duas vezes e foi superado uma vez, contra os gaúchos. Já o Flamengo, depois que adentrou no Maracanã nesta tarde, se tornará o clube com mais finais disputadas. O time carioca jogou as decisões de 1990, 1997,

2003, 2004, 2006, 2013, 2017, 2022 e 2023, sendo campeão em 1990, 2006, 2013 e 2022.

Vivendo um dos ciclos mais vitoriosos de sua história, o Flamengo fará sua terceira final consecutiva do torneio mata-mata. Em 2022, sob comando de Dorival Júnior, foi campeão ao derrotar o Corinthians, nos pênaltis. No entanto, em 2023, foi derrotado pelo São Paulo, por 2 a 1 no placar agregado. Na época, o técnico da equipe era Jorge Sampaoli.

Rivalidade histórica

Ao longo da história, Atlético e Flamengo construíram uma das mais bonitas rivalidades interestaduais do país. Em 1980, as equipes decidiram o Campeonato Brasileiro: o Galo venceu o primeiro jogo por 1 a 0, no Mineirão. Na volta, no Maracanã, o Rubro-negro ganhou por 3 a 2, conquistando o seu primeiro título nacional, devido à vantagem de poder jogar por um empate no placar agregado. Em 1981, enfrentaram-se pela semifinal da Libertadores, num confronto polêmico, o time carioca avançou após os mineiros terem cinco atle-

tas expulsos e a partida ter sido encerrada pela falta da quantidade mínima de jogadores em campo. O resultado foi um WO para o Mengão, que venceria seu primeiro título da competição continental, naquele ano.

Na decisão mais recente entre os dois clubes, os mineiros levaram a melhor. Em 2022, pela Supercopa do Brasil, numa grande partida, os times empataram em 2 a 2, no tempo regulamentar. Na decisão por pênaltis, o Galo venceu por 8 a 7, sagrando-se campeão da competição que coloca frente a frente os ganhadores da Copa do Brasil e do Campeonato Brasileiro. O jogo de volta da decisão da Copa do Brasil será disputado na Arena MRV, no próximo dia 10, a partir das 16h, novamente com transmissão da Rede Globo.

Retrospecto

De acordo com o site ogol.com.br, as equipes encontraram-se 88 vezes em jogos oficiais, com 35 vitórias do Flamengo, 20 empates e 33 triunfos do Atlético. No Rio de Janeiro, foram disputadas 42 partidas, com 25 vitó-

Confrontos

Flamengo

Jogos: 126
Vitórias do Flamengo: 51
Empates: 33
Vitórias do Atlético: 42



Atlético

Jogos: 128
Vitórias do Atlético: 42
Empates: 33
Vitórias do Flamengo: 53



Nos confrontos entre as equipes, a contagem dos clubes são diferentes em relação ao número total de jogos entre os dois. Na contagem do Flamengo, as equipes enfrentaram-se 126 vezes, enquanto, pelo lado do Atlético, foram 128 partidas disputadas.

rias do clube carioca, sete empates e 10 triunfos mineiros. Já em Belo Horizonte, houve 44 jogos, com nove vitórias do Rubro-negro, 12 empates e 23 triunfos do Galo.

RESISTÊNCIA

Jurema & candomblé

Na Paraíba, mães de santo dão aula de resistência das religiões afro-brasileiras

Foto: Camila Silva/Divulgação

Conhecimento de outros cultos e espiritualidades, especialmente os que são marginalizados pela sociedade, é fundamental para o cientista da religião

Ademilson José
Especial para A União

Sob a coordenação da professora de Religiões Afro, Dilaine Sampaio, nos últimos 15 dias, alunos do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões trocaram o campus da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) de João Pessoa pelos terreiros das mães de santo Ceíça (em Tambaúzinho) e Renilda (em Mangabeira), onde participaram de duas aulas de campo sobre as origens, a história e o trabalho de resistência da jurema e do candomblé na Paraíba.

Mais vistos e lembrados praticamente uma vez por ano, quando da realização da Festa de Iemanjá, em Tambaú, os terreiros são dois dos mais tradicionais do estado. O de candomblé da mãe Renilda sendo originário de um grupo de adeptos que começou atuar em Cajazeiras, e o outro, da jurema, criado nos anos de 1960 por Carlos Leal, fundador e presidente das primeiras entidades representativas de cultos africanos da Paraíba.

Viúva e seguidora do trabalho de Carlos Leal, Mãe Ceíça recebeu os estudantes muito bem-humorada e, em explanação durante a qual não parava de caminhar de um lado para o outro da casa, falou do surgimento do culto secular da jurema preta, no Sítio Acais, em Alhadra, Litoral Sul da capital, do catimbó de jurema e da formação da umbanda paraibana.

São origens que tiveram contribuições de vários pais e mães de santo importantes, entre eles, Osias e Marinalva, de João Pessoa, e de sacerdotisas como Rita Preta e Laura, de Santa Rita. No começo, segundo ela, tudo feito com muito mais dificuldade do que hoje, enfrentando não somente preconceitos, mas perseguições policiais que muitas vezes até terminavam em conflitos e prisões.

As duas mães de santo contaram que essa realidade só veio a mudar um pouco depois de 1966, quando da publicação da Lei nº 3.434, assinada pelo então governador João Agripino. A medida não deu liberdade somente aos adeptos da jurema, mas também aos praticantes de todos os demais cultos africanos. Foi depois disso que puderam sair dos sítios e começaram a ocupar as periferias da cidade.

No caso do tradicional candomblé, as origens na Paraíba vieram pelo Sertão e com nomes referenciados até hoje, entre eles, Pai Jackson de Yyá, Pai Erivaldo d'Osum, Mãe Beata de Yemonjá e Mãe de Alaketo, do Jeje Savalú, esta última, já integrando uma geração que atuou por muito tempo em Cruz das Armas (Rua do Rio), seguindo para onde está hoje, em Mangabeira.

Nas suas conversas com os mestrados e doutorandos do curso de Ciências das Religiões, as duas comandantes de terreiro explicaram que a lei de João Agripino e os ventos democráticos pós-Ditadura realmente trouxeram mudanças e abertura para a prática de suas religiões, mas observando que isso se limita ao fim das perseguições e violência.

Segundo elas, as dificuldades continuam na medida em que o preconceito não deixa de existir, em muitos espaços evoluindo para casos de racismo religioso. Como exemplo, lem-



Alunos de Pós-Graduação da UFPB participaram de aulas com as mães de santo Ceíça (E) e Renilda (D) sobre as origens, a história e o trabalho de resistência da jurema e do candomblé no estado

bra Mãe Renilda, basta dizer que, já em Mangabeira, não se podia começar a bater os tambores para que a polícia chegasse. Além disso, tinha também, por exemplo, as persistentes reclamações somente porque frequentadores do terreiro estacionavam seus carros na rua. "Ora, num lugar que tem igreja católica ou evangélica, é nas ruas que os frequentadores deixam seus carros e não existe problemas", recorda ela, ao lamentar esse tipo de intolerância cotidiana com relação aos praticantes e aos cultos afros. "Procuramos respeitar todas as demais, todas elas, e o que desejamos é somente que também respeitem a nossa".

Em relação a esses casos de preconceito e discriminação, Mãe Ceíça fez relatos pessoais bem mais complicados aos estudantes da UFPB. Disse que, por causa desses problemas, por duas vezes chegou a parar as atividades do terreiro e a frequentar, mesmo que em menor intensidade, outra religião. "O problema é que não conseguia demorar assim, pois nada dava certo na vida nem na família e, quando ia consultar alguns mestres, eles só orientavam no sentido de que reativasse o terreiro, de que voltasse", lembrou ela, ao complementar que. Ao retomar as atividades, de fato, tudo se resolvia e começava a mudar. É uma missão que a gente traz na vida", resume ela.

Sobre o funcionamento do seu terreiro, Mãe Ceíça explicou que as reuniões acontecem nas terças e quintas-feiras, um dia jurema de chão e, noutro, de mesa. Os interessados precisam se informar porque esse calendário, às vezes, muda, além de o espaço ser pequeno. Ela recebe pessoas que vão para os ritos, possivelmente as mesmas pessoas que vão para cultuar as entidades e as que querem ser atendidas por elas.

Ciência contra o racismo

A professora Dilaine Sampaio justificou que fazer esse tipo de aula de campo é muito



Fotos: Arquivo Pessoal

importante porque, para além do que conseguem nos bancos universitários, os estudantes podem ver e ouvir, obter conhecimento junto aos próprios representantes religiosos.

"Ter conhecimento das diversas religiões e espiritualidades, especialmente daquelas marginalizadas e estigmatizadas pela sociedade, é de fundamental importância para o cientista da religião", diz a historiadora, ao complementar que, somente assim, "o pesquisador também vai poder se tornar um agente na luta contra a intolerância religiosa e o racismo religioso".

Doutora em Ciências das Religiões pela Universidade Federal de Juiz de Fora (MG), Dilaine Sampaio salienta que só se pode defender o respeito à diversidade religiosa, possuindo o conhecimento fundamentado dessa diversidade. Ela reconhece que, para muita gente, essa maneira de formar pesquisadores acaba só sendo compreendida depois. "Nenhuma teoria, nenhum conceito ou categoria pode tirar a vitalidade das pessoas com as quais interagimos e vivenciamos em nossos campos de pesquisa", observa.

Diante disso, argumenta que adota essa forma de ensinar porque defende uma "academia com responsabilidade social e capaz de produzir pesquisadoras e pesquisadores comprometidos não apenas com a ciência acadêmica, mas com a pluralidade de formas de se pensar e fazer Ciência", conclui.

Alunos falam da experiência

"Foi a oportunidade de ouvir, das próprias lideranças, sobre os desafios enfrentados por elas para implantação e manutenção desses espaços religiosos", comentou Raísse Paulino, que, além de doutorando do PPGCR, também tem graduação e mestrado em Administração.

A aluna contou que, com a Mãe Renilda, pôde conhecer o processo de reconhecimento do candomblé, assim também como a luta de

um povo para que ele se tornasse realidade na Paraíba, enquanto que, com a Mãe Ceíça do Terreiro de jurema, o destaque ficou para sua história pessoal iniciada aos 11 anos de idade. "Foram momentos de muita escuta e de muito aproveitamento em ambiente externo aos muros da universidade", resume Raísse, ao salientar que nos momentos das aulas de campo também pôde perceber a força da oralidade na disseminação dessas religiões afro-brasileiras pelo estado.

Raísse Paulino, que também tem especialização em Estratégia Empresarial e um primeiro doutorado em Gestão de Negócios, fez questão de acrescentar que, "como futuros cientistas das religiões, sabemos do nosso papel nesse Programa de Pós-Graduação da UFPB. São profissionais que, como docentes ou pesquisadores, precisarão atuar com eficiência na produção e transmissão desse conhecimento".

Ela aproveitou para destacar a dedicação não somente da professora Dilaine Sampaio, como também de Kelly Thaysy Lopes Nascimento, Ana Paula Fernandes Rodrigues e outros profissionais docentes na luta pelos objetivos do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, da UFPB.

Integrante do grupo de pesquisadores que visitaram os dois terreiros, Gerson da Silva Ribeiro, que também é docente no curso de Enfermagem da instituição, disse que a iniciativa das aulas de campo foi muito importante e proveitosa porque, somente assim, os estudantes puderam conhecer mais um pouco da realidade dessas religiões. "A gente sabe que elas enfrentam dificuldades para manter esses terreiros e fazer parte dessas religiões, mas somente vendo de perto é que a gente acaba realmente conhecendo até onde vai isso", disse ele, ao se referir principalmente às perseguições que eram movidas por agentes públicos contra os praticantes dessas religiões.

O aluno acrescentou que as aulas também contribuíram muito para que os estudantes pudessem diferenciar o candomblé da umbanda e, com isso, conhecer melhor os rituais de cada uma delas. "Conhecer essas diferenças também contribui para que possamos entender a realidade específica de cada uma", frisou Gerson da Silva Ribeiro.

Doutorando do curso de Pós-Graduação, Gerson disse que, "em tempos de intolerância como esse que estamos vivendo, é muito importante que as pessoas busquem conhecimento e tenham respeito pelas religiões que não são a sua, pois, com isso, certamente estaremos evitando a disseminação de preconceito e do racismo religioso".

O também doutorando Evandro Brandão disse, por sua vez, que as palestras de Mãe Renilda e Mãe Ceíça foram uma experiência ímpar. "Os relatos vividos e os conhecimentos transmitidos por essas líderes espirituais enriqueceram significativamente minha pesquisa", disse ele, ao completar que "a oportunidade de ouvir diretamente sobre história, ritos e cosmologia do candomblé e da umbanda, aprofundou minha compreensão sobre a complexidade e a diversidade das religiões de matriz africana no Brasil".

Evandro Barros

Paraibano era uma multiplicidade de talento

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Criatividade é componente essencial na arte de comunicar. No sertanejo Evandro Barros, esse elemento não faltava. Como autodidata, fez convergir a multiplicidade de seu talento nos palcos do teatro, nas ondas do rádio, nas páginas do jornal e nas telas da TV, atento a cada momento histórico, tanto que se tornou uma forte expressão da cultura e do jornalismo na Paraíba.

Evandro Barros nasceu em 21 de agosto de 1938, na cidade de São João do Cariri, no Sertão paraibano, mas mudou-se com os pais, Júlia Aleixo de Queiroz e Eli-seu Elias Barros, ainda na infância, para Campina Grande. Sem recursos, conseguiu chegar até o chamado exame de admissão, tornando-se um autodidata na arte e na comunicação.

Ainda na juventude, tomou gosto pelo teatro escrevendo e encenando peças na Paróquia de São José, do Bairro José Pí-nheiro. Aos 18 anos, ele escreveu *Libertação*, que nunca ganhou os palcos, mas foi publicado como texto pela família. A participação no grupo teatral do dramaturgo Raul Priston tornou possível desenvolver ainda mais as habilidades e exercer grande influência em sua carreira.

Na dramaturgia foi ator, diretor e escritor. Dentre as peças que escreveu, ganhou destaque com *A casa de Irene*, inspirada nas memórias de infância e nas histórias contadas pelo irmão mais velho — José Elias de Queiroz Barros, que serviu na Segunda Guerra Mundial. A obra narra a tomada de Monte Carlo, na Itália, pelas forças brasileiras, quando venceram as tropas nazifascistas. Encenada, pela primeira vez, em abril de 1974, mesmo se destinando ao público da periferia,

ria, a peça precisou passar pela censura da Ditadura Militar.

“Todos os que escreviam para teatro tinham que se submeter ao censor. No dia marcado, você tinha que apresentar a peça para uma única pessoa no chamado ensaio geral para a censura. Você tinha que fazer a maquiagem, o figurino, montar o cenário, as luzes e a sonoplastia. E aquela pessoa se achava no direito de, no decorrer da interpretação do texto pelos atores, mandar interromper dizendo: ‘Para! Para! Para! Está cortado esse aí’. E no verso do certificado que a gente recebia, já vinham os trechos cortados”, relata o dramaturgo e poeta João Dantas, que trabalhou dirigindo uma peça de Evandro. Um dos trechos censurados de *A casa de Irene* foi uma notícia da Rádio Vaticano apelando para mobilização dos cristãos católicos contra as forças do “mal”, que provavelmente foi interpretado como uma incitação à revolta contra o Regime Militar instaurado no país.

Além de ser um teatrólogo, Evandro Barros também atuou em cima dos palcos. Uma das interpretações mais marcantes foi a participação na peça *A justiça cega ou o martírio de João Vermelho*, de Hermano José, na qual deu vida, em 1985, ao personagem João Vermelho. Também entrou em cena nas montagens de peças de sua autoria, como *Celibato*, *Lucila*, *Judeia de Sangue* e *Três coisas voltadas para o Infinito*.

Evandro começou a trabalhar como locutor de rádio aproveitando as características graves de sua voz. Passou pela Rá-

dio Cariri, na qual produzia o programa *Aquarela Nordestina*, e também pela Rádio Caturité, mas marcou gerações com a produção e a apresentação do programa *Contos que a noite Conta*, na Rádio Borborema. A iniciativa de radioteatro misturava elementos de casos reais com ficção para criar uma atmosfera gótica e atrair os ouvintes nas noites das segundas-feiras.

O companheiro João Dantas, que chegou a integrar a equipe de atores e atrizes do programa, conta que, no começo, a transmissão era feita ao vivo e só depois passaram a gravar. A produção se destacava também pela sonoplastia, com efeitos sonoros como passadas de um cavalo, feitas com duas quengas de coco batendo uma na outra, ou o som de trovão, feito com o balançar de um pedaço de zinco. “Ele pesquisava fatos notórios ocorridos tanto em Campina Grande como em outros lugares e ouvia pessoas idosas, mas, como dramaturgo, também tinha aquela inspiração para criar”, revela o amigo de trabalho.

Os episódios começavam com a clássica vinheta da voz impostada do locutor dizendo: “A Rádio Borborema apresenta...”, seguido de 15 segundos de trilha musical de suspense, que continuava como efeito sonoro em volume mais baixo sobre o qual se sobrepunha a continuidade da locução: “*Contos que a Noite Conta*. Relato dos mais aprimorados contos de terror, onde os ouvintes entrarão em contato com personagens de outra dimensão”.

O episódio *O Necrófago*, apresentado como o mais tenebroso de toda a série, inicia explicando o significado da necrofagia, “doença raríssima que ataca homens e animais uma vez em um milhão de anos. A pessoa atacada por essa doença passa a se alimentar de substâncias em decomposição, ou seja, podres, inclusive cadáveres”. Seguiu-se nova trilha para a história, de fato, começar: “Serra Branca, 1817. Morava naquele município um próspero fazendeiro de nome Antônio Severo de Gusmão, mais conhecido como o coronel Severo...”. E a narrativa seguia contando como o fazendeiro castigava os escravizados e como matou cruelmente um deles por suspeitar de roubo, penalizando também a família, condenada a morrer queimada em sua própria casa. Em meio às chamas, a esposa do escravo morto, jogou uma maldição no fazendeiro. E o resto da história? Bem, só ouvindo pra descobrir (acesse o QR Code ao fim da matéria para ouvir todo o programa). A série completa de *Contos que a Noite Conta* é composta de 101 episódios.

João Dantas costumava se encontrar com Evandro para conversarem e frisa o quanto o companheiro de trabalho era um homem culto e um profissional bem preparado. Recorda que, além do rádio, atuou também no *Jornal da Borborema* e na TV Borborema, primeiro canal paraibano instalado em Campina Grande, em 1966, pelo fundador dos Diários Associados, Assis Chateaubriand. “Era uma única empresa: a TV, o rádio e o jornal, e ele estava a serviço de uma dessas três atividades ou, muitas vezes, fazendo as três juntas. Era o repórter de jornal, era o entrevistador da TV ou era o apresentador da rádio, além de fazer o trabalho de rua e cumprir pauta em qualquer lugar”, relata Dantas. Na lista da produção artístico-cultural conhecida de

Evandro Barros, além das peças e dos programas radiofônicos, estão 18 crônicas, 19 contos e 20 poemas.

Eliângela Barros, filha de Evandro, reforça que o pai gostava de desafios e atuava em diversas frentes. “Ele era muito pragmático. E múltiplo também, cheio de muitas ideias. Era muito criativo e escrevia rapidamente”, conta, lembrando que, quando o acompanhava, ficava admirada com a velocidade com que utilizava a máquina de escrever para fazer o roteiro do programa *Contos que a Noite Conta*, no qual ela atuava como atriz. Evandro costumava cobrir de tudo, mas destacava-se nas áreas de política e policial. Uma das coberturas do pai que Eliângela lembra foi a do grupo de extermínio Mão Branca, que agiu na primeira metade da década de 1980, em Campina Grande.

No ambiente familiar, o paraibano de São João do Cariri sempre estava agarrado a um bom livro. “Aos fins de semana, ele gostava de ir aos sítios das cidadezinhas, onde ele tinha muitas amizades. Ele gostava muito de conversar, tanto que muitas histórias criadas por ele eram baseadas naquilo que ele ouvia”, afirma Eliângela.

Evandro Barros faleceu em 5 de dezembro de 1986, aos 48 anos, deixando a esposa, Angelita Arruda Barros, e seis filhos. Em sua homenagem, a Câmara Municipal de Campina Grande dedicou-lhe uma sala na Casa Félix de Araújo e deu seu nome a uma praça situada no bairro do Pedregal.



Pelo QR Code ao lado, acesse um dos episódios de *Contos que a Noite Conta*, programa da Rádio Borborema

Evandro Barros



Além de teatrólogo, Barros atuou na Rádio Cariri, na qual produzia o programa *Aquarela Nordestina*, na Rádio Caturité e na Rádio Borborema, esta última apresentando o radioteatro que misturava terror e realidade, “*Contos que a Noite Conta*”

Angélica Lúcio

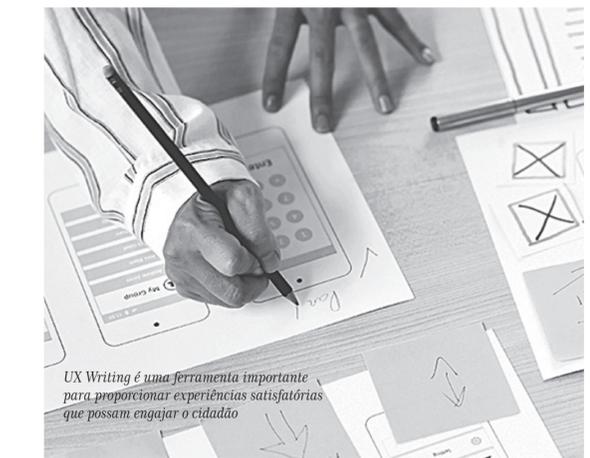
angelicalucio@gmail.com

Ainda dá tempo de ampliar seu repertório na área de comunicação

Já estamos em novembro e, daqui a pouco, 2024 chega ao fim. Mas ainda há tempo para fazer um curso ou assistir a alguma palestra na área de comunicação. Se as opções forem gratuitas, então, melhor ainda. Abaixo, confira quatro dicas:

1. Como ser uma voz confiável — O Centro Knight para o Jornalismo nas Américas, em colaboração com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), lançou o curso “Criadores de Conteúdo Digital e Jornalistas: Como Ser uma Voz Confiável Online”. Gratuito e on-line, o curso é direcionado a jornalistas e criadores de conteúdo digital que buscam aprimorar suas habilidades para produzir conteúdo ético e se tornarem referências confiáveis on-line. As aulas serão realizadas entre os dias 18 de novembro a 15 de dezembro e estarão disponíveis em português, inglês, espanhol e francês. Para se inscrever, basta acessar: journalismcourses.org/course-library/.

2. Estou pronto para empreender? — Uma boa pedida para quem quer transformar um projeto em veículo de comunicação rentável! Com apoio do Sebrae, a Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) organizou um seminário gratuito e on-line com o objetivo de compartilhar ferramentas e estratégias para empreender nessa área.



UX Writing é uma ferramenta importante para proporcionar experiências satisfatórias que possam engajar o cidadão

O webinar “Sou jornalista. Estou pronto para empreender?” ocorrerá na próxima terça-feira (5), das 19h às 21h, e contará com a participação da consultora de negócios do Sebrae-SP, Vera Ruthofer. Para se inscrever, basta acessar o QR Code no fim desta coluna.

3. UX Writing — A Escola Nacional de Administração Pública (Enap) ofer-

ta o curso “UX Writing para Transformação Digital”, de forma on-line e de modo contínuo. A capacitação tem como público-alvo agentes públicos e profissionais interessados na escrita para experiência do usuário, mas qualquer pessoa pode se inscrever. O curso é aberto, gratuito e com certificado. O UX Writing é uma ferramenta muito importante para propor-

cionar experiências satisfatórias que possam engajar o cidadão. Para aprender mais sobre esse tipo de escrita, faça sua inscrição no site oficial da Enap: www.escolavirtual.gov.br/curso/813.

4. Como investigar candidatos eleitos — Outra iniciativa da Abraji, dessa vez em parceria com a Global Investigative Journalism Network (GIJN), é o webinar “Como investigar candidatos eleitos nas eleições brasileiras de 2024”. Jornalistas de política e investigativos são o público-alvo desse seminário on-line, que abordará as melhores práticas para uma cobertura eleitoral mais aprofundada e crítica. O evento, marcado para a próxima quinta-feira (7), às 18h, desmistificará a ideia de que candidatos conhecidos não precisam de investigações. Para se inscrever, acesse: us02web.zoom.us/j/919p2SQ#?registration.

Bom proveito!



Pelo QR Code ao lado, acesse a inscrição para “Sou jornalista. Estou pronto para empreender?”

Tocando em Frente

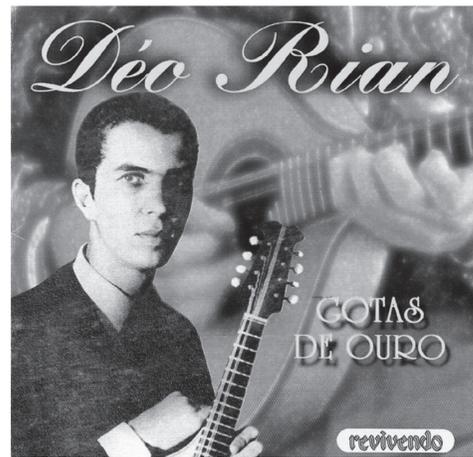


Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

Os instrumentistas da MPB — IX

Imprescindível em toda e qualquer boa roda de “choro”, o bandolim perpetuou outros nomes que surgiram após Jacob do Bandolim e, como se verá, por influência deste. Dentre esses novos ou mais recentes bandolinistas, vem-nos à lembrança um nome hoje quase esquecido, mas que nos tem legado um acervo fantástico em sua discografia: trata-se de Déo Cesário Botelho (Rio de Janeiro, 1944), instrumentista e compositor, ou Déo Rian, seu nome artístico.

Carioca, de Jacarepaguá, Déo vem de uma família em que a música sempre se fez presente: seu tio-avô tocava cavaquinho, os tios maternos tocavam bandolim, e, juntos, costumavam realizar “rodas de choro”, em suas próprias residências. Assim, aos cinco anos de idade, já se iniciou no toque do cavaquinho que, logo, foi trocado pelo bandolim. Então, desde criança, em Jacarepaguá, onde foi criado, frequentava o então badalado Retiro da Velha Guarda, espécie de *point* musical, ambiente a que também iam Pixinguinha e Luperce Miranda. Sempre com intuição para a execução do instrumento, somente aos 15 anos é que Déo passou a estudar teoria musical. Por essa época, Jacob do Bandolim — já com 43 anos e conhecido no meio artístico, também morador daquele bairro carioca, de quem Déo, com apenas dezessete anos, se tornou amigo — foi levado pelo jovem para participar dos festejados saraus que ali se realizavam. Fez-se, então, uma grande amizade entre ambos. O apoio de Jacob projetaria o futuro musical do jovem artista Déo que, logo, no ano seguinte, se profissionalizaria. Déo foi direcionado à Rádio Mauá, em 1962, onde se apresentou no programa *Samba e Outras Coisas*, sendo



Capa da coletânea do músico carioca Déo Rian, o “Príncipe do Choro”

notado pelas suas qualidades e reconhecido como uma revelação no seu instrumento. O falecimento do “padrinho” musical, no caso, Jacob, em 1969, fez com que o músico, escritor, compositor, produtor musical e — o que seria hoje — influenciador midiático Dalton Vogeler o levasse para fazer parte do Conjunto Época de Ouro, em substituição àquele. A esse propósito, foi Vogeler que lhe deu o nome artístico, buscado no homônimo Cine Rian, em Copacabana.

Já em 1970, acompanhado pelo Quinteto Villa-Lobos, Déo gravou o seu primeiro álbum

(LP) pela RCA Victor, dedicado à obra de Ernesto Nazareth que, inclusive, foi também lançado no Japão. Em 1971, Déo foi “oficialmente” reconhecido como o sucessor natural de Jacob, passando a solista do Conjunto Época de Ouro, e começou a almejar voos próprios. Notórios foram outros álbuns gravados, como, por exemplo, dois com criações musicais de Roberto Carlos (1974 e 1978).

Outro grande momento foi a atuação de Rian no show *Sarau*, em 1973, espetáculo de que também participou o então já consagrado Paulinho da Viola. Entre 1973 e 1977,

Déo gravou oito álbuns (LPs). No início dos anos 1990, excursionou, por três vezes, por várias cidades japonesas: Tóquio, Kioto, Osaka, Nagoya, Kobe, Yasato e Tsukuba, o que diz bem da aceitação de sua música no universo nipônico.

Em 1977, ele desligou-se do Conjunto Época de Ouro e formou seu próprio conjunto, o Noites Cariocas.

Tornou-se erudito, ao gravar, em 1993, o CD *Raphael Rabello e Déo Rian*, com um repertório centrado na música clássica.

Em mais de seis décadas de carreira musical, ele está consagrado como um dos mais respeitados solistas do Brasil, tendo participado de inúmeros projetos musicais pelo Brasil, com destaque para alguns: Projeto Pixinguinha, Projeto Seis e Meia, RioTur, RioArte, projetos Sesc, Sesi, BNDES, CCBB, Uerj e Projeto Pró-Música.

Fora da atividade musical, Déo Rian formou-se em Economia pela Faculdade de Ciências Econômicas do Rio de Janeiro, tendo trabalhado na Embratur, até sua aposentadoria funcional.

Enquanto Jacob foi coroado como “o maior instrumentista do mundo”, segundo o saxofonista francês Claude Luter, o crítico musical Sérgio Cabral tinha Déo Rian como o “dono de uma das mais belas sonoridades de toda a história de nossa música”.

Um tanto esquecido pela nossa curta memória, hoje, porém, Déo Rian é tido como o “Príncipe do Choro”, sempre lembrado como participante da “turma dos chorões” consagrados.

O filho, Bruno Rian, segue-lhe os passos tanto na execução instrumental como no gosto e na preferência musical.

ESTUDO

Geração Z é mais afetada pela “falta dos likes”

Jovens entre 13 e 24 anos são mais sensíveis a esse tipo de feedback nas redes

Guilherme Nannini
Agência Estado

Um estudo recente da Universidade de Amsterdã investigou a influência do *feedback* social em mídias sociais, como curtidas e comentários, no comportamento e no humor de jovens com idades entre 13 e 24 anos, faixa de idade da Geração Z. Os resultados indicam que os usuários dentro desse recorte são mais sensíveis a esse tipo de *feedback* do que os adultos e que essa sensibilidade pode ter impactos significativos em seu bem-estar psicológico e em seus padrões de uso das plataformas.

A pesquisa, publicada na revista científica *Science Advances*, baseou-se em dados reais de uso do Instagram e em experimentos controlados para analisar como os jovens respondem ao *feedback* social on-line. Os resultados revelaram que os adolescentes são mais propensos a postar novamente, em um curto período de tempo, após receberem um grande número de curtidas, e que a ausência de curtidas pode levá-los a se engajar menos com a plataforma.

“Os adolescentes demonstraram uma taxa de aprendizado significativamente maior em resposta a curtidas do que os adultos”, explica o estudo. “Isso sugere que o engajamento dos adolescentes nas mídias sociais é impulsionado, em grande parte, pela sua sensibilidade ao *feedback* social”.



Nos jovens, a ausência de curtidas pode gerar sentimentos de rejeição e reduzir a autoestima

Foto: Ravenna Rosa/Agência Brasil

Um dos pontos mais intrigantes da tese foi a associação entre a sensibilidade ao *feedback* social e o volume da amígdala, uma região do cérebro envolvida no processamento de emoções. Os pesquisadores observaram que indivíduos com maior sensibilidade a curtidas tendem a ter um volume maior na amígdala, o que pode explicar a intensidade das reações emocionais ao *feedback* social on-line.

Impacto no humor

O estudo também revelou que variações no número de curtidas recebidas podem afetar o humor dos adolescentes de forma mais intensa do que o dos adultos. A ausência de curtidas pode gerar sentimentos de rejeição e reduzir a autoestima, enquanto a busca excessiva por curtidas pode contribuir para

comportamentos compulsivos e problemas de saúde mental, como ansiedade e depressão.

Os pesquisadores destacaram no estudo a importância de educar os jovens sobre o uso responsável das mídias sociais e os riscos da busca excessiva por aprovação social

on-line. Eles também sugerem que as plataformas de mídia social implementem medidas para minimizar o impacto negativo do *feedback* social nos jovens, como a opção de ocultar o número de curtidas e o desenvolvimento de recursos que promovam interações mais saudáveis.

Charada

Francelino Soares:
francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: Neste local (1) = cá + parte lateral (2) = lado em silêncio (3) = calado.

Charada de hoje: Na preamar (2), este meio de transporte (2) pode provocar uma grande ondulação do oceano (4).



Ilustração: Bruno Chiocci



Celebridades que eram inventoras

Quando se pensa em feitos fantásticos, a imagem que vem à mente é a de cientistas trabalhando em laboratórios, e não de celebridades consagradas por Hollywood. No entanto, é grande o número de famosos detentores de patentes em áreas pouco ou nada relacionadas com o universo do *show business*. Veja a seguir o exemplo de algumas mulheres que se destacaram além das telonas.

Hedy Lamarr

A estrela austríaca, naturalizada norte-americana, de *Ecstasy* (1933) e *Sansão e Dalila* (1949) criou (com o compositor George Antheil) o sistema-base do GPS e do *wi-fi*, concluído em 1942. Na época, Lamarr (foto acima), que entendia de radiocomunicação, bolou o “salto de frequência”, um sistema baseado em ondas de som produzidas pelas teclas do piano. Ofereceu a ideia aos Estados Unidos, para que o programassem nos aviões e navios de guerra para despistar os radares nazistas. O sistema, porém, era caro demais e só foi redescoberto décadas depois. Em 1997, recebeu do Governo dos EUA menção honrosa “por abrir novos caminhos nas fronteiras da eletrônica”.

Florence Lawrence

A atriz canadense do início do século 20 se enveredou pela ciência, mesmo tendo mais de 300 filmes no currículo. Lawrence era também apaixonada por automobilismo, tanto que passou a desenvolver peças para carros. Em 1914, a artista e inventora criou o “braço sinalizador automático”, hoje conhecido como seta sinalizadora, além da tecnologia das luzes de freio.

Julie Newmar

A eterna Mulher-Gato na série de TV *Batman* (1966-1968) desenvolveu a meia-calça, patenteada em 1970. Em entrevistas que ela deu na época, a atriz revelou que sempre achou seu figurino pouco sedutor e que, por isso, teve a ideia de costurar meias de náilon escuras a uma calcinha preta. A tendência viralizou e as mulheres passaram a usar as meias chamadas de “nudemar”.

Ada Lovelace

Apesar de não ter pertencido ao mundo de Hollywood, vale mencionar a filha do poeta Lord Byron. Lovelace foi uma matemática nascida em 1815, que escreveu o primeiro algoritmo para ser processado pela máquina analítica de Charles Babbage — reconhecida, em 1953, como o primeiro modelo de computador da história. Além de desenvolver os algoritmos que permitiriam à máquina computar os valores de funções matemáticas, ela ainda publicou uma série de notas, que seriam reconhecidas como a descrição de um computador e de *software* um século mais tarde.

9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)



Solução

1 - nuvem; 2 - pena no cachimbo; 3 - colar; 4 - pé do indígena; 5 - tenda; 6 - mato; 7 - montanha; 8 - pau de tenda; 9 - fumo.

Tiras

O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Desvelândia

Jorge Rezende (argumento) / Tônio (arte)





Quebra-Quilos

A revolta silenciada e as revoltas silenciosas

Com base no movimento que aconteceu há um século e meio partindo da Paraíba, acompanhamos lutas anônimas em três locais do estado para mostrar pessoas que não querem mudar o mundo, mas apenas transformar a realidade em que vivem

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

A data era 31 de outubro de 1874. Foi em um sábado de feira que a pacata vila de Fagundes, no Agreste paraibano, ouviu ecoar um grito de revolta contra o novo sistema de pesos e medidas, imposto goela abaixo pelo Império brasileiro. Quebrar as balanças e caixas de madeira e jogar os pesos no açude foi a reação imediata dos feirantes que, de uma hora para a outra, se viram obrigados a arrendar aqueles instrumentos e ainda pagar o chamado imposto do chão.

Atos desmedidos e pouco organizados se espalharam por toda a região da Borborema como rastilho de pólvora, passando a incluir também a queima dos documentos nas câmaras municipais e coletorias de impostos. A insatisfação era tão genuína que, mesmo sem uma liderança, o movimento espontâneo alcançou ao menos as províncias

vizinhas do Rio Grande do Norte, de Pernambuco e de Alagoas. O motim desafiou o poder imperial, que não poupou esforços para sufocar o levante. Os “quebra-quilos” foram silenciados, tanto quanto a sua memória, que 150 anos depois permanece praticamente esquecida.

Isso não quer dizer, no entanto, que outras revoltas não continuem acontecendo. Parafraseando o provérbio africano popularizado pelo escritor uruguaio Eduardo Galeano (1940-2015), à margem, de modo silencioso, muita gente pequena, em lugares pequenos, fazendo coisas pequenas têm procurado mudar o mundo.

Foi para contar essas histórias que visitamos o Sítio Mãe Joana, em Fagundes, berço do Quebra-Quilos, e conhecer o líder comunitário que vem enfrentando a indústria da seca com terra, água e sementes. Partimos também para a divisa do estado, até a Serra do Abreu,

em Nova Palmeira, para saber como a comunidade quilombola vem avaliando os benefícios e prejuízos com a instalação de empreendimentos de turbinas de energia eólica há poucos metros de suas casas. Visitamos, ainda, assentamentos de reforma agrária nos municípios paraibanos de Remígio e Areia, para descobrir como as mulheres vêm levando adiante ações e discussões sobre as questões de gênero no campo.

As lideranças comunitárias que entrevistamos não têm a pretensão de mudar o mundo, mas sabem que podem mudar a realidade em que vivem. Não fazem uso da fúria, mas não deixam de alimentar dentro de si a necessária centelha de indignação que os move. E se valem de armas como o conhecimento e a organização, porque sabem que travam uma luta contra inimigos invisíveis. À margem, continuam levando adiante outras revoltas silenciosas.

Em uma iniciativa da Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), esta produção do Jornal **A União** é parte do *Especial Quebra-Quilos – 150 anos*, que engloba ainda uma série de *podcasts* produzidos e veiculados semanalmente pela Rádio Tabajara e disponibilizados nas principais plataformas de *streaming* de áudio, assim como novos conteúdos publicados nas nossas redes sociais (@jornalauniaio), que se complementam e enriquecem sobre o assunto, por vezes esmaecido no mapa da memória.



Por meio do QR Code acima, acesse novos conteúdos sobre o tema

Feira de Fagundes nos dias atuais: município paraibano foi o berço da revolta contra a padronização do sistema de pesos e medidas, que se estendeu por quase todo o Nordeste



CONQUISTA

Ações para quebrar a indústria da seca

Em Fagundes, onde começou a Revolta do Quebra-Quilos, comunidade agrícola corre atrás das políticas públicas

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Da Rua Quebra-Quilos, no Centro de Fagundes, até o Sítio Mãe Joana, são pouco mais de três léguas. Pela Estrada do Jardim de Baixo, tomando a esquerda do Bar do Imbu, chega-se à comunidade que se formou no entorno da figura da benzedeira Joana, chamada por todos de “mãe”, porque, além da bênção, a senhora sempre tinha um prato de comida a oferecer a quem chegasse em sua casa, no local onde existe, hoje, um cruzeiro e é chamado de Alto Mãe Joana. Ali vivem 162 famílias que ainda alimentam um mesmo sonho: ter um pedaço de chão para plantar e viver da terra.

Como bom homem do campo, Cacau, como é conhecido José Casimiro Vieira Sobrinho, é um dos que cultiva esse sonho. Em comum com o líder do Quebra-Quilos, João Carga D'Água, tem a coragem e o sobrenome — Vieira. Não se considera nenhum revoltoso, nem levou adiante nenhum motim para “invadir” as fazendas da região — verbo ele mesmo utiliza para falar da peleja da irmã Josefa na reforma agrária. Cacau prefere lutar com outras armas: organizando a comunidade, negociando com os proprietários de terras e correndo atrás de políticas públicas, palavrinhas que o agricultor pronuncia com orgulho.



Agricultores associados da localidade não fazem uso de semente transgênica e preservam as sementes crioulas para o plantio de fava, milho e feijão

Nascido e criado no Sítio Mãe Joana, nem os 63 anos de idade, nem a limitação em andar — sequela de um acidente de automóvel que sofreu há 15 anos — diminuem em nada a vontade de conquistar uma terra. A luta é para ter um lugar de onde, tanto ele como sua gente, possa tirar o sustento e não ter que migrar, como fez ainda jovem, quando ainda tinha 20 anos.

“Eu estava jogando bola no campinho ali, chegou o cara vendendo passagem,

dizendo que meu pai tinha mandado me chamar pra viajar pra Brasília, na segunda-feira”, conta. Por respeito aos pais, ele seguiu viagem, mesmo sem querer. Passou três meses na capital federal e, de lá, seguiu para o Rio de Janeiro, destino de boa parte de seus conterrâneos, onde trabalhou como servente de pedreiro. “Quem mandava eram os pais, né? Quer dizer, a necessidade era tão grande que a gente tinha que ir”.

Passou cinco anos no Rio e, quando retornou ao Sítio

Mãe Joana, casou-se com Damiana Medeiros. O pouco que Cacau conseguiu juntar empregou na construção da casa onde mora até hoje. “O nordestino só fica lá, porque não tem outra opção”. Depois dos dois primeiros filhos, Renata e Raul, duas secas brabas fizeram o agricultor migrar novamente. “A seca me expulsou. Não dava para mim, não. Fui embora e depois mandei buscar a mulher e os filhos”. E lá se foram mais cinco anos na cidade tida como maravilhosa, onde

teve o terceiro filho, Ricardo. Raiana, a caçula, já nasceu na Paraíba.

A jovem, hoje com 27 anos, só conhece essa realidade pelo que o pai conta em um vídeo que tem do celular de quando nem era nascida. Trata-se de um trecho de uma reportagem de 1988, recuperada numa edição Especial dos 20 anos das TVs Cabo Branco e Paraíba, que mostra a repórter Vanda Casé na cozinha da tia Josefa Vieira, irmã de Cacau, hoje falecida. “Hoje ninguém to-

mou café nesta casa, a não ser o Mateus, de apenas um ano de idade, que está sendo amamentado pela mãe. No fogo não tem nada, a não ser essas duas pedras de carvão. O almoço dessa família, daqui a pouco, vai ser isso aqui, olha: metade desse pacote de fubá”, contextualiza a repórter, antes de perguntar à mãe se as crianças não choravam. O tema da reportagem era a fome.

Ao rever o vídeo, Cacau silencia. Depois volta a si, mas sem conseguir descrever muito bem com palavras o que ele e a maioria dos seus viviam naqueles tempos. “Aqui todos saíam. Há 20 anos, eu creio que 90% da juventude daqui migrava”, calcula. Tinha até os que registravam uma idade inferior nos documentos para que pudessem viajar logo.

A situação hoje é um pouco diferente, mas não mudou de todo. “Diminuiu muito os que vão para o Rio. Agora vão mais para Campina Grande. Só da minha família tem umas 20 pessoas que moram fora”, avalia Cacau. Ele atribuiu parte da mudança aos programas de transferência de renda que têm ajudado muita gente a se manter no campo, mas se preocupa com a falta de oportunidades (leia-se, “falta de terra”), que faz com que boa parte dos jovens da comunidade busquem um futuro fora do lugar onde nasceram e cresceram.

Na luta, não basta cara e coragem: é preciso se organizar

O pedacinho de terra em que Cacau vive — e não é hipérbole — foi herança do pai. “Foram 20 hectares, mas para 12 filhos”, cai na gargalhada. Já aí o agricultor teve que se virar fora do campo e revelar seu espírito conciliador: a divisão da herança foi feita na base da amizade e permitiu o milagre de caber dois hectares para cada herdeiro. Dá para viver da terra que recebeu de herança? “Não dá, não! Foi aí que entrou a luta da terra”.

A primeira da comunidade a quebrar as cercas e entrar para uma terra improdutiva foi outra irmã de Cacau, Antônia Vieira. “Ela foi a maior líder comunitária daqui. Muito forte e muito batalhadora”, conta com orgulho. A tentativa de se juntar a outros trabalhadores sem-terra já acampados numa fazenda nas proximidades não teve bom fim, porque, na hora do enfrentamento, a maioria dos companheiros recuaram. “Quem trabalhava na terra não vestia a camisa e ela, com meu sogro, ficaram visados. Dois cabras vieram aqui em casa perguntar por ela, depois a gente percebeu eles vigiando a casa dela, que era aí em frente”, aponta Cacau, do alpendre onde acolhe todos que chegam. Sentindo-se ameaçada, Antônia teve que fugir.

Foi se esconder em Campina Grande por um tempo e de lá seguiu para o Rio de Janeiro. Quando retornou, entrou novamente em outra ocupação, mas como a regularização da terra não saía e as condições de vida não melhoravam, migrou novamente para o Rio, onde veio a falecer.

Reverendo a história de luta da irmã, Cacau acredita que não basta só entrar na luta com a cara e a coragem, é preciso se organizar, buscar as entidades, como o sindicato, para estar ao lado dos agricultores. Talvez, justamente por isso, ele tenha adotado uma outra via de articulação da comunidade e de diálogo com os fazendeiros antes de propor que a terra fosse adquirida pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incrá). Ainda assim, a estratégia não tem tido sucesso: já foram realizadas três tentativas, e nada! “É muita falta de sorte!”, diz, novamente rindo.

O primeiro fracasso ocorreu, segundo Cacau, porque a liderança que estava à frente não soube agir. “É preciso ceder quando for preciso e atacar na hora que for necessário. Tudo no diálogo”, pondera, referindo-se à atitude inflexível do presidente da associação dos trabalhadores quando as terras, já previamente negociadas en-

tre o proprietário e os representantes da comunidade Mãe Joana, precisavam ser repartidas com outro grupo de agricultores.

Tudo começou quando o dono da fazenda pediu para que fossem incluídos



José Casimiro Vieira, o Cacau: “Meu sonho é fazer outros bancos de sementes no município”

na lista dos que seriam assentados alguns moradores da comunidade Cachoeira Grande, vizinha à fazenda. Entre idas e vindas, para que se conseguisse a desapropriação da terra e fosse realizado o cadastro dos futuros assentados junto ao Incra, alguns interesses políticos prevaleceram, suspeita Cacau, e findou que apenas a outra comunidade seria beneficiada. “O grupo da Cachoeira propôs fazer uma divisão, mas aí chegou um cabra da Mãe Joana, o presidente da associação, e disse que seria ou tudo ou nada”, e balança com a cabeça.

Para Cacau, que se resente de não ter estado no

dia — transportava trabalhadores para o corte de cana em usinas de Pernambuco, porque só da agricultura não daria para sustentar a família — faltou uma liderança para bater de frente com o presidente da associação. “Eu posso ser presidente, mas eu não sou tudo. Se a maioria quiser...”, interrompe a fala, como que para dizer que a liderança deveria se calar. A queixa estende-se também aos trabalhadores, que ainda hoje se arrependem de não terem levantado a voz naquele momento.

“Nós fizemos acampamento, um monte de barraca. O fazendeiro tinha interesse em vender a terra e

permitiu, por isso não houve luta. A disputa, na verdade, foi entre os próprios agricultores”, relembra. “No dia do confronto, foi a turma daqui, toda armada, e quando chegaram lá fizeram uma linha de fogo e disseram: ‘Daqui vocês não passam, aqui vocês não entram’”. Para não haver derramamento de sangue, foi sugerido dividir a terra entre os dois grupos e depois o Incra se encarregaria de buscar outra propriedade para assentar os agricultores que ficassem de fora. Como a liderança da comunidade Mãe Joana não aceitou o acordo, todos do local continuaram sem terra. “Eu tinha certeza hoje, que,

se a gente estivesse na terra, a condição de vida era outra”, avalia.

Outras duas tentativas foram realizadas. Numa delas, chegou-se a negociar com o fazendeiro a compra da terra, mas depois ele se arrependeu. Na outra, bem mais recente, foi feita uma reunião com o dono das terras e toda a comunidade, com a presença também da Federação dos Trabalhadores Rurais, Agricultores e Agricultoras Familiares do Estado da Paraíba (Fetag-PB), e toda a documentação foi encaminhada. “Quando estava tudo certo, aí vem o golpe contra Dilma. Até hoje esperamos a resposta. Tudo caiu por terra, nós não conseguimos, de novo”.

Engana-se quem pensa que o líder comunitário desistiu. Cacau já planeja retomar as conversas com um dos fazendeiros. Apesar de reconhecer que uma ocupação seria mais rápida, ele acredita que a negociação é a melhor forma para uma possível desapropriação, inclusive, porque o proprietário já tentou vendê-la duas vezes. “Eu quero deixar minha comunidade trabalhando à vontade. Se nós conseguíssemos uma terra, o futuro seria bem promissor. Apesar de aqui a gente depender muito do clima, mas com a terra bem trabalhada ela dá seu retorno”.

MULTIPLICAÇÃO DE SEMENTES

Lição: como conviver com o semiárido

Trazendo novas ideias para a comunidade, investimentos em tecnologias sociais facilitam a vida das famílias

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Política pública, para o agricultor Cacau, não é uma palavra abstrata e pode ser vista no entorno de sua casa: no quintal, nas duas cisternas e na criação de galinhas, no oitão, no empreendimento da filha e no banco de sementes do qual se orgulha de coordenar. “Rapaz, pra gente foi uma mão na roda, um dos melhores projetos que veio”.

A primeira cisterna que chegou, feita com placas de cimento, possui capacidade para armazenar até 16 mil litros de água da chuva para consumo humano, por isso a captação ocorre por meio do telhado e das calhas da casa. A segunda, com capacidade para até 52 mil litros de água, utiliza o terreno como área de captação e costuma ser destinada a outras necessidades, inclusive ao plantio e à criação de animais.

Essas tecnologias ajudam toda a família, mas de modo especial as mulheres, que, no contexto regional, costumavam estar responsáveis pelo cuidado da casa. “Pra você ter uma ideia, as mulheres iam buscar água num jumento daqui a uma légua. Para lavar roupa, elas iam lavar no Alto Mãe Joana e traziam na cabeça. Hoje, toda casa aqui tem cisterna e tem poço de onde vem água encaçada para nossas casas. Melhor, né? Mas porque a comunidade procurou”, alerta o líder comunitário.

Cacau deixou de lutar contra a seca, palavra que preferem usar mais. Hoje, ele diz que passou a conviver com o semiárido, lição que aprendeu nas reuniões das quais participa do Serviço Pastoral dos Migrantes (SPM), organização da Igreja Católica que acompanha nove municípios no Agreste da Paraíba, mas possui atuação em todo o país. No Sítio Mãe Joana, o SPM já completa 25 anos de atuação e trabalha realizando oficinas e intermediando políticas públicas como as que chegaram até a família de Cacau.

Do quintal da casa dele se avista um roçado, que fica atrás d’O Vieirão, o campo de futebol onde os jogadores dos dois times locais, Guarani e Botafogo, costumam treinar e se enfrentar, aos finais de semana. Num desses domingos, a bola deu lugar à enxada e a partida foi no campo de multiplicação de sementes, terreno destinado ao plantio de feijão e milho e que é parte do Banco Comunitário de Sementes Mãe Joana, outra tecnologia social. O mutirão para o dia do plantio foi uma festa só, envolveu tanto os 32 agricultores associados ao banco comunitário, quanto suas famílias. Não faltou alegria, nem um almoço bem reforçado.

A ideia de implantar um banco de sementes na comunidade ficou na mente de Cacau depois de ter participado de uma reunião em Mossoró, no Rio Grande do Norte. O SPM incentivava a reflexão



Cisternas são utilizadas para consumo humano e para outras necessidades, inclusive o plantio e a criação de animais

sobre a necessidade de evitar o uso de semente transgênica pelos agricultores e preservar as sementes crioulas. “Eu trouxe a ideia pra minha comunidade, ela abraçou a causa e hoje o banco de sementes é uma referência aqui”, fala, esboçando um sorriso. Os investimentos, segundo ele, foram mínimos: os tambores, as estantes e uma balança, custeados por um projeto a partir de recursos da Campanha da Fraternidade, realizada anualmente pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil em todas as paróquias. O local onde as sementes ficam armazenadas foi cedido pelo pró-

prio trabalhador, que já tinha o espaço construído ao lado da casa e foi reformado com a ajuda de todos da comunidade. Alguns doaram a madeira e a obra foi feita em outro domingo de mutirão.

“Funciona assim: você tira o que colheu do roçado e guarda aqui uma parte pra ficar de cabeça fria e plantar no outro ano. Doa o que quiser”, explica. Cada agricultor possui o seu depósito no Banco de Sementes, com etiquetas com o nome, o tipo de semente e a safra. “Se você pegar cinco quilos de milho e lucrar, devolve 10, por exemplo. Se não lucrar, a gente pede que

devolva só o que levou, pra gente não fechar, né?”, exemplifica, enfatizando que são raros os casos dos associados que não devolvem o que tomaram emprestado.

Cacau reforça que ali só se trabalha com sementes crioulas, nada de transgênico. O campo comunitário de multiplicação de sementes também ajuda a suprir as possíveis necessidades diante de uma safra ruim. A animação dos que participam da iniciativa pode ser vista estampada no semblante de alguns agricultores que chegam ao local com parte do resultado do trabalho no campo de multiplicação. Foi

recolhida uma saca e meia de favas, debulhadas ali mesmo, na rua principal do sítio por uma máquina acoplada a um trator. As sementes multiplicavam-se branquinhas, limpas das cascas secas, que foram jogadas do outro lado do terreno para servir de matéria orgânica ao solo.

“Meu sonho é fazer outros bancos de sementes no município, porque vem gente de outros sítios pedir sementes aqui. Isso foi uma coisa muito boa”, comenta Cacau com mais um sorriso largo, enquanto contempla os companheiros pesando e levando as sementes ao depósito.

Medidas para as novas gerações permanecerem no campo

Com a terra e as tecnologias sociais, Cacau acredita que é possível resolver a difícil equação para manter o jovem no campo. A fórmula defendida pelo agricultor toma a filha caçula, Raiana, como referência. Ela já chegou a trabalhar dois anos como babá em Campina Grande e um ano como operadora de caixa em Fagundes, mas retornou ao Sítio Mãe Joana, de onde não pretende sair.

A ideia de permanecer no campo não nasceu de uma hora para outra na jovem. Assim que retornou das experiências de emprego na cidade, o pai não perdeu tempo e começou a levar a filha às reuniões para as quais sempre é convidada. “O que me fez ter essa visão que eu tenho hoje foram essas reuniões da Articulação Semiárido Brasileiro (ASA). Agora eu sei os meus direitos e os meus deveres e sei que dá pra viver no sítio”, relata Raiana.

Foi ouvindo as histórias de outros jovens agricultores e participando dos intercâmbios promovidos pela ASA, rede de entidades que defende, propaga e fomenta práticas de convivência com o Semiárido, que ela foi aprendendo sobre associativismo e políticas públicas. Hoje, Raiana é presidente da Associação



Raiana, filha caçula do agricultor Cacau, montou um pequeno negócio alimentício ao lado do Banco Comunitário de Sementes

de Agricultura Familiar da Comunidade Mãe Joana, cria galinhas e cultiva uma horta no terreno em frente à casa, de onde tira coentro, alface, tomate e pimentão. Alguns desses itens ela consegue vender para a merenda escolar por meio do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), lição também aprendida nos encontros dos quais participa.

“A gente tem esse direito. Toda prefeitura é obrigada a comprar o mínimo de 30% da agricultura familiar, então a gente pode correr atrás de nosso direito para poder ficar no campo. Mas se eu só produzir e não ter pra onde vender, então

não tem como eu ficar aqui”, pondera Raiana, que sugere desburocratizar alguns desses processos, especialmente para os jovens.

A jovem agricultora também sente que o grande problema é a falta de terra, já que o terreno do pai, onde produz, não é suficiente. “O jovem só pode ficar no campo se ele tiver terra para produzir. Tem um discurso muito grande de que os jovens não querem ficar aqui. Muitos querem, mas como é que vai produzir sem terra?”, pergunta Raiana. E se defende com outra pergunta quando dizem que a juventude não entra na luta pela terra: “Como é que eu vou lutar se

não tenho como criar e não tenho pra onde vender?”.

Apesar de contar com uma segunda cisterna destinada ao cultivo de uma horta e à criação de animais, durante a seca a produção é bem menor. Só sobrevivem os mameiros, dos quais colhe em abundância para fazer doces, que vende, com bolos e salgadinhos, na pequena lanchonete que montou há pouco tempo, ao lado do Banco Comunitário de Sementes. Essa foi a alternativa encontrada pela jovem para não ter que sair do campo, como fez o primo e companheiro de reuniões da ASA, Djair Vieira, que se mudou para Campina Grande. Outras primas

e amigas até moram no sítio, mas graças à facilidade de transportes para as cidades próximas, costumam trabalhar fora, indo e voltando diariamente ou somente aos finais de semana.

Apesar da crença de Cacau de que os jovens podem permanecer no sítio,

o exemplo da filha parece ser uma exceção. Ela mesma admite que a cidade tem seus atrativos, como a facilidade para trabalhar e encontrar trabalho e que do jeito que está não dá para viver só da agricultura. Ainda assim acredita que ali é o melhor lugar para viver e, para além de pedir a Deus para mandar chuva, vai trabalhando na associação que preside para implantar projetos, o Quintal de Casa, que ajudarão 25 mulheres da comunidade com recursos para investir em criação de galinha, bode ou porco ou no cultivo de hortas.

Cacau e Raiana levam adiante, como tantos outros agricultores e lideranças comunitárias, uma revolta diferente de seus conterrâneos que foram chamados de “quebra-quilos”: eles agora se organizam e com pequenas iniciativas vão quebrando, pouco a pouco, a indústria da seca.



Fonte: IBGE, censos demográficos 2000/2010

FLUXO EMIGRATÓRIO

1995-2000
163.485 paraibanos2005-2010
125.521 paraibanos

Redução de 23%

SERIDÓ

Uma peleja quixotesca contra os gigantes dos ventos

No município de Nova Palmeira, líderes de comunidade remanescente de quilombo utilizam as armas que dispõem contra os impactos ambientais que os empreendimentos de energia eólica podem causar em seus territórios

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

A luta dos pequenos contra os grandes é bíblica e remete à vitória de Davi contra Goliás. Quando os gigantes são moínhos de ventos, a referência é outra: a história do cavaleiro Dom Quixote; e a valentia é tida como loucura, a luta como inútil e o fracasso como certo. O mito quixotesco ilustra bem a batalha que Ednalva Santos Oliveira, agricultora na Serra Baixa, município de Nova Palmeira (PB), vem travando contra os impactos dos empreendimentos de energia eólica que, em pouco tempo, poderão estar no quintal de sua casa.

Apesar dos aerogeradores equívalem a um prédio de 30 andares, a trabalhadora rural sabe que os gigantes de verdade são os que estão por trás desses empreendimentos que serão instalados no local. Desde 2010, o território é certificado como comunidade remanescente de quilombo pela Fundação Cultural Palmares. Ednalva tem consciência também de que sua luta ali é quase solitária — conta apenas com sua família —, pois a maioria dos moradores da comunidade não enxergam os perigos quando os ventiladores gigantes estiverem no alto das serras, ao pé das quais estão suas casas. Ainda assim, a “Dom Quixote do Seridó paraibano” não se intimida e entende, tanto quanto o cavaleiro de La Mancha, que sua luta é necessária para si e para o mundo, mesmo suas armas sendo pequenas contra o grande poder do capital. “A nossa arma é apenas o conhecimento e a gente quer, inclusive das leis, que não sejam atingidos por esse empreendimento. Mas que é difícil, porque as leis brasileiras deixam brechas”, confessa. Fazendo valer a memória de seus ancestrais, que viram na Revolta do Quebra-Quilos uma chance para conquistarem a sua liberdade e refugiarem-se em quilombos, ela não desiste da batalha.



Ednalva Santos mostra a torre colocada no alto da serra (ao lado) e o registro de seu bisavô, Manoel Caboclo (acima), um dos primeiros do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Nova Palmeira, no qual ela é presidente

Quando a negra escravizada Maria Teodora do Rosário chegou grávida à Serra Baixa, com mais duas companheiras, segundo contam os antigos, fugidas de fazendas da Vila de Areias, ela não imaginava que aquele lugar onde se refugiariam do domínio dos seus senhores — lá onde “o vento faz a curva” — seria hoje tão cobido. Da sede do município até chegar à casa de Seu Dedé e Dona Netinha, como são conhecidos José Anselmo dos Santos e Josefa da Silveira Santos, os pais de Ednalva, é pouco mais de uma légua em estrada de chão. As placas sinalizam bem os locais, mas a referência dada pelos moradores são os mata-burros. Os fossos cavados na estrada com traves de madeira impedem a passagem de animais e facilitam o transporte rural porque não é preciso descer dos veículos para abrir as porteiças. Pela estrada da Serra Baixa até a Serra do Abreu, ao sopé da qual se formou um pequeno arruado, percorre-se mais meia légua, tomando à esquerda no primeiro mata-burros.

Ednalva Santos conta que as famílias do lugar formaram-se em torno da figura do filho daquela negra escravizada, Manoel Caboclo, o bisavô que ela não chegou a conhecer. Tanto que o local ainda é conhecido como a Serra de Manoel Caboclo. Manoel Domingó da Silveira, um negro de olhos azuis, nascera em 1888, apenas 11 dias depois da assinatura da lei que determinava oficialmente o fim do regime escravocrata no Brasil. A foto e a data constam num dos primeiros registros do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Nova Palmeira, onde Ednalva está, hoje, como presidente. Ali, na divisa entre Paraíba e Rio Grande do Norte, os descendentes de Manoel Caboclo organizaram-se para cultivar a terra e proteger-se dos brancos. “Era um local para se refugiar. Quem ia imaginar que ali naquele pé de serra teria alguém morando?”, pergunta-se Ednalva, referindo-se à topografia do lugar. Por mais que as histórias fossem contadas de pais para filhos, a identidade quilombola só foi reconhecida aos poucos, quando a bisneta de Manoel Caboclo estava à frente de uma turma de Educação de Jovens e Adultos (EJA) na comunidade e resolveu propor uma atividade pedagógica no Mês da Consciência Negra. Com a ajuda de estudos do Instituto Federal da Paraíba (IFPB) e do Centro de Educação e Organização Popular (Ceop), ambos localizados na cidade vizinha, Picuí, a comunidade recuperou não só parte de sua história, como o orgulho de serem negros. As instituições também orientaram a formação de uma associação para representar as quatro comunidades: Serra do Abreu e Serra Baixa, em Nova Palmeira, e Baixa do Meio e Sítio Lajedo, pertencentes ao município de Picuí.

Não faz muito tempo que os que ali moravam eram chamados, em

tom ofensivo, de “os negros da Serra Baixa” e viviam uma espécie de segregação racial. Na época em que o transporte escolar era pau-de-arara, por exemplo, os que se desafiavam a aprender as letras na cidade tinham que sentar nos bancos de trás porque os brancos “não queriam pegar a cor”. Até a busca do reconhecimento da comunidade como remanescente de quilombo foi vista por muitos como um modo de “aparecer”.

Foi na luta que Ednalva se formou. E luta, no campo, também significa trabalho: lutar com a terra, plantar, capinar, colher, criar galinha e outros animais... mas foi também na igreja, na universidade e no sindicato que ela descobriu os outros sentidos — na dupla acepção do termo — de luta. “Depois que entrei no sindicato, eu passei a me descobrir, a afirmar minha identidade como mulher negra e aí você começa a levantar essas bandeiras, a defender causas não só do nosso direito como do direito do outro. E aí a gente vai vendo que a gente precisa ir para lá”.

O campo de batalha da nova luta de Ednalva avizinha-se agora do quintal de casa. De sua propriedade rural, enquanto alimenta as galinhas e cuida da pequena horta, ela avista a torre colocada no alto da serra, há umas 600 braças, onde foram instalados equipamentos para determinar a velocidade e a direção dos ventos. É inevitável pensar que, em breve, passará a contemplar o sol se pôr por entre as hélices das turbinas de vento. Não é a beleza da mudança

estética que preocupa a agricultora, mas sim o que pode vir com um aerogerador tão perto de casa.

“A gente vê o desmando que uma empresa dessa faz. Primeiro, a energia aqui não é nossa, essa energia vai para outros, vai enriquecer outros. E aí já vem toda a destruição da nossa terra, do nosso bioma, da caatinga”, explica Ednalva, que faz questão de esclarecer que não é contra o empreendimento energético, mas opõem-se à forma com que ela tem chegado para sua gente.

O medo do que pode vir no pacote com as torres gigantes equivalentes a um prédio de 40 a 50 andares não é especulação da sindicalista. Ednalva tem participado de encontros promovidos pelos movimentos sociais nos quais escuta relatos do que vêm acontecendo em outras comunidades afetadas pela instalação de parques eólicos. “O que vai acontecer com a gente, a gente não sabe”, desabafa, contando que eles têm a noção de que se pode adoecer, além de não ter a mesma produção atualmente, na questão de animais e colheitas para consumo e venda.

Fora o impacto na saúde mental causados pelo barulho das turbinas e da diminuição da produção, a lista de problemas também inclui: o desmatamento da vegetação, seja para construção de estradas por onde passam os caminhões carregando as grandes pás giratórias, seja para própria instalação das torres; o rachamento das paredes das casas e cisternas causados pelas explosões, ne-



Foto: Jullie César Pena

cessárias para a fundação das bases onde os aerogeradores serão fixados; o êxodo para a zona urbana, consequência dos anteriores, dentre outros. “Vai vir um bocado de desgraça, mas eu não vou ficar imaginando...”, interrompe o pensamento.

Seu Dedé e Dona Netinha, pais de Ednalva, já são aposentados, mas não deixam a labuta do campo, faça chuva ou faça sol. Na casinha ao pé da Serra Baixa criaram as três filhas tirando o sustento da agricultura e quando a coisa apertava se metiam na caatinga para tirar jurema preta e vender às olarias do entorno. Um dia receberam a visita de conhecidos que trabalhavam para a empresa de energia eólica para consultá-los sobre o interesse em arrendar suas terras.

“O plano era passar pela nossa propriedade, mas a gente se reuniu com eles e dissemos não. O dinheiro não vai pagar tudo. A gente já foi em muita audiência e vê contando: o povo não dorme, é muito triste”, explica Dona Netinha. A recusa do casal não afastou a previsão de instalação de aerogeradores e a colocação dos equipamentos de medição do vento no terreno vizinho, no alto da serra, soa como prenúncio de que, a qualquer hora, a torre pode dobrar de tamanho e ganhar asas.

Entre os moradores da Serra do Abreu, Ednalva conta nos dedos os que se atentam aos riscos e impactos que poderão sofrer. “Eu sou tipo uma formiguinha em meio a um formigueiro que não está percebendo essa realidade”, compara a líder comunitária.

E é aí que ela sente o quanto a luta é difícil, ainda que conte com o apoio de órgãos como o ministério público federal e do estado, e entidades da sociedade civil que tem se unido em torno da defesa dos direitos humanos. No início do mês de setembro, inclusive, o Conselho Nacional de Direitos Humanos (CNDH) realizou uma missão climática que incluiu uma visita à Comunidade da Serra do Abreu para uma audiência pública. A Coordenação Estadual das Comunidades Negras e Quilombolas da Paraíba (CECNEQ) também tem acompanhado de perto todo processo e recentemente construiu, junto aos moradores da Serra do Abreu, o protocolo de consulta, que é um documento com diretrizes e princípios para que a comunidade possa ser consultada e constituída-se um dos primeiros pontos a ser considerado para o licenciamento ambiental de empreendimentos nas proximidades de territórios quilombolas.

“Seria bom que a gente conseguisse mudar? Seria! Se a gente vai conseguir? Aí é outra coisa. É um processo muito difícil e muito longo. Porque a gente está lutando contra pessoas com dinheiro, quem tem um arma maior que a nossa, que é o poder, o capitalismo”, reconhece a lutadora solitária. Mesmo assim, não perde a esperança. “É uma esperança bem longe, que só seria possível se a maioria da comunidade abraçasse essa causa”.

Enquanto isso, Ednalva nutre o sonho de, com o esposo Antônio, que também é músico e artesão, construir um espaço para preservação da memória familiar e comunitária, onde os visitantes possam conhecer um pouco mais das raízes identitárias e culturais de sua gente. “Eu não quero sair do meu lugar, eu quero construir minha vida aqui”.



Comunidade quilombola da Serra do Abreu fica geograficamente localizada no território do Rio Grande do Norte, mas toda a vida e história das 37 famílias gira em torno de Nova Palmeira

No outro lado da serra: “A gente começou a colocar nossos critérios”

O arruado da comunidade quilombola da Serra do Abreu fica geograficamente localizada no território do Rio Grande do Norte, mas toda a vida e história das 37 famílias gira em torno do município de Nova Palmeira. “Queriam mudar, mas a gente bateu o pé porque, desde que a gente nasceu, a gente é Paraíba e a gente vai ficar aqui”, conta a motorista de ambulância e presidente da associação comunitária, Diana Barbosa.

É na sede da entidade que ela mostra os trabalhos de barro e os doces feitos por um grupo de mulheres quilombolas. Nas paredes, o mapa do entorno que projeta onde serão instalados os aerogeradores chama atenção. “A gente pediu para empresa fazer esses banners para gente explicar melhor para todo mundo como vai ser”, conta, ressaltando que prefere manter o diálogo para evitar conflitos com os proprietários do entorno.

“No início, a gente se assustou bastante, porque vimos muito nas redes sociais os impactos negativos. A gente tinha em mente que a energia eólica era um bicho de sete cabeças, mas quando me aproximei da empresa e não escutei só os órgãos defensores, vi que ali dentro poderia haver diálogo entre a empresa e a comunidade. Foi aí que a gente começou a colocar nossos critérios e limites. E o mais importante: que eles venham implementar isso aqui e tragam fruto para cá”, relata a presidente da associação quilombola. A partir das reuniões com a empresa conseguiu dela a doação de um terreno de 58 hectares, vizinho à comunidade, para fortalecer as ações da agricultura familiar, já que a maioria mora no local, mas não tem onde plantar.

Outra conquista mencionada pela líder comunitária foi o afastamento de uma das turbinas, previstas para ser instaladas a poucos metros da comunidade. No projeto atual, estampado no mapa afixado na parede da sede da associação, a torre mais próxima deve ficar situada no alto da serra, há exatos 590 metros da última casa da comuni-

dade. O Conselho Nacional de Meio Ambiente (Conama) propõe um distanciamento mínimo de 400 metros entre torres e casas, mas como a norma é de 2014, alguns especialistas recomendam a sua revisão porque, à época, ainda não se tinha conhecimento dos impactos por se tratar de uma nova tecnologia.

A virada de chave mudou para Diana Barbosa quando participou, com mais 14 pessoas da comunidade, de um intercâmbio promovido pela empresa no município de Lages (RN), onde visitaram uma comunidade que convive com um empreendimento energético. “Saía muita conversa que não podia criar gado, que ficava assombrado, então a gente levou também as pessoas mais idosas para ver. Fomos lá, no pé dos aerogeradores, e vimos que a realidade é totalmente diferente. A gente viu animais perto das hélices, as casas que ficavam próximas, eles fizeram outras mais distantes, e aquelas pessoas que acharam melhor morar na cidade, eles fizeram uma casa lá. Eu conversei com um serzenhinho e perguntei se ele se sentia incomodado com o barulho, e disse que não, que era como se fosse uma chuva vindo. E a gente percebeu que é mesmo”, minimiza Diana Barbosa.

A líder tem consciência de que a comunidade pode ser prejudicada de alguma forma, e, por isso, tem buscado dialogar com a empresa para que assuma o compromisso de compensar os possíveis danos. Caso o barulho incomode muito, podem ser feitas reformas nas casas e colocar revestimento de gesso para que consigam dormir mais tranquilos. O mesmo acredita que pode ser feito se acontecer rachaduras nas casas e cisternas. Para isso, pretende fazer um levantamento de tudo que existe na comunidade e registrar tudo antes da instalação definitiva para se garantir e ter como exigir possíveis reparos. “Eu mesmo vou sentar e pedir para empresa fazer isso com a comunidade”, antecipa, reconhecendo a necessidade de órgãos como o CECNEQ e o Ministério Público para orientar nesses acordos.

A estratégia de Diana Barbosa é procurar diminuir os impactos que certamente virão pela via da negociação, já que, para ela, barrar a instalação do empreendimento não é uma possibilidade. “Se fosse para parar, seriam nossos representantes, o poder legislativo... começando pelo presidente. Se o presidente deixou entrar no Brasil, quem somos nós para derrubar? Só uma comunidade quilombola vai fazer essa diferença todinha?”, indaga. Cansada da “mesma ladainha”, que um dia também já recitou, sobre os riscos da energia eólica, hoje adota a política de não escutar tanto quem vem de fora querendo interferir nas decisões, porque são os moradores que vivem a realidade.

“Conversando a gente se entende”, essa é a máxima adotada pela líder da comunidade quilombola. E conversando também pode-se entender melhor as razões de outras decisões como a de não prosseguir, junto ao Inera, como o pedido para regularização fundiária como território quilombola: a titulação das terras implicaria na desapropriação de

áreas do entorno e com a perspectiva de instalação do parque eólico na região, os vizinhos não veem como bom negócio se desfazer de suas propriedades.

“Hoje, a gente prefere não ter demarcação, porque ela se tornou um problema. Os nossos vizinhos não querem vender suas terras. Tem arrendado aí que vai receber muito mais de três mil reais por mês. Então, a gente não vai entrar em briga com eles”, argumenta Diana, tentando esbarrar em conflito. “E a gente sabe que quem está na liderança sofre mais a pressão, né? Eu tenho medo de me envolver nisso por minha pessoa e por minha família, por isso prefiro viver em paz e com pouco do que sofrer ou até ser assassinada, como tem acontecido com outras lideranças quilombolas”, confessa.

O medo tem razão de ser. Há um ano Diana passou maus bocados depois que uma empresa de mineração chegou na comunidade e, sem consulta prévia, retirou da serra três caçambas de um material alegando ser para fins de pesquisa. Ela conta que teve que acionar o Ministério Público e a Polícia Federal para barrar a extração. “A partir daí eu tive muito problema com isso. Com as várias pressões psicológicas, eu tive um surto e fiquei vários dias afastada do meu trabalho para me tratar e, até hoje, eu dependo de remédios para controlar minha ansiedade”.

Atualmente, a residência de Diana, assim como a sede da associação que ela preside, possui câmeras de monitoramento. A tec-



Presidente da associação quilombola, Diana Barbosa, indica o afastamento de uma das turbinas, previstas para ser instaladas a poucos metros da comunidade

nologia veio acompanhada da instalação de uma antena de internet da Starlink, no quintal de sua casa, e que serve tanto ao filho caçula, fã de jogos, como às atividades desenvolvidas pelo filho mais velho, um universitário que todos os finais de semana volta à comunidade para dar aulas de reforço, de inglês e desenvolver outros projetos, como um cineclube.

Essas e outras iniciativas, como a organização das mulheres na produção de doces, a construção de um barreiro e de uma unidade básica de saúde, têm fortalecido a identidade dos membros da comunidade, que passam a se reconhecer como quilombolas e só foram possíveis com a certificação do território. A titulação daria acesso à propriedade coletiva da terra e outras políticas públicas e, ainda, permitiria fazer valer a legislação de proteção dos territórios tradicionais que impõe uma distância mínima de oito quilômetros para instalação de empreendimentos, como os de energia eólica. Mas Diana acredita que essa seria uma luta inútil porque o processo é demorado e até conseguiriam a posse definitiva das terras, os empreendimentos já estariam funcionando. Prefere lutar barganhando, que quer revoltar. “Se Deus permitir que a gente morasse num local onde passa uma corrente de ar forte, é porque ele sabe que a gente merece coisas melhores. Somos o canto onde o vento é mais forte, por isso que eles fazem de tudo para ter o empreendimento deles nessa área porque não têm a riqueza que tem aqui”, alega Diana Barbosa.

(...) quando me aproximei da empresa e não escutei só os órgãos defensores, vi que ali dentro poderia haver diálogo entre a empresa e a comunidade

Diana Barbosa



REPRESENTATIVIDADE

Paraíba masculina, mulher forte

Há mais de duas décadas, o grupo As Margaridas fomenta a igualdade de gênero no interior do estado

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojr@gmail.com

É no trecho da PB-105, que recebe o nome de Rodovia Padre Ibiapina, sacerdote católico considerado subversivo e acusado de incitar o Quebra-Quilos, que encontramos As Margaridas, grupo de mulheres formado há mais de 20 anos, no Assentamento Ozziel Pereira, município paraibano de Remígio. Da sede do grupo até o Santuário Padre Ibiapina, em Solânea, para onde muita gente ainda segue em romaria, são cerca de duas léguas. Por trás d'As Margaridas fica o prédio da Escola de Ensino Integral Paulo Freire, mas que, no começo do acampamento do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST), era apenas uma casa de palha montada para alfabetizar os jovens e adultos. Adilma Fernandes, uma das seis Margaridas, foi uma das primeiras a ensinar na palhoça. Deixou o município de Esperança para engajar-se no movimento, no qual coordena o setor de gênero, responsável por articular e organizar as ações voltadas para mulheres do campo.

A luta de Adilma pela reforma agrária vem de berço, da luta dos avós por terra. “Eu tinha 12 anos na época e me lembro da primeira desocupação, de ver o batalhão e da gente lá no meio, até a conquista da terra”. Como a família era grande — quatro filhos —, as quatro tarefas de terra só garantiam onde morar. Numa marcha realizada pelo MST de Cajazeiras até João Pessoa, os trabalhadores acamparam em Remígio e descobriram que a propriedade onde Adilma mora atualmente já era considerada improdutiva pelo Incra. Decidiram ocupar, mas nem chegou a haver confronto. “A terra foi ocupada em setembro e, em dezembro do mesmo ano, ela foi desapropriada. Montamos a barraquinha e a gente passou a morar aqui: eu, o marido e os filhos”.

O papel de Adilma, assim como o de outras mu-

lheres, não era o de coadjuvante na organização do movimento. “O acampamento era mantido mais pelas mulheres, porque os homens saíam para trabalhar em outros municípios e a gente ficava. Esse assentamento foi fundado pela força das mulheres, por isso hoje a maioria dos empreendimentos aqui são delas”, argumenta. E enumera: tem o viveiro da Neide, que produz flores, suculentas e outras plantas; a Tapera da Vânia, um local para fazer festas ou comemorações e que oferece comida e artesanato; e, mais adiante, uma senhora que faz uma pequena produção de barro, além, é claro, d'As Margaridas. O grupo conta com uma cozinha industrial onde fabrica bolos e tapioca que repassa às escolas e órgãos públicos do município através do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), e que também fornecem refeições prontas ou cozinham em encontros e eventos.

O nome do grupo foi uma homenagem à resistência de Margarida Maria Alves, liderança sindical assassinada na presença do marido e do filho, em frente de sua casa, por lutar pelos direitos dos trabalhadores do Brejo e Agreste paraibanos. “A gente passava muita dificuldade, aí a gente dizia: ‘Nós não vamos desistir, vamos resistir como Margarida’. Aí ficou As Margaridas”, explica Adilma Fernandes, que também é coordenadora do grupo.

Ela acredita que, por ser o primeiro grupo feminino organizado no município de Remígio, As Margaridas têm ajudado a quebrar o poder que os homens exercem sobre as vidas das mulheres. Nos assentamentos do entorno — somente em Remígio são cinco assentamentos de reforma agrária —, as mulheres começaram a ver que era possível se organizar e tirar o sustento do próprio trabalho. “Depois que a gente começou a fazer a nossa produção, a gente deixou de depender de marido e de Bolsa Família, aí viramos referência”, orgulha-se. Além dos bons retornos financeiros —



Adilma Fernandes coordena o setor de gênero para articular e organizar ações das mulheres no Movimento dos Sem-Terra

no ano passado mobilizaram 50 mil reais em produção —, outro diferencial é a forma de organização e o incentivo à participação em palestras e eventos que discutem os direitos das mulheres.

“A independência financeira de uma mulher faz ela começar a ver o mundo de outra forma, porque uma mulher que depende do marido para tudo não tem capacidade de dar um passo à frente. Então, se ele diz que se ela o deixar vai morrer de fome, ela é capaz de achar que vai morrer de fome mes-

mo. E a partir do momento que a mulher tem sua independência financeira, ela consegue dizer não para muitas coisas”, avalia Adilma Fernandes.

As Margaridas tinham sonhos simples. Uma queria comprar uma geladeira sem ter que pedir ao marido. Outra queria possuir o direito de trabalhar no mesmo lote depois que se separou. Outra, ainda, não precise acordar cedo todos os dias para fazer o café ou necessitar estar com o almoço pronto antes que os filhos e o marido chegassem em casa, ao meio dia. Na casa de Adilma, por exemplo, como todo mundo trabalha ou tem atividades fora, a regra é quem chegar primeiro começa a preparar as refeições da família. “Faz 35 anos que eu sou casada e, se for contar os dias em que fiz o café da manhã, somando tudo não dá um ano”, brinca a agricultora.

Porém, o que nutre e une as Margaridas vai muito além da dimensão produtiva. Quando começaram a fazer bolsas, pinturas e panos de pratos era apenas um pretexto para se encontrar e conversarem sobre as situações que passavam no ambiente doméstico. “Foi aí que a gente des-

cobriu a violência que as mulheres vivenciavam em família. Então, foi só questão de formação, de nos organizar para ver como a gente poderia vencer essas violências”, relembra.

A expressão “a gente”, utilizada com frequência por Adilma, reforça o sentido do trabalho coletivo levado adiante com as companheiras Anilda, Ariane, Maria de Lourdes, Maria de Fátima e Maria Luzinete. Contudo, a locução pronominal concorda com a luta singular contra o machismo, presente tanto em casa quanto na organização do próprio movimento dos sem-terra. “Antes tinha essa visão de que a mulher sozinha não teria força de trabalho suficiente para manter um lote. Hoje, a gente conseguiu quebrar esse modo de ver. A participação da mulher nos espaços de coordenação também era bem difícil porque tinha muito preconceito, porém, hoje a direção do movimento sem-terra na Paraíba

é composta por mais mulheres do que homens”, compara. Um sinal dessa mudança está na própria constituição da diretoria do Assentamento: no início era apenas uma mulher que assumia a função de secretária e agora elas estão também como presidente e tesoureira. Outro avanço mencionado foi a criação do setor que coordena dentro do movimento, que tem ampliado o debate sobre novas relações de gênero e contribuído para uma maior participação da mulher na política.

“As mulheres aqui na Paraíba são guerreiras. Quando elas conhecem seu espaço de luta e de poder, elas ficam mais fortes. Elas guerreiam quando se organizam, quando ajudam outras companheiras, quando ajudam sua comunidade e sua família. Muitas de nós até sofremos ameaças de morte e, mesmo assim, continuamos na luta porque não temos nem tempo de ter medo”, sintetiza.

Poder

Nos cinco assentamentos do entorno, as mulheres começaram a ver que era possível se organizar e tirar o sustento do próprio trabalho



Na casa da agricultora Adilma, uma das seis “Margaridas”, a regra é quem chegar primeiro começa a preparar as refeições

HOMOAFETIVIDADE

Casais enfrentam várias resistências

No campo, para comunidade LGBTQIAPN+, os desafios por um pedaço de chão e a permanência nele são dobrados

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Célia e Gelda conheceram-se em 2011, ainda jovens, quando eram dirigentes do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST). Um ano depois, elas começaram a namorar e hoje dividem o mesmo sobrenome, Moura, e a mesma vida, em um lote de quatro hectares no Assentamento Celso Furtado, na região semiárida do município de Areia, no Brejo.

Diariamente, elas acordam por volta das cinco da manhã e já partem para a lida. Gelda começa alimentando as cabras e ovelhas antes de soltá-las no pasto, enquanto Célia encarrega-se de limpar o curral e colocar a comida para as galinhas. Depois, Gelda segue para aguar as hortas de verduras e de plantas medicinais e Célia vai cortar capim e palma para dar aos bichos mais tarde. Já perto das 10h, voltam para casa e, enquanto uma faz a limpeza, a outra começa a preparar o almoço. Depois da refeição e de um breve momento de descanso, recomeçam tudo de novo. No inverno, o serviço dobra. Além da plantação de algodão, precisam colocar também um roçado: e lá se vão plantar, limpar e colher.

Dobrados foram também os desafios enfrentados do casal pelo seu pedaço de chão, para permanecerem nele. A primeira barreira vencida foi entrar na relação de beneficiários do Incra, que é a lista das famílias selecionadas para o Programa Nacional de Reforma Agrária. A inclusão de Célia e Gelda só foi possível graças uma portaria publicada, em 2013, que autorizava a inclusão de casais homoafetivos, mas custaram muitas idas e vindas de documentos até conseguirem. “De início, houve uma resistência muito grande e, como a gente foi o primeiro casal de lésbicas da Paraíba, teve mais difi-



Célia Moura quebrando a ordem patriarcal: “A estrutura do campo ainda é muito machista”

culdade. Mesmo fazendo a união estável, como os outros casais héteros, a gente precisou ficar em cima. Se a gente não tivesse levado essa portaria e não mostrasse como foi todo o processo, não teríamos entrado na relação de beneficiários”, relata Célia.

Foram várias tentativas e justificativas solicitadas que fizeram com que o processo delas demorasse mais do que os de outras famílias. Mesmo que o caso tenha aberto as portas para outros casais de lésbicas e gays acessarem a terra, Célia defende que é preciso desburocratizar os processos com uma medida simples, porém, significativa: “Na inscrição está marido e mulher, não está esposa e esposa ou marido e marido. E isso é necessário mudar, mexer nessa estrutura burocrática porque alguém dos dois vai ficar como marido ou mulher”, explica.

Os enfrentamentos do casal começaram bem antes. Para Gelda, o primeiro desafio foi o da aceitação. “Eu me descobri lésbica aos 19 anos. Foi bem complicado aceitar que aquilo estava acontecendo comigo”, confessa. Com a família, adotou a tática de não deixar espaço para que os pais ou um dos seis irmãos se metessem nas suas decisões. “Nunca me perguntaram,

mas se perguntassem eu diria, não teria o menor problema”, afirma a paraibana que nasceu em Fagundes, mas migrou para Boqueirão quando ainda criança, com os pais que estavam em busca de trabalho.

Célia enfrentou a resistência do pai quando comunicou que iria viver com outra mulher. “Foi um escândalo. A Zona Rural é muito pesada quanto a isso. Meu pai disse um monte de coisa, mas eu já tinha minha independência, meu espaço para onde correr, se fosse o caso”. Depois de um ano sem falar com a filha, o pai procurou se informar melhor e mudou a visão. “Hoje, ele ama a Gelda”, conta Célia Moura.

Apesar de já se reconhecer como lésbica na juventude, foi graças às formações do MST que Célia pode aprofundar melhor as dimensões de sua sexualidade. “A partir dali eu tive liberdade para realmente conhecer esse lado que eu tinha, porque, no campo, a gente não tem tanto essa abertura. A estrutura do campo ainda é muito machista, muito pesada. Têm vários homens que são muito brutos, ignorantes, eles têm aquele jeito de ser e isso acaba atrapalhando o processo da pessoa se autoidentificar. A ideia é que mulher nasceu para cui-

dar dos filhos e homem nasceu para trabalhar na roça”, desabafa Célia.

Foi preciso quebrar, pouco a pouco, essa estrutura patriarcal também presente no movimento dos sem-terra no qual as duas se conheceram, em 2011. Para evitar qualquer burburinho, elas resolveram deixar claro que eram um casal numa reunião dos dirigentes do movimento. “É importante que você também tenha seu posicionamento, mas não dá para você se posicionar sem dizer às pessoas qual é a sua posição dentro da sociedade”, argumenta Célia. Elas também não fizeram questão de esconder que eram um casal para os agricultores que as acompanhavam no plantio, nem para os vizinhos do assentamento onde moram atualmente.

“Eu acho que o que faz as pessoas respeitarem a gente, e os demais que chegam depois, é a nossa vivência.

As pessoas foram desconstruindo aquele pensamento arcaico que elas tinham com relação aos LGBTQIAPN+. Todos sabem que moram duas mulheres nesse lote e que a gente trabalha como as outras famílias”, destaca Gelda. Essa desconstrução, no entanto, só ocorreu à medida que demonstraram que, como um casal de mulheres, poderiam assumir e tornar o lote rentável.

Conquistar o respeito exigiu ainda a adoção de algumas medidas duras, mas necessárias. Como o terreno era aberto, sem cercas, muita gente se achava no direito de colocar seus animais ou fazer dali um local de passagem. Célia teve que se impor e mandou colocar cerca elétrica para afastar os animais. As violações não pararam por aí. Em certa ocasião, um dos vizinhos chegou a dizer a Célia que o problema dela era falta de homem. “Eu tive que dizer umas coisas pra ele”, relata Célia, que decidiu com sua companheira colocar cadeado na porteira, depois que alguns homens passaram conversando em frente à casa e dizendo que ali viviam duas mulheres juntas, duas ‘sapatão’. “Isso acaba sendo um tipo de violência só por você ser mulher. É tudo bem mais difícil, porque você tem que estar direto provando às pessoas que você é capaz”, reconhece a agricultora.

A mais recente batalha enfrentada pelo casal é pela saúde. Há dois anos Gelda descobriu um câncer no tireoide. Depois de uma ci-

urgia e sessões de rádio e iodoterapia, ela fez alguns exames e aguarda os resultados dos médicos. “Eu me considero uma guerreira por tudo que eu já enfrentei na vida. Eu poderia muito bem ter baixado a cabeça e dito: ‘Não, vou parar por aqui! Eu não aguento mais essa luta, eu não quero mais’, porque não é fácil, todo dia é uma batalha diferente. Mas eu nunca estou pronta para parar”, partilha Gelda, que também enfrenta problemas decorrentes do contato que teve com agrotóxicos na infância e agora investiga uma possível fibromialgia.

A militante que atuou na Brigada do Quebra-Quilos do MST não desiste da batalha da vida. Gelda orgulha-se de colocar em prática as lições agroecológicas que aprendeu ao longo dos anos e de, com sua companheira, tornar-se referência para outros casais de lésbicas e gays que continuam a lutar para superar o machismo no campo. Um passo necessário, segundo elas, é garantir acesso à terra e ao alimento.

“Nem todo mundo quer ajudar quem é gay e quem é lésbica. A gente ainda vê muita violência de gênero dentro das comunidades rurais, por isso a minha luta maior é mostrar que as pessoas devem lutar por políticas públicas para não passar pelo que eu já passei”, afirma, referindo-se a não ter ao menos um pacote de cuscuz para fazer. “É preciso ver que, hoje, quem muda o Brasil é a agricultura familiar”, arremata Célia.



Gelda Moura colhendo o seu algodão; primeira barreira vencida foi entrar na relação de beneficiários do Incra como um casal de união

Uma revolta duplamente silenciada

De geração em geração, história dos levantes populares, como o Quebra-Quilos, vão desaparecendo da memória local e perdendo o senso de pertencimento do seu povo



Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

A Rua Quebra-Quilos é a única referência visível da revolta ocorrida há exatos 150 anos, na cidade de Fagundes, no Agreste paraibano. Situada na parte de trás da Igreja Matriz de São João Batista. Todavia, o que identifica o local onde eclodiu o primeiro levante da população contra o sistema de pesos e medidas é apenas uma pequena placa no alto de um casarão de platibanda que faz esquina com a Rua João Pessoa. Além da sinalização precária, a rua ainda divide o nome com a praça de eventos José Domingues Martins, um ex-prefeito da cidade. Mas é ali que, abrigados do sol por dois oitizeiros, os moradores aguardam as vans e micro-ônibus que os levam aos sítios ou à Campina Grande. Espalhados pela praça, estão quiosques onde funcionam lanchonetes e uma loja de conserto de celulares.

Descendo a rua por onde, provavelmente, os sediciosos seguiram para jogar as balanças e pesos no açude, encontramos duas casas de alvenaria que se diferenciam das demais pelo estilo simples e as cores mais vivas: a primeira, de paredes grossas em adobes de barro, com pequenos ornatos na fachada, uma porta e três grandes janelas, abriga a Escola de Arte Popular; a segunda, de esquina com a Rua Engenheiro Edmundo Borba, só contém portas pelas quais é possível ver a mesa de sinuca e os jogadores que se alternam entre o taco e o copo de cerveja.

É sábado, dia de feira em Fagundes, e, apesar da movimentação, algumas coisas estão bem diferentes daquele 31 de outubro de 1874. Os feirantes agora estão em frente à igreja, depois de uma outra praça que também tem nome de ex-prefeito. São pouco mais de 50 braças desde a primeira barraca de verdura de Dona Maria Balbino, até a última, em frente ao Mercado Público Municipal. Apesar de pequena, na feira encontra-se de quase tudo: de frutas, legumes e temperos até utensílios e roupas, sem falar no tradicional pastel com caldo de cana.

Dona Maria ainda guarda lembrança de alguns pesos de ferro antigos, que utilizava na antiga balança, doada recentemente a um amigo comerciante. Para pesar os quiabos escolhidos pela freguesa ela, agora, faz uso de uma balança de mão digital. As batatas, cenouras, cebolas e tomates não precisam ser pesados, são vendidos ao mói, em pequenas quantidades colocadas numa rede plástica determinadas pelo olhar da feirante.

Um século e meio depois, o sistema de pesos e medidas

franceses implantado na época do Brasil Império, estopim da revolta do Quebra-Quilos, ainda não é unanimidade: as gramas e quilos, agora medidos com precisão digital, convivem também com palma (de banana), a mão (de milho), a cuia (de farinha), a quarta (de feijão), a saca (de milho), a banda (de rapadura) e até a dose (de cachaça). Para as distâncias ainda é comum falar-se em léguas e braças, os terrenos são medidos em hectares, alqueires e tarefas, as cordas medem-se pelo palmo. Certos hábitos são difíceis de apagar da memória popular. O mesmo não se pode dizer dos reais motivos que provocaram o levante que nasceu naquela cidade e alastrou-se, nos meses seguintes, pelas províncias do Rio Grande do Norte, Pernambuco e Alagoas.

Diferente dos quilos de ferro que faz questão de guardar, as memórias de Dona Maria sobre o Quebra-Quilos são pouco concretas. Ela lembra apenas dos causos que a tia contava. O agricultor aposentado José Joaquim da Silva, conhecido como Seu Tutu, ainda recorda das histórias que ouvia do avô paterno, mas, depois de tanto tempo, as ideias já se misturam. “Tudo começou porque as medidas não davam mil gramas. Aí o povo foi se revoltando, se revoltando e houve uma revolução muito grande nessa cidade. No dia, o pessoal do sítio ficou até com medo de vir aqui, parecia até uma guerra, aí entrou uma balança de mil gramas. É tudo que eu sei”, conta.

De geração em geração, os detalhes e as outras razões por trás do Quebra-Quilos vão sendo perdidos na cidade onde tudo começou. “Eu escutava mais desse pessoal de idade, porque o pessoal mais jovem não fala muito, não. O que eu sei é aquilo que minha tia sempre falava, que teve essa revolta, né, porque tudo era pesado... E o povo se revoltou e jogou os pesos no açude velho”, relata a costureira Maria do Socorro da Silva, que há sete anos mantém uma barraca de roupas no Mercado Público Municipal.

Ao lado, o açougueiro Carlos Oliveira, mais novo que Maria do Socorro na idade e também no mercado, diz que na



Feira de Fagundes, agora se encontra em frente à igreja, o que identifica a revolta de 1874. Um quiosque plásticos no alto da rua e a placa da rua, acima, à esquerda.

Fotos: Julio Cezar Peres



Hoje, Dona Maria Balbino faz uso da balança digital

cidade alguns falam com orgulho, mas a maioria desconhece o que foi a revolta. “Eu sei que começou por Fagundes, porque não concordavam mais com a forma que estava sendo feita a comercialização de mercadorias. É o que os fregueses antigos daqui contam”, repro-

duz Carlos, enquanto pesa as carnes dos clientes na balança digital.

O professor de história do município de Fagundes, João Andrei, também só tomou conhecimento do Quebra-Quilos quando precisou estudar para o vestibular da Universidade Federal de

Campina Grande (UFCG). Preocupado com o desconhecimento da maioria dos fagundenses sobre sua história, decidiu tratar dos levantes populares ocorridos em sua terra natal — além do Quebra-Quilos, ele recupera o movimento do Ronco da Abelha (1852) e a contenda em torno do abastecimento de água que chamou de Quebra-Canos (1983) — e ainda hoje procura incentivar essa memória em seus alunos.

“As pessoas daqui ainda tem muito a ideia de que o Quebra-Quilos foi um movimento contra os pesos e medidas, mas ele é bem mais amplo. Seria importante conhecer todo o contexto de exclusão social da época, a exploração dos pequenos comerciantes com a cobrança de imposto, a questão da escravidão e até as mudanças ocorridas com o Ronco das Abelhas, que tiravam um pouco o poder da igreja”, explica o professor.

Andrei acredita que recuperar esses eventos do passado ajudariam as novas gera-

ções a criar um senso maior de pertencimento e, consequentemente, de maior valorização enquanto povo. Ele argumenta que se estuda muito sobre a história dos portugueses e até da invasão holandesa, mas muito pouco das histórias locais e regionais e, por isso, decidiu tomar essa como uma de suas bandeiras na cidade. Por ora, o que tem feito é disponibilizar aos colegas professores para ir às turmas falar sobre o Quebra-Quilos, mas sonha com a possibilidade de uma cartilha escolar sobre a revolta para trabalhar com os diferentes tipos de ensino, por exemplo.

As ideias do professor são muitas para preservar a memória local. Um primeiro passo seria revitalizar o açude velho, que segundo o professor funciona como um fossa a céu aberto. Seria necessário também criar um monumento que se tornasse um marco histórico da cidade. Andrei defende, ainda, a criação de um memorial e a instituição de uma semana sobre o Quebra-Quilos, com palestras e outras atividades que envolvam a sociedade como um todo para valorizar o legado coletivo das classes populares.

A batalha de João Andrei é para que o conhecimento sobre a revolta do Quebra-Quilos não fique somente na academia, mas ele tem consciência de que o esquecimento coletivo se deve a origem dos participantes desse movimento. “Não é uma história de oligarquia, com a participação da elite brasileira, da elite política e econômica. É uma história feita pelo povão e não era interessante para elite, que escreve a chamada ‘história oficial’, colocar em evidência um movimento como esse que foi chamado até de “revolta dos matutos”, enfatiza o historiador fagundense, que vibra com a possibilidade de aprovação pela Câmara de Vereadores de Fagundes de uma proposta de lei que institua a Semana Municipal do Quebra-Quilos e torne a data de 31 de outubro o dia oficial do movimento na cidade.



Principais cidades que participaram da Revolta do Quebra-Quilos, na Paraíba

